



REVISTA HIPÓTESE

ISSN: 2446-7154

VOLUME 2, NÚMERO 4, 2016

**DOSSIÊ –
AS GEOGRAFIAS QUE APRENDEMOS: TRIBUTO À LÍVIA DE
OLIVEIRA**

O propósito desse dossiê é o de homenagear a insigne professora Lívia de Oliveira, reunindo artigos, ensaios e memórias originais e inéditos que, de alguma maneira, evidenciem sua contribuição no caminho formativo e/ou na construção da ciência geográfica.



A ideia de reunir pessoas que foram orientadas pela Lívia para escreverem a respeito dela, em uma obra em sua homenagem, é uma forma de agradecê-la, ao mesmo tempo em que isso possibilita deixar registrada sua maneira de trabalhar, apaixonadamente, pela formação de cada um de seus orientados, o que também significa sua dedicação pelo avanço da geografia.

O resultado dessa ideia apresenta-se aqui, como o dossiê temático desta edição da Revista Hipótese.

Edição: Ivan Fortunato (Nutecca) & Tiago Vieira Cavalcante (Nutecca)

SUMÁRIO

DOSSIÊ

Editorial – Ivan Fortunato & Tiago Vieira Cavalcante	3
Por que Livia? – Roberto Teixeira Lima	5
Meu mestrado com a Livia – Lucila Goes	9
A Geografia que aprendi com Livia – Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti	11
O que aprendi com Livia – Paula da Cruz Landim	19
Prosa de caipira: relatos de um lugar chamado Livia de Oliveira – Henrique Albiero Pazetti	25
Liberdade e rigor com Livia de Oliveira – Maria Bernadete Sarti da Silva Carvalho	29
Homenagear Livia de Oliveira é boa ideia e coisa prá todo dia – Marcos Mergarejo Netto	33
Livia de Oliveira e a essencialidade geográfica – Abílio Moacir de Azevedo	36
Livia de Oliveira e o Saber com Sabor – Tiago Vieira Cavalcante	49
A geografia na travessia entre aprendiz e mestra – Thiago Rodrigues Gonçalves	51
O cortejo de um lugar com Livia de Oliveira – Ivan Fortunato	54
Trajeta casa universidade: contribuições de Livia de Oliveira – Ismail Barra Nova de Melo	59

MOSAICO

Arquitetura e percepção – Rosio Fernández Baca Salcedo	70
De rio em rio, meus olhares se encantam com a magia das águas – Livia de Oliveira	90

*EDITORIAL***UMA EDIÇÃO ESPECIAL SOBRE LÍVIA DE OLIVEIRA, GEÓGRAFA**

**Ivan Fortunato
Tiago Vieira Cavalcante**

Entre Itapetininga e Rio Claro, 22 de outubro de 2016.

Os sonhos meus, lindos são!
Sobem pelo Futuro ufanos, orgulhosos
E, terrivelmente audaciosos,
Penetram na Quimera
Qual, pela atmosfera
Ascende mágico avião...

Rachel de Queiroz

Existem pessoas que cruzam nosso caminho e deixam marcas profundas. Passam a compor o ser que somos como lembranças latentes, daquelas que sempre voltam quando menos esperamos. O tempo passa... dias, semanas, meses, anos, e nos vemos pensando nas lições que essas pessoas nos ofereceram. Lívia de Oliveira é uma dessas pessoas.

Ao lermos os textos deste dossiê, intitulado *As Geografias que Aprendemos: Tributo à Lívia de Oliveira*, compreendemos a importância dessa emérita professora que há muito tempo vem se dedicando à Geografia, fazendo parte da história dessa ciência. Seu pioneirismo, na geografia brasileira, na fundação de várias frentes de pesquisa e ensino (Didática da Geografia, Cartografia Escolar, Percepção do Meio Ambiente, Geografia Humanista, entre outras), pode ser notado no conjunto de suas publicações, mas também nas diversas dissertações e teses que orientou; talvez seu maior legado.

Essas várias orientações, os singulares ensinamentos e aprendizados provenientes da relação existente entre orientadora e orientandos e orientandas,

agora podem ser apreendidas a partir dos afetuosos relatos que foram escritos por aqueles que tiveram a oportunidade de estar ao lado de Lívia. É de impressionar a intensidade e pluralidade de vivências que cada um deles teceu junto dessa insigne professora.

Nos muitos textos que compõem este dossiê, preciosas experiências pessoais são contadas, mas, o que realmente se revela é a capacidade pessoal e profissional de Lívia em iluminar os caminhos do fazer geográfico de cada um de nós, seus alunos e alunas. Característica daqueles que ensinam com paixão, que amam a sua profissão e, como verdadeiros mestres, sonham junto com seus aprendizes.

Algumas frases aqui registradas recuperaram memórias de ontem, outras, de mais de trinta anos atrás, quando Lívia começou a orientar na pós-graduação. Neste dossiê, deixam de ser lembranças pessoais para se tornarem compartilhadas. E que, nesta partilha, os ensinamentos da Lívia se multipliquem, e continuem instigando a busca por novas geografias.

*DOSSIÊ***POR QUE LÍVIA?****Roberto Teixeira Lima¹**

Papai, porque eu me chamo Lívia? Passei anos pensando quando e como seria o momento, me preparando para responder tal pergunta.

Lívia, minha filha, a nossa menininha, como é carinhosamente chamada, nasceu em 19 de julho de 2010 quando essa questão já estava resolvida. Desde antes de confirmarmos, já estava decidido: se fosse menina, seria “Lívia”.

Todos podem imaginar, e quem já fez isso sabe que a escolha do nome de um filho ou filha não é uma decisão fácil, que pode envolver desde sugestões colecionadas das mais variadas fontes, desde familiares e amigos mais próximos até completos estranhos, com quem estamos em contato pela primeira vez. Conhecidos e anônimos, qualquer pessoa poderá apresentar a sugestão de um nome para a criança esperada. As sugestões percorrerão toda a gama do alfabeto, de A a Z, de Aarão a Zunzunei. Serão simples, duplos ou até triplos. Para garantir a tradição religiosa, serão bíblicos ou santificados e, pela inovação, serão diferentes, ousados e polêmicos.

Mas, no nosso caso, isso não aconteceu. Sem dar chance para debates já esclarecíamos, resumindo e encerrando a discussão infrutífera com uma frase curta e sem dar oportunidade para tentativas de contraposição ou convencimento: - Nós já decidimos, vai ser Lívia. Sim, “nós” mesmo! Porque foi uma decisão conjunta, minha e de minha esposa, que sentia a mesma facilidade que eu, ao afirmar e reafirmar a decisão objetiva, despachando qualquer interlocutor que teimasse em ofertar sugestões. E assim foi feito!

¹ Realizou doutorado em Geografia com a Lívia entre julho de 2006 e agosto de 2008.

Desde então, na minha imaginação, construí diferentes cenários do momento que viria, num futuro breve ou mais distante, em que se explicaria à maior interessada nesta história o porquê da decisão enfática tomada tempos antes daquele instante.

Por que Lívía?

Porque é uma homenagem! Uma forma singela e sincera de demonstrar nosso respeito e admiração por uma pessoa que também se chama Lívía. Com respeito e admiração, escolhemos uma consideração única, decisiva, pensada e realizada com amor, contendo e expressando sinceramente tanto carinho quanto sente um verdadeiro pai por sua filha, e uma verdadeira mãe por sua filha. Assim, a recém-nascida se tornou a nossa Lívía, porque existe outra, a Lívía.

Voltando para antes desse tempo, certa vez, eu estava perdido, sem rumo, literal e figurativamente desorientado, quando uma pessoa muito sábia me disse para procurar a Lívía. Pois, se houvesse algo a fazer por mim, para resolver meus problemas, ela poderia me ajudar e me mostrar uma direção para que pudesse reencontrar meu caminho. Tive medo. Poderia eu, um mero iniciante, buscar o conhecimento diretamente na fonte da qual só ouvira falar da existência e aprender com aquela que foi mestra de tantos doutores?!

Superada a barreira invisível do medo, resolvi procurá-la. E fui. Ela estava lá. E falei. Ela me escutou atentamente. E, com a simplicidade e a dignidade de quem sabe, ela me aceitou. Daí, começamos uma caminhada juntos. A Lívía pegou minha mão e me levou de volta ao começo. Do que eu já tinha desenvolvido, aproveitamos muito pouco, pois quase nada seria útil. Jogamos fora tudo o que não nos serviria ou não nos interessava, e começamos nova trilha, juntos! Foi então, que senti que estava, finalmente, na direção certa. A cada passo, eu podia olhar para trás e ver o caminho trilhado, construído até então, e olhar para frente e perceber um novo caminho adiante.

E, durante toda a jornada, a Livia ficou comigo. Do começo ao fim, ela esteve comigo me mostrando o caminho, corrigindo meus passos, antecipando os percalços do porvir. Mostrando e iluminando o percurso como faz quem tem brilho próprio. Ela foi a estrela a me guiar.

A jornada a que me referia iniciou quando decidi não continuar desorientado e procurei a coordenação do PPG em meados de 2006, manifestando minha insatisfação e preocupação com o andamento do meu doutorado, e me foi sugerido pela professora Lúcia Helena Gerardi, coordenadora à época, que eu poderia procurar a professora Livia de Oliveira para conversar a respeito da possibilidade de ela passar a ser minha orientadora. Feito isso, trabalhamos juntos até agosto de 2008, quando defendi a minha tese de doutorado “Percepção e cognição de problemas urbanos por adolescentes de Joanópolis (SP)”² (Geografia, UNESP, Rio Claro), sob sua orientação magistral.

Por isso, quando nossa Livia nasceu, recebeu o nome dessa pessoa maravilhosa que decidimos homenagear precisamente com o que temos de maior valor e que mais amamos na vida, nossa filha. Ao longo desses anos mantive contato com a Livia. Um contato disperso, pois o destino nos levou por caminhos que se entrelaçam e se afastam. Coisa típica da vida que segue, nos levando a obedecer a rotinas ou nos surpreendendo ao acaso. Mas, seja como, quando ou onde for, nosso pensamento vai onde a Livia está, levando nosso amor e respeito, pois a nossa Livia está presente em nossa vida e, assim, nos faz lembrar continuamente da Livia que, mesmo estando distante, especialmente, está junto de nós, em pensamento.

Então, por que Livia?

Porque a Livia é admirável, sem exagero.

² LIMA, Roberto Teixeira de. **Percepção e cognição de problemas urbanos por adolescentes de Joanópolis (SP)**. Tese (Doutorado em Geografia). Rio Claro: Instituto de Geociências e Ciências Exatas, IGCE, UNESP, 2008. Orientação: Profa. Dra. Livia de Oliveira.

Porque o destino nos concedeu uma oportunidade ímpar de homenagear alguém que merece.

Porque quando amamos alguém queremos estar próximos, mesmo estando distantes.

Porque desejamos que você seja como ela, em tudo que quiser ser, da simplicidade à completude.

Enfim...

Porque sim!

*DOSSIÊ***MEU MESTRADO COM A LÍVIA****Lucila Goes³**

Cheguei a Rio Claro com pouquíssimas referências sobre o trabalho de Livia, e menos informação ainda sobre a elaboração de um trabalho acadêmico. Quando vi no edital de inscrição para o programa de mestrado que ela oferecia uma vaga apenas quase desisti, achei que não teria chance. Mas, como já havia viajado de São Paulo até lá, fiz a inscrição e as provas para a seleção, inclusive uma entrevista com o professor Christofolletti, que a substituíria no processo.

Não sei o que foi maior: minha surpresa ou minha alegria por ter sido selecionada. Mais surpresa ainda quando, no início das aulas, vi que na verdade ela havia aberto uma segunda vaga para me receber. Imagine a responsabilidade! Maior ainda porque meu objeto de interesse poderia ser um “filhote” do trabalho de livre docência dela.

No decorrer de nossa convivência ela me amparou, estimulou e orientou no sentido mais rico que esses termos possam indicar: passei por uma cirurgia que me afastou seis meses de todas as atividades, engravidei meses após o retorno dessa licença, terminei os créditos e iniciei a dissertação com uma bebê recém-nascida, enfim dificuldades que teriam feito com que eu desistisse, não fosse a lembrança da consideração que ela teve desde o início, como uma verdadeira Mestra indicando caminhos, propondo soluções para seus orientandos.

Particularmente afetivas são minhas lembranças de sua acolhida calorosa, com direito a sopa quente, nas noites em que me hospedou em sua casa nas inúmeras vezes que fui a Rio Claro para discutirmos a dissertação, em tempos

³ Professora de geografia aposentada da prefeitura municipal de São Paulo. Realizou mestrado em Geografia com a Livia entre 1978 e 1983.

pré vídeo conferência ou internet. Assim, concluímos o trabalho, a dissertação “O ensino-aprendizagem das noções de latitude e longitude no primeiro grau”.

Acho que só não consegui cumprir uma tarefa que havia me colocado em relação a ela: não segui a carreira acadêmica, pois percebi que não tinha o perfil requerido para essa atividade. Mas, no caminho que segui, seus ensinamentos e exemplos foram sempre uma direção e um rumo que com certeza enriqueceram meu trabalho e minha visão da Geografia que se ensina.

Um abraço caloroso e saudoso de sua aluna

Lucila.

*DOSSIÊ***A GEOGRAFIA QUE APRENDI COM LÍVIA****Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti⁴**

Nosso olhar para as nossas sérias mazelas está se dirigindo a uma nova razão, descortinando-nos um novo olhar de conhecimento, enfim, um novo humanismo, eivado de afetividade, de humanidade e, porque não dizer, de humildade diante da natureza (Lívia de Oliveira).

Quanto cogitei para escrever este texto em homenagem à professora Lívia de Oliveira! Ante a grandeza da sua obra, minha opção foi, então, a de grafar um texto pessoal, simples e que demonstre minha eterna gratidão por sua contribuição em minha formação profissional. Mas, como é difícil começar um texto! Assim, pensei em “iniciar pelo começo, mesmo”, ou seja, como a conheci pessoalmente.

Era junho de 2005, em Londrina, mais especificamente no Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente, promovido pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) em sua homenagem. Foi aí que, com a ajuda de uma amiga-professora conheci pessoalmente a professora Lívia e, corajosamente, apresentei-me a ela, falando da minha admiração e, ao mesmo tempo, pedindo sua ajuda para fazer doutorado. Ela, então, disse-me: “vamos nos encontrar no fim da tarde para conversarmos”. Fiquei muito apreensiva, pois me adiantaram: “se ela marcou, é porque foi com sua cara”! Pensei... e agora, o que faço?!

⁴ Professora doutora dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Geografia, Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais – DCAA, Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, Ilhéus, Bahia, jaque@uesc.br. Realizou doutorado em Geografia com a Lívia entre fevereiro de 2006 e dezembro de 2009.

Pois bem, conforme marcou, Livia estava lá no fim da tarde, em minha frente, perguntando quem eu era, o que queria dela... e foi assim que tudo começou. Desse momento tenho a eterna lembrança e gratulação por ter me dito uma simples e verdadeira frase, que aliviou meu coração: “o que me interessa é o ser humano e não o seu currículo”! Até então, não tinha a pretensão de que me orientasse no doutorado, mas que somente me indicasse a algum professor de sua amizade, convívio. No entanto, depois desse dito acalentador, fui logo lhe explicando que gostaria de fazer doutorado e ela prontamente disse-me para eu mandar meu projeto de pesquisa e que depois voltaríamos a conversar... mas, não sem antes dizer: “conheci um rio na Chapada Diamantina, bem perto da nascente, muito lindo... ainda vou estudar esse rio!”

E, foi assim que se iniciou uma “longa” história de 11 anos em que há conheço. Em 2006 iniciei meu curso de doutorado em Geografia na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) de Rio Claro, tendo a professora Livia como minha orientadora na pesquisa sobre percepção do rio das Contas, o qual nasce na Chapada Diamantina e deságua no sul da Bahia, defendendo a tese (Chiapetti, 2009) intitulada “Na beleza do lugar, o rio das Contas indo... ao mar”.

O destino das águas de um rio é encontrar-se com as águas do mar. Da mesma forma, o doutorado me levou ao encontro da professora doutora Livia de Oliveira, para juntas viajarmos pelos cantos e encantos do rio das Contas, através da ciência e da arte, ao me dizer: “quero ciência e arte, pois esta está sempre na vanguarda”. Ressalto que a mais bela paisagem dessa pesquisa foi a imagem dessa “jovem” professora apaixonada por rios, em dezembro de 2007, na época aos 80 anos de idade, navegando pelas águas agitadas do rio das Contas, descendo e subindo em suas margens... para me acompanhar na pesquisa de campo e vivenciar o rio que conhecera próximo da nascente e,

agora, no encontro com o mar. Como diz o poeta, cantando seu rio: feliz de quem leva nas veias as águas de um rio da infância - sangue da vida!

A professora Livia me contou que tinha um rio da infância, desde quando morava na vila ferroviária de Mairinque, estado de São Paulo, lugar onde nasceu, mesmo que lá não tivesse rio, nem grande nem pequeno. Esse seu rio era o Tietê, o qual na década de 30 do século XX, como ela mesma dizia “era limpo, grande e lindo... glorioso, histórico e geográfico”, seu rio da infância! Assim, da mesma forma que (re)lembrei meu rio da infância - o Marrecas, que banha o município de Francisco Beltrão, no sudoeste do Paraná, estudando um flúmen da Bahia - o rio das Contas, Livia rememorou o seu rio Tietê, ao me orientar no doutorado.

Ainda, com relação a rio, eu e a professora Livia publicamos um capítulo de um livro da Pós-graduação em Geografia da UNESP de Rio Claro (Chiapetti; Oliveira, 2010), sobre nossa pesquisa no rio das Contas. O capítulo se intitula “No gorgulhar do rio das Contas... um lugar para os itacareenses”. Entretanto, mais especificamente sobre minha tese, que foi publicada como livro de mesmo título, Livia não quis ser autora, justificando que era somente meu e que seria melhor para mim, se eu fosse a única autora, mostrando seu papel de “mãerientadora”. Contudo, ela o prefaciou, com lindas e carinhosas palavras.

Não poderia deixar sem registrar aqui nesse texto em homenagem à professora Livia que, devido ao seu empenho, o livro “Itacaré: cancionero histórico-geográfico de sua gente” (Nogueira, 2009) foi publicado, inclusive, titulado e prefaciado por ela. A história desse livro é bem peculiar e se iniciou devido à minha pesquisa do doutorado, por isso vou contá-la, resumidamente. Uma moradora/cabocla/líder comunitária de Itacaré (último município do percurso do rio das Contas) tinha um manuscrito sobre o lugar, disponibilizando-me a parte sobre o rio das Contas e quando Livia tomou conhecimento dessa “joia” foi logo dizendo: que texto é esse, quem o escreveu, preciso conhecer?!” Foi então que, a partir daí houve o seu encontro com essa

escritora, uma empatia imediata e que levou à publicação do referido livro, com parte dos recursos financeiros da própria Lívia. Depois de algum tempo, quando ele já havia sido publicado, Lívia veio nos visitar aqui em Ilhéus e acabamos sendo convidadas para saborear uma deliciosa galinha ao caldo de cana, preparada por sua nova amiga-escritora de Itacaré, conduzida pelas águas do rio das Contas... uma bela, emocionante e produtiva história!

Sobre “mãerientadora”... ah, isso Lívia foi mesmo! Quanta bronca, quantas lágrimas... “tudo para você não ter problemas na banca; chore agora, mas não vai chorar no dia da defesa”, eram algumas de suas frases no período de orientação. Ela fazia perguntas do tipo: você está estudando bastante? O que está lendo? O que está escrevendo agora? E o dia que me telefonou para perguntar se eu conhecia o rio Reno e eu disse: “não o conheço, professora”. Imagino que ela tenha ficado decepcionada e eu posso afirmar que esse questionamento marcou a minha memória! Nesse dia pensei: “será que devo desistir, já que não conheço o Reno?!” Suas críticas, um tanto duras - como ela mesma dizia numa autocrítica: “sou muito briguenta, brava” - fortaleciam-me como pessoa e acabavam por me fazer estudar ainda mais, encorajando-me no pensamento científico de natureza verdadeiramente humana.

Foram alguns momentos difíceis, mas de muito aprendizado, com o seu jeito de orientar, de chamar a atenção: “leia o que eu escrevi, leia os autores que eu cito, estude, leia, aprenda, você é doutoranda”. Mas, depois desses instantes, Lívia se tornava uma amiga querida, que participava da minha vida e convidava-me a entrar na sua, levando-me junto com minha família para dentro da sua casa, do seu lar, para conviver com seus sobrinhos e sobrinhas, que tanto ama!

Quanto à Geografia que aprendi com minha orientadora, Geografia Humanista, não me veio assim tão de repente, já que até então nunca tinha a estudado. Para tanto, fui lendo, estudando, ouvindo Lívia, “lendo Lívia”, escrevendo... sendo corrigida, criticada... reescrevendo, lendo, estudando... foi esse meu processo de aprendizado. E Lívia, como professora-orientadora, foi

perspicaz, teve muita sabedoria e, principalmente, simplicidade, o que junto com a intuição me levaram à produção de conhecimento científico, em direção à literatura e à arte. E como me identifiquei com o que ela me ensinou!

A importância do pensamento de Livia de Oliveira está exatamente na paixão pela Geografia, nem física, nem humana, simplesmente Geografia... na paixão com que pensa, faz, escreve, ensina e orienta Geografia... mas, também, na paixão pela vida, pelas pessoas, principalmente por aquelas que acolhe como verdadeira geógrafa-professora apaixonada eternamente pela Geografia. Em 2006, em uma entrevista dada à revista Geosul (Furtado, 2007, p. 17), ela disse: “Tudo que fiz na vida foi com paixão, nunca por obrigação. E esta paixão, desde que entrei na Geografia, continua até agora. A gente tem que gostar de Geografia, tem que ir ao campo, dar aulas, escrever, ir a congresso, não por obrigação. Tem que fazer porque gosta”.

Em outra entrevista à revista Ensino e Pesquisa (Risso, 2007, p. 8), Livia falou sobre ela mesma:

Desde menina sonhava conhecer outras paragens, viajar, estudar, falar e entender outras línguas, compreender porque o mundo não era igual, porque era tão diferente de um lugar para outro. Todo este sonho foi realizado e muito mais. Estudei Geografia e, assim, pude compreender as diferenças e os contrastes. Viajei para inúmeros países e conheci outras pessoas e outros modos de viver. Fiz uma carreira universitária, galgando todos os graus possíveis. Escrevi artigos sobre Geografia e suas relações e suas paisagens. Amo com dedicação os meus sobrinhos, depois os sobrinhos-netos e, agora, acompanho a caminhada dos sobrinhos-bisnetos. Fui uma moça alegre, que gostava de dançar, conversar, rir e chorar. Sou uma pessoa contente comigo mesma. Prezo as minhas amizades, meus colegas, meus alunos e, principalmente, amo de paixão a minha Geografia.

É difícil separar Livia da Geografia, pois ela mantém uma relação profunda, entranhada e afetiva com a vida, sentindo-se e sabendo-se estar ligada à Terra... realizando-se em sua condição terrestre. Ela é uma reflexão filosófica, uma viagem intelectual, ligando temas geográficos diversos, envolvidos

profundamente na palavra espaço, múltiplas Geografias... Nesse seu transcurso fenomenológico pela Geografia, sujeito e objeto estão imbricados, pois nem o físico nem o humano são pensados em separado. Para Livia, o espaço geográfico é um espaço substantivo, material... é o mundo existência, dos lugares, das paisagens, do vivido... que reorganiza as dimensões do conhecimento e, principalmente, da vida.

Livia tem um grande amor e encantamento pela Geografia, um enorme vínculo afetivo, géographicité, sendo considerada um ícone da alfabetização cartográfica no Brasil, como também, pioneira da Geografia Humanista nesse país. Em seu caminho epistemológico optou, mais recentemente, por essa orientação em Geografia, pois foi com seus estudos sobre percepção do meio ambiente, iniciados na década de 1970, que iniciou essa maneira de fazer Geografia, “sustentada pela valorização da vida e do homem” (Marandola Jr, Gratão, 2003, p. 8). A própria Livia fala sobre Geografia Humanista:

A Geografia Humanista considera que na ciência é preciso haver afetividade, que não se pode pensar as coisas friamente, objetivamente. É preciso que o geógrafo coloque-se no seu campo de estudo e observe de que maneira as pessoas percebem o lugar. Na questão do meio ambiente, a ética está relacionada ao amor. Se eu não tiver amor a um lugar, não posso cuidar dele, pois não vou conservá-lo, vou explorá-lo e destruí-lo (Giraldi, 2011, p. 11).

É simplesmente assim que essa geógrafa-professora ensina Geografia Humanista! Mesmo com seu jeito ríspido, briguento, ensina amando seus orientandos e os convidando a também amar... dedicar-se ao que estão fazendo, amando seu objeto de estudo, seu lugar de pesquisa, caminhando, ouvindo as pessoas, experienciando, vivenciando... e ousando, pois como ela mesma diz: “para fazer Geografia Humanista é preciso ousar”!

Marandola Jr e Gratão (2003, p. 9-10) assim escrevem sobre a Livia-professora, em um texto que fizeram em sua homenagem:

[Ela] não apenas originou a preocupação com a “perspectiva humanista” em Geografia, via Piaget, mas também contribuiu significativamente para a difusão destas ideias, através de sua prática e pesquisa científica, além de seus alunos-aprendizes que apreenderam e depois foram ensinar em vários cantos e recantos do país, aprofundando e (re)lembrando-se das bases lançadas e traçadas por esta (pre)cursora e grande mestre da Geografia no Brasil.

E, no caminhar da Livia sobre a Terra, a “sua” Geografia Humanista - que considera os sentimentos, a afetividade e rearranja muitos problemas filosóficos - segue relacionando a percepção e a cognição do meio ambiente à paisagem, ao lugar e à experiência - é no lugar que se dá a experiência - mas, também, está intimamente ligada a estudos que cingem a afeição Geografia e Literatura, essa a preferida dessa geógrafa-professora. Afinal, a Geografia é uma só e estuda a essência da relação pessoas-meio ambiente.

E, assim, com palavras vindas do coração termino esse texto:

Querida professora Livia, desfrutar de seus inestimáveis ensinamentos e de sua amizade me propiciou momentos inenarráveis, os quais se não consegui colocar nesse texto, tenha certeza, estão em meu coração e minha memória! Abraços mais que carinhosos, com imensa gratidão e ternura, de uma aluna e amiga que muito a respeita e admira!



Com a Livia, em 07 de dezembro de 2009,
na defesa do meu doutorado.

Referências

CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira. **Na beleza do lugar, o rio das Contas indo... ao mar**. 2009. 216 f. Tese. (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Rio Claro, SP, 2009.

_____; OLIVEIRA, Livia. No gorgulhar do rio das Contas... um lugar para os itacareenses. In: FERREIRA, Darlene Aparecida de Oliveira; FERREIRA, Enéas Rente (Orgs.). **Geografia e território: interpretações do espaço brasileiro**. Rio Claro, SP: IGCE/UNESP/Pós-Graduação em Geografia, 2010. p. 193-216.

_____. **Na beleza do lugar, o rio das Contas indo... ao mar**. Ilhéus, BA: Editus, 2014. 212 p.

FURTADO, Sandra Maria de Arruda. Entrevista com a professora Livia de Oliveira, 22 março 2006. **Geosul**, Florianópolis, v. 22, n. 43, p. 215-231, jan./jun. 2007.

GIRALDI, Alice. Perfil: Livia de Oliveira - mestre da alfabetização cartográfica. **Revista Unespciência**, Rio Claro, n. 22, ago. 2011. Disponível em: <<http://www.unespciencia.com.br/>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

MARANDOLA JR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. **Do sonho à memória: Livia de Oliveira e a Geografia Humanista no Brasil**. Geografia, Londrina, v. 12, n. 2, jul./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.geo.uel.br/revista>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

NOGUEIRA, Otília Maria. **Itacaré: cancionero histórico-geográfico de sua gente**. Itabuna/Ilhéus, BA: Via Litterarum; Editus, 2009. 210 p.

RISSO, Luciene Cristina. Entrevista com a professora Livia de Oliveira. **Geografia e Pesquisa**, Ourinhos, v. 1, n. 1, p. 1-8, 2007.

*DOSSIÊ***O QUE APRENDI COM LÍVIA****Paula da Cruz Landim⁵**

Quando fui convidada pelo Prof. Ivan Fortunato para escrever sobre o papel e a relevância da Livia na minha formação acadêmica e na minha vida na Universidade, inicialmente respondi que agradecia o convite, mas que a vida dá voltas, e que atualmente tinha me distanciado das linhas de pesquisa da Livia, e que, portanto a minha participação não ofereceria nenhuma contribuição para a área.

Grata surpresa minha saber que poderia ser apenas um depoimento da minha relação com ela, sem necessariamente ser um texto acadêmico. Mas, talvez muito mais difícil.

Primeiro, por que Livia e não Professora Livia? Inicialmente porque ela mesma dizia que se a chamássemos de professora ela nos chamaria de aluno, e depois, a Livia faz parte da minha vida desde antes do meu nascimento, ou assim contam as histórias... Meus pais foram professores da UNESP antes mesmo desta existir, assim como a Livia. Dizem que foi a Livia quem deu o meu primeiro banho, fato, aliás, que ela lembrou publicamente em um evento em Bauru anos depois. Ela também me contou que desde uma vez em que chorei porque meus pais me levaram à sua casa dizendo que era seu aniversário e não teve bolo, e, portanto na minha cabeça infantil não foi aniversário, ela passou a providenciar um bolo na data. Lembro-me também das minhas inseguranças, ao estar cursando o mestrado fora da minha área de formação, e dela me dizer que não admitiria “frescuras” da minha parte, afinal eu era filha da minha mãe. Minha mãe esta que por sua vez me fez sentir perante a minha professora do jardim da infância, quando a Livia foi devolver o boneco do livro

⁵ Professora doutora da FAAC/UNESP, paula@faac.unesp.br. Realizou mestrado em Geografia com a Livia entre março/1990 e março/1994.

no qual se transformou a minha tese de doutorado e para o qual ela escreveu o prefácio (um texto lindo, poético, sem deixar de ser científico, que fui reler ao começar a organizar como escreveria este depoimento) e minha mãe perguntou: “você acha que ficou bom mesmo Livia?”.

O foco central dos meus trabalhos no mestrado e no doutorado foram as questões urbanas, notadamente aquelas relacionadas ao Desenho Urbano das cidades de porte médio, surgidas na segunda metade do século XIX, em função do binômio café/ferrovia, e analisadas através da abordagem perceptiva (Não vou fazer aqui um relato bibliográfico das minhas publicações, acredito não ser o foco deste texto, e sim historiar uma relação).

Na dissertação de mestrado⁶, sob a orientação da Livia, junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do IGCE – UNESP, Rio Claro, realizei uma pesquisa junto aos usuários da área central de Bauru, verificando quais as edificações deveriam ser preservadas, partindo do pressuposto que todo espaço edificado é identificado por determinadas características que compõem sua particularidade, transformando-o num LUGAR⁷ para aquela comunidade que o habita.

A intenção dessa pesquisa foi mostrar que as construções, representativas do Patrimônio Ambiental Urbano de Bauru, percebidas pelos cidadãos em seus percursos cotidianos no centro da cidade, constituem os referenciais, os elos de ligação afetiva entre os habitantes e a cidade de Bauru, e como tais deveriam ser preservados. E assim sendo, qualquer projeto de preservação desse patrimônio edificado, além de considerar os valores próprios de cada construção, ligados às suas características formais, estéticas, documentais e arquitetônicas, para ser bem-sucedido, deveria considerar também a percepção do usuário em relação a estas construções.

⁶ LANDIM, P. C. **Percepção e Conservação do Patrimônio Ambiental Urbano: a cidade de Bauru.** Rio Claro, IGCE – UNESP, 1994.

⁷ Definição de LUGAR de Yi Fu Tuan, em Espaço e Lugar, traduzido pela Livia e publicado pela Editora Difel em 1983.

Já a tese de doutorado⁸, realizado na FAU-USP, focalizou a homogeneidade da paisagem urbana das cidades de porte médio do interior do Estado de São Paulo, do ponto de vista de seus determinantes. A hipótese foi que a origem socioeconômica das cidades determina sua configuração, a qual, esgotado o estímulo inicial, passa a incorporar as imagens formais das grandes cidades, que estão claramente representadas de um modo específico na paisagem urbana das cidades médias, evidenciando os reflexos formais e funcionais das paisagens dos grandes centros sobre a paisagem das cidades do interior, e na geração de valores relacionados a esses aspectos. A legislação, que define os padrões de ocupação urbana, os quais por sua vez definem a configuração física da paisagem, trabalha basicamente o espaço físico-territorial, alienando-se dos demais componentes da problemática urbana, e desta forma, as cidades homogeneízam-se. Ou seja, gera-se um discurso urbanístico pobre e o que se faz é generalista, colaborando para a pasteurização.

A abordagem perceptiva no desenho das cidades permite buscar um resgate das qualidades visuais que poderiam despertar enfoques cognitivos no tocante a organização do espaço urbano, se interessando pelo modo como os indivíduos percebem e tomam decisões a respeito da cidade. Tal enfoque procura redirecionar os processos que dão origem ao padrão urbano. Ou seja, é esta estrutura cognitiva da cidade que oferece novos padrões e influencia a interação com os espaços urbanos e as tomadas de decisão no tocante a áreas para compras, moradias ou lazer, e não a estrutura física da cidade, composta por edifícios, ruas e avenidas.

Desde a época da minha graduação em Arquitetura pela FAU-USP me interessava pela cidade, sua história, sua formação, e a conseqüente valorização disto. Entretanto, a forma tradicional de se abordar a preservação do patrimônio arquitetônico, muitas vezes ineficiente, sempre me incomodou. Além do mais, me interessava a cidade banal, cotidiana, não a monumental.

⁸ LANDIM, P. C. **Desenho de Paisagem Urbana**: as cidades do interior paulista. São Paulo, FAU-USP, 2001.

Quando casualmente, desencantada como estas questões eram então tratadas na FAU, recém-contratada na UNESP em Bauru, precisando fazer o mestrado, surgiu a possibilidade de fazer em Rio Claro com a Lívia. E foi onde e com quem encontrei o viés metodológico que utilizo até hoje: a percepção cognitiva, independente da área de atuação.

Ministrando aulas na graduação primordialmente no curso de Design, e depois do doutorado ingressando eu mesma como docente no programa de Pós-Graduação em Design da FAAC – UNESP, Bauru, minha produção acadêmica voltou-se para esta área, assim como a Livre-docência, mas sem perder de vista a abordagem perceptiva.

A abordagem perceptiva diz respeito basicamente a relação entre o Homem e seu meio-ambiente, e assim, é principalmente qualitativa, e pode ser entendida como uma forma de análise da produção cultural humana, independentemente da forma desta produção. Os procedimentos dizem respeito ao perguntar, ao ouvir e ao observar. Estes procedimentos estão relacionados a uma postura abrangente diante do objeto, seja qual for, procurando integrar as diferentes dimensões destas experiências na dinâmica homem-meio ambiente e das suas percepções ambientais. A percepção se interessa pelo modo como as pessoas tomam decisões, e os estudos dos processos cognitivos que são manifestados na ação do design são algumas das áreas-chave na recente pesquisa em design. Este tipo de abordagem tem desafiado a existência de uma realidade.

Na sociedade atual, convivemos cada vez mais com a informação que, transmitida por vários meios, geralmente está ligada a um crescente emprego de imagens. A composição destas imagens utiliza-se de conceitos e técnicas que permitem a leitura e o entendimento da mensagem visual, cujo conhecimento provém de áreas ligadas ao design e à psicologia da percepção. Com todo seu desenvolvimento direcionado para a tecnologia, a informação é, ainda, dependente da percepção do ser humano, do sistema de leitura visual que é inerente a ele – do qual os elementos básicos da comunicação visual e os

princípios que os conduzem são responsáveis pela decodificação das mensagens não-verbais.

Os designers desempenham claramente um papel-chave na determinação da natureza dos produtos manufaturados, e há poucas dúvidas de que eles influenciem excepcionalmente as expectativas e hábitos de compra dos consumidores. Há conseqüentemente um crescente imperativo moral para que eles tracem uma nova e melhor orientação para o design, nomeadamente uma que se concentre no desenvolvimento de soluções de necessidade real, humanas e sustentáveis.

Ao optar pelos materiais e tecnologias avançadas, e empenhando-se ao mesmo tempo em proporcionar soluções de design simplificadas com uma ligação emocional mais fácil com o consumidor, os designers devem conseguir criar os tipos de produtos éticos e relevantes que irão ser necessários no futuro.

O conceito de design emocional tem como objetivo primordial demonstrar que é possível estabelecer uma relação com o consumidor ou usuário, bem como analisar e decidir quais os sentidos que deverão ser despertados para que tal aconteça. O design emocional pretende associar a estética à funcionalidade e assim conceber um produto que apele às emoções subjetivas do consumidor, despertando uma ação.

Quando associamos determinadas situações ou objetos a sensações agradáveis ou desagradáveis, essas sensações ficam registradas, sendo acessada pela mente toda vez que nos encontramos numa situação de escolha. Nossas escolhas, portanto, seriam influenciadas por experiências anteriores, emoções já vividas.

Em uma atividade voltada aos desejos e expectativas dos consumidores é importante que o designer esteja ciente das aspirações e respostas emocionais daqueles. Daí a relevância da abordagem emocional no design de produtos, onde usabilidade, funcionalidade, prazer e emoção são igualmente importantes na metodologia de projeto.

Os aspectos psicológicos do design são também extensamente mencionados com uma importância sem precedentes. Há um consenso

generalizado de que os produtos devem estar para além das considerações de forma e função se pretendem tornar-se “objetos de desejo” num mercado cada vez mais competitivo. Para se conseguir isto, os produtos precisam estabelecer ligações emocionais agradáveis com os seus usuários através do prazer da manipulação e/ou da beleza da sua forma. A emotividade é considerada por muitos dos designers não só uma forma poderosa e essencial de facilitar ligações melhores e mais significativas entre os produtos e os seus usuários, como também um meio eficaz de diferenciar as suas soluções das dos seus competidores. Vivemos num mundo de signos e simbologias, e esta realidade é também um dos pilares de sustentação do design. Numa sociedade globalizada, adquire-se não apenas o objeto, mas o discurso do objeto.

Mas também há uma pressão em relação à exigência de ligar o consumidor de modo mais significativo a produtos cada vez mais complexos tecnologicamente. Para este fim, parece que uma abordagem do design mais considerada e centrada no homem poderia proporcionar os melhores meios para satisfazer as necessidades funcionais e psicológicas.

Desta forma, atualmente procuro avaliar o papel do design diante do público contemporâneo, como atrativo para valorizar a imagem do produto, agregando valor, conhecendo os impactos subjetivos que o seu planejamento visual pode proporcionar ao público, e quais os principais elementos visuais nela identificados no processo de percepção visual, entendendo que o design tem um papel decisivo, assegurando que as formas nas quais a tecnologia busca usuários estão visualmente e simbolicamente adequados e usáveis. Se sem dúvida a tecnologia é quem dá o tom, os designers seguem-na, criando caixas atrativas para os complexos eletrônicos que vão dentro delas.

Relendo o que escrevi, acho que na verdade a professora e a pesquisadora que sou é um reflexo de três pessoas: meus pais, obviamente, e academicamente, a Lívia. Hoje coordeno um Grupo de Pesquisa, oriento alunos desde iniciação científica até doutorado, e tudo que passo para eles, remete aos ensinamentos dela. Seja de uma forma mais objetiva, enquanto abordagem metodológica seja em conselhos que repasso a eles.

*DOSSIÊ***PROSA DE CAIPIRA: RELATOS DE UM LUGAR
CHAMADO LÍVIA DE OLIVEIRA****Henrique Albiero Pazetti⁹****Paisagem inicial: recriando a memória**

Prosa de caipira é um caso curioso. O chapéu quebrado na cabeça, o matinho triturado entre os dentes e a cuspidinha no solo que nutre e realimenta todo o processo. A cozinha é o lugar escolhido. O fogão de lenha é importantíssimo na cena, seu calor e o cheiro produzido pela madeira devorada pelo fogo é um convite à prosa demorada, sem necessidade de conclusões apressadas. O perfume do café passado também traz potência ao ato, ainda mais se for acompanhado com um bom “paiêro” quebra-peito. Vai ouvindo...

Com a boa conversa a tarde se aproxima com rapidez, trazendo uma brisa que toca a pele, eleva as palavras e enleva a poesia do momento. Uma revoada de maritacas rasga o céu, fazendo grande carreirão no ar que ganha o tom verde de suas plumagens... Pausa.

Os cães adentram pela porta, sentam-se aos pés dos caboclos, pois o frio já os açoitava do lado de fora. Um dos caipiras pega uma viola do saco e começa a afiná-la, da prima ao canotilho: blem, blem, blem... O movimento no corpo da viola faz-se ouvir o tremular do guizo da cascavel de dentro do bojo do instrumento, caboclo prevenido! O outro matuto, não se contém, saca de uma boa cachaça pra servir ao “cumpadi” violeiro e pra esquentar seu próprio peito... O violeiro dá seu trago e inicia suas modas, toadas e cururus, encantando a noite

⁹ Professor da rede de ensino particular da cidade de Sorocaba-SP, henriquepazetti@gmail.com. Realizou mestrado em Geografia com a Lívia entre setembro/2011 e outubro/2014.

que vigiava aquele instante. A conversa durará a noite toda e transformará aqueles caboclos...

Conhecendo o lugar: Livia de Oliveira

A paisagem imaginada para o início deste trabalho me leva a desbravar memórias sobre minha relação com a professora Livia, uma imaginação recriadora. Parte de minhas lembranças, mas recria os fatos sob a batuta da imaginação, dando novas formas e significados para este movimento que trago para este texto-relato.

A paisagem só poderia ser a rural, pois creio que nossa identidade caipira e a temática (também caipira) para o trabalho tenham sido fatores essenciais para que Livia aceitasse me orientar. Minha felicidade em ser guiado pela professora que eu tinha (e tenho) como uma das grandes teóricas da Geografia brasileira foi imensa. O “caboclinho” que poderia prostrar com alguém de tamanha grandeza e imenso conhecimento, a prosa de caipira.

Eu, o violeiro novato, curioso e inexperiente. Ela, a cabocla matuta, vivida, que tocava o “bisão para não se perder do pasto” (frase que a própria Livia se utilizava para expressar a maneira que ela devia me conduzir durante a pesquisa). Ambos caipiras, assumidamente caipiras, eu de Sorocaba e ela de Mairinque, ambos da região cultural do Médio Tietê, foco primordial de nossos estudos.

E nessa relação, o primeiro fator a me chamar a atenção no modo de pensar e fazer ciência da Livia foi o peso que ela dá para cada palavra. Aprendi com ela que as palavras têm densidades específicas e essências particulares que não podem ser menosprezadas ou forçadas a caber em espaços indevidos. A todo o momento me cobrava: “pegue o dicionário ali, vamos procurar a palavra que desejamos”, quando não se satisfazia insistia para que eu procurasse em outro dicionário. Aliás, um dos grandes presentes me dados por Livia foi o título da dissertação, ou sua parte mais poética e criativa: “A região do Médio

Tietê e os primeiros acordes paulistas: o Cururu¹⁰”. Primeiros acordes paulistas... Brilhante! O Cururu nascido do contato do colonizador com o indígena brasileira foi uma das primeiras manifestações musicais e folclóricas brasileiras, logo Livia, matuta experiente, não deixou passar a chance, e arrematou nosso trabalho com este título fenomenal.

Nessas empreitadas em busca da palavra exata, chegamos ao termo Canturião, que significa cantador experiente do Cururu. Livia maravilhou-se pelo termo, me recordo da maneira como me olhou... Nosso encanto com o Cururu foi recíproco e imediato. Os Canturiões são verdadeiros trovadores vivos, que cantam e recriam a História e Geografia caipira por versos improvisados, e tais versos embasaram e ilustraram toda nossa concepção sobre a região estudada. Encantamento de minha parte ao perceber a alegria de Livia de recordar suas lembranças caipiras e do modo como exaltava o povo do campo e suas tradições.

O pioneirismo de Livia na Geografia brasileira também se fez presente na dissertação. Yi-Fu Tuan, cujas ideias foram trazidas e traduzidas ao Brasil por ela, foi um grande suporte teórico para nossas ideias. A questão do lugar e a relação orgânica que tecemos com estes recantos do mundo (Topofilia) foi o alicerce de nossas reflexões. Eric Dardel foi outro grande nome que conduziu o nosso pensar em direção à geograficidade, conceito tão pertinente ao nosso pensar naquele momento. Miramos a todo o momento a Geografia Humanista, uma geografia viva e existencial, por isso fluida (como a vida) e de difícil apreensão. E eu só poderia fazer isso ancorado em bases sólidas, além dos autores citados, a orientação e respaldo de Livia de Oliveira.

Os arquétipos de ciência já estabelecidos e muitas vezes exigidos pelas próprias instituições de ensino oferecem resistência ao desabrochar de novas, ou outras maneiras de pensar e de fazer ciência. Considero a Geografia

¹⁰ PAZETTI, H. A. **A região do Médio Tietê e os primeiros acordes paulistas: o Cururu**. Dissertação (Mestrado em Geografia) IGCE-UNESP-RC, 2014.

Humanista umas destas novas vertentes científicas, ou melhor, outra maneira de se pensar a relação do homem com o espaço. Sendo assim, poderia eu me sentir inseguro em buscar novas ideias e concepções sobre a ciência geográfica, fato que foi minimizado pela orientação e o respaldo da Lívía.

Portanto, afirmo sem restrição, que a orientação da professora Lívía de Oliveira foi uma grande oportunidade de entender e ser na Geografia. A leitura holística proposta por Lívía me ampliou os horizontes de compreensão da ciência, sua conduta humana me ensinou a vida. Hoje tenho grande gratidão por todo esforço e sinceridade oferecidos por ela e mais, gratidão pelo porto seguro me oferecido.

Entendendo o lugar como espaço de permanência e repouso, lócus de afetividade e enraizamento, tenho, para mim, Lívía como Lugar. Topofilia criada nesta relação, em nossa prosa de caipira que ainda não findou, pois ainda sou um eterno caboclo ansioso para ouvir suas palavras e experiências! Eternamente aprendiz de um Lugar chamado Lívía de Oliveira...

*DOSSIÊ***LIBERDADE E RIGOR COM LÍVIA DE OLIVEIRA****Maria Bernadete Sarti da Silva Carvalho¹¹**

A primeira palavra que me vem à mente sobre a experiência de orientação com Livia de Oliveira é **liberdade**. A segunda, **rigor**.

Minha história com a professora não tem linearidade. Conheço-a desde a adolescência, quando estudei com suas sobrinhas Lúcia e Rosa. Anos e anos depois a reencontrei quando, em 1985, decidi voltar aos estudos e escolhi cursar Geografia.

Não tive o prazer de ser sua aluna em todos os anos de graduação e pós-graduação na Unesp, mas logo no início do curso, e por circunstâncias que agora não me recordo, comecei a participar, junto com outras colegas, de uma pesquisa que a professora Livia desenvolvia. Tínhamos momentos de estudos, em que pude ler e debater textos sobre o conceito de lugar à luz da fenomenologia, estudos estes dos quais a professora Livia foi pioneira em Rio Claro, ao introduzir a perspectiva humanista na pós-graduação em Geografia e os estudos sobre percepção do meio ambiente. Lembro-me que, neste grupo de estudos, Kevin Lynch, urbanista preocupado com a percepção das pessoas sobre a cidade, foi um dos autores lidos e discutidos, demonstrando a preocupação da professora em buscar em outras áreas de conhecimento as bases teóricas e epistemológicas para o seu trabalho.

Do grupo participavam a professora Lucy Marion e a professora Mirna Lúgia, suas orientandas em trabalhos na linha da percepção do meio ambiente. Como parte do grupo de pesquisa, meu papel e de minhas colegas foi o de

¹¹ Professora da Unesp-Rio Claro. Realizou doutorado em Geografia com a Livia entre julho de 2001 e maio de 2004.

aplicar um instrumento de coleta de dados junto à população rio-clarense. Fomos orientadas pela professora em como proceder à luz do referencial teórico apresentado. Foi uma primeira experiência que marcou o início do meu processo formativo como pesquisadora, levando-me à várias outras experiências de mesma natureza, sempre buscando preservar o aprendizado deste primeiro exercício de pesquisa: **liberdade e rigor**.

Ao longo do tempo de graduação, os trabalhos de pesquisa em Geografia foram se sucedendo, com outros professores e professoras, outros olhares teóricos e metodológicos. No final do curso, aconteceu novo encontro com a professora Livia de Oliveira quando, ao me interessar pela pesquisa em ensino de Geografia, e fazendo parte do grupo de estudos da professora Rosângela Doin de Almeida, o ponto de partida para pensar o ensino de cartografia foi a tese de livre docência da professora Livia e sua abordagem construtivista.

Piaget e seus estudos sobre a construção da noção de espaço e, a partir dela, a compreensão das representações do espaço e a leitura de mapas fizeram com que a professora, novamente, de forma indireta, estivesse presente na minha vida de pesquisadora, agora em conjunto com outra piagetiana e pesquisadora importante no campo da Educação em Rio Claro, a professora Maria Cecília de Oliveira Micotti, orientadora da minha dissertação de mestrado.

A minha trajetória de pesquisa, entretanto, nunca se deu sem a atuação como professora da educação básica. Atuando na rede municipal de ensino, na Escola Municipal Agrícola Eng^o. Rubens Foot Guimarães, situada na zona rural de Rio Claro, ingressei novamente na pós-graduação para cursar o doutorado. A orientação era da professora Celina Foresti, que veio a falecer repentinamente, ainda no primeiro ano do curso. O fato, tão imprevisível, abateu-me e quase me desliguei do programa. Pensava que seria muito difícil adequar um projeto pensado com a professora Celina para ser orientado por outra pessoa do programa.

Para minha surpresa, a vida novamente me colocava em contato com a professora Lívia de Oliveira, pois tendo concluído naquele período uma das suas orientações, aceitou-me para ocupar a vaga recém-aberta. As primeiras conversas com a professora Lívia se deram no sentido de encontrar um novo caminho para a pesquisa, sem desprezar as ideias iniciais. O projeto de Educação Ambiental desenvolvido na Escola Agrícola era o objeto da pesquisa, com foco no papel da Geografia na busca por constituir uma nova relação com o meio ambiente a partir do processo educativo. Nas primeiras conversas, a professora aceitou reestruturá-lo e apresentar uma proposta que, embora considerasse todo o caminho já traçado, trazia para o centro da investigação a percepção dos alunos e professores a respeito do projeto e o quanto as atividades nele realizadas promoveram, pela compreensão das questões ambientais e de nosso papel como parte da natureza, uma mudança de valores e de condutas. Mais do que isto, fomos investigar o quanto essas mudanças se consolidaram e se mantiveram ao longo do tempo na memória e nas ações dos alunos egressos, por decorrência das experiências promovidas na escola, em diferentes momentos e disciplinas, como parte de um projeto que se pode considerar como de ambientalização curricular.

E é sobre este movimento inicial e todos os que se seguiram enquanto fazia minha investigação e escrevia as minhas análises que posso dizer da minha grande **liberdade** para fazê-los e, ao mesmo tempo, da preocupação sempre presente com o **rigor** da pesquisa e da apresentação dos seus resultados.

Atenta na leitura do texto e perspicaz nas indagações que fazia, a professora foi guiando o trabalho final sempre respeitando minhas opções teóricas e metodológicas, sem perder de vista o que entendia ser importante como contribuição ao campo de estudos pelo qual enveredamos: o debate sobre a relação do homem com o meio ambiente e as possibilidades de, a partir do processo educativo, reconstruirmos nossa relação com a natureza, já que dela fazemos parte. A ideia de mudança de condutas e não de comportamentos,

apoiada nos referenciais teóricos estudados pela professora e, naquele momento, adotados por mim e pelos professores da escola, foi a grande propulsora da proposta de pesquisa: buscar nas memórias, nas percepções e ações dos alunos egressos da escola o resultado desta aposta na educação que busca transformar a realidade¹².

Anos mais tarde, por conta das experiências com a pesquisa e pela crença nos processos educativos transformadores, ao ingressar como professora no Departamento de Educação da Unesp, câmpus de Rio Claro, e atuando na linha de pesquisa Educação Ambiental, tenho buscado avançar na mesma discussão, sempre considerando esta experiência ímpar de ser orientada pela professora Lívia de Oliveira. A **liberdade** de pensamento e de escolhas teóricas e metodológicas são um valor que transponho para o meu trabalho com o grupo de pesquisadores e com meus alunos, sem nunca abrir mão do **rigor** necessário para que nossas pesquisas e seus resultados sejam qualificados e legitimados como contribuição à sociedade.

Para a professora Lívia de Oliveira deixo meus agradecimentos pelo exemplo que sempre foi como pessoa e como pesquisadora. “*Uma mulher tão sábia quanto simples, de palavras tão firmes quanto afetivas, de coração tão grande como seu conhecimento do mundo*”.

¹² CARVALHO, M. B. S. **Meio Ambiente e Cidadania: a Interface Educacional**. Tese (Doutorado em Geografia) IGCE-UNESP-RC, 2004.

DOSSIÊ

**HOMENAGEAR LÍVIA DE OLIVEIRA É BOA
IDEIA E COISA PRÁ TODO DIA****Marcos Mergarejo Netto¹³**

Homenagear Livia de Oliveira é boa ideia e coisa prá todo dia! Por isso resumir em algumas linhas um justo tributo, pode ser meio complicado, pelo fato de poder incorrer em faltas ou esquecimentos. De todo modo, como dizia o grande compositor Nelson Cavaquinho: “*me dê as flores em vida, o carinho, a mão amiga ...*” prestar a homenagem é válido e vem a propósito.

Conheci Livia de Oliveira, pessoalmente, em janeiro de 2004, quando visitava a Biblioteca da UNESP/Rio Claro/SP. Fazia mestrado na UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto e necessitava de subsídios para um pequeno estudo sobre a percepção dos moradores da área de voçorocas na bacia do ribeirão Carioca, no distrito de São Gonçalo do Bação, Itabirito/MG.

Foi uma breve conversa e orientação sobre o que poderia ser feito na pesquisa proposta. Em março de 2007 procurei Livia para lhe mostrar o trabalho e conferir se o havia realizado corretamente. Na ocasião conversamos sobre uma curiosidade minha, a respeito da produção queijeira em Minas Gerais. Daí foi um “pulo”! Livia já pensava em algum estudo sobre o “comer geográfico”, ou dizendo de outra forma, a Geografia do Sabor. No ato, propôs então orientar-me um doutorado na UNESP/Rio Claro/SP, sobre o queijo em Minas. Aceitei imediatamente!

Submeti-me aos exames exigidos na Universidade e, sendo aprovado, iniciava um intenso período de estudos e aprendizados com Livia de Oliveira. Inicialmente cumpri os créditos exigidos no primeiro semestre e, no segundo semestre de 2008 começava o desenvolvimento do projeto proposto. Aí

¹³ Realizou doutorado em Geografia com a Livia entre Março/2008 e Novembro/2011.

começou nossa batalha! Inicialmente precisava modificar meu modo de pensar a Geografia e escrever, lembrando que antes havia descrito características de voçorocas, ou seja, era uma passagem, para outro mundo; não só da Geografia Humana, mas particularmente sob a forma arguta de pensar de Livia de Oliveira.

Nunca pensei que o transcorrer do curso, de um doutorado, fosse tranquilo. Pelo contrário, sobressaltos são uma constante. Com Livia não foi diferente e de modo redobrado, os momentos de ansiedade, raiva, preocupação, desistência, tenacidade e sobretudo aqueles tão esperados momentos de alegria, ao saber que um texto estava com boa qualidade, enfim experimentamos variadas emoções. Livia de Oliveira é persistente, talvez mais que seus próprios orientandos, daí a sabedoria de não deixar com que esmorecêssemos ante às dificuldades e aos propósitos da pesquisa, inspirando respostas e buscas por resultados, possivelmente inovadores.

Particularmente, minha pesquisa¹⁴ envolvia um tema pouco pesquisado no Brasil, multiplicando as dificuldades para obter bons resultados. Na oportunidade foi indispensável associar outro método, tornando o projeto não exclusivamente geográfico. Livia aquiesceu à ideia, porém manteve-se vigilante quanto à Geografia. Fato é que em uma ocasião havia feito um texto utilizando a cronologia como linha de pensamento. Ao apresenta-lo, Livia fez com que eu o reformulasse por completo, dando prerrogativa às origens geográficas de cada ator.

Desdobrando-me em atividades nas regiões queijeiras de Minas Gerais, nos trabalhos de gabinete em Belo Horizonte/MG e pesquisas em diversas cidades do Brasil e do exterior, além dos deslocamentos até Rio Claro/SP, para prestar contas do que fazia e inteirar-me de novas orientações, sempre tentando acertar os ponteiros dos textos produzidos. Era quando discutíamos sobre os rumos da pesquisa. Então o tempo costumava esquentar, em função dos conflitos periféricos, às vezes, nem sempre prontamente resolvidos; incluía-se aí

¹⁴ NETTO, Marcos Mergarejo. **A Geografia do Queijo Minas Artesanal**. Tese (Doutorado em Geografia) IGCE-UNESP-RC, 2011.

a discussão entre hábitos alimentares de paulistas e mineiros. Todavia, trabalhar com Livia de Oliveira foi como fazer uma travessia, para um enorme aprendizado, em curto tempo.

Assim, pontuando algumas lembranças faço minha homenagem à Professora Livia de Oliveira, a quem posso chamar de amiga e colega da Geografia, uma pessoa com aparência frágil, mas extremamente enérgica, generosamente forte e definitivamente vigorosa, tal qual seu nome lhe confere, como uma Oliveira, árvore forte, pródiga e de grande nobreza.

*DOSSIÊ***LÍVIA DE OLIVEIRA E A ESSENCIALIDADE
GEOGRÁFICA****Abílio Moacir de Azevedo¹⁵**

Desde meados da década de 1970, em salas de aula da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, em Goiânia, onde conclui o curso de Bacharelado em Geografia, eu já ouvira, de meus mestres, referências à tese de doutoramento “Contribuição ao Ensino de Geografia” defendida pela professora-geógrafa Livia de Oliveira (Oliveira, 1967). Ao final daquela década, já em Brasília, por força de minhas atividades como geógrafo contratado pela Fundação Projeto Rondon, busquei – em diferentes momentos – aportes junto à tese de Livre Docência de Livia de Oliveira “Estudo metodológico e cognitivo do mapa” (Oliveira, 1978). Assim, essa professora-geógrafa começava a tornar-se, para mim, uma referência no âmbito da ciência geográfica.

Entre 1984 e 1986, como professor representante da Divisão Regional de Ensino de Campinas, eu integrava a equipe encarregada de elaborar a “Proposta Curricular para o Ensino de Geografia” na rede oficial de ensino do Estado de São Paulo, que teve a sua 1ª edição preliminar elaborada em 1986, sendo que a sua 6ª edição, publicada em 1991, é que se encontra distribuída para o conjunto das divisões regionais de ensino do Estado. A coordenação deste trabalho coletivo era de responsabilidade da Coordenadoria de Ensino e Normas Pedagógicas da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (CENP-SE-SP), que firmara convênios com a USP, UNESP, UNICAMP e PUC, com o escopo de aproximar os professores da rede oficial de ensino com a vanguarda do pensamento geográfico das referidas Universidades.

¹⁵ Realizou mestrado em Geografia com a Livia entre fevereiro/2002 e maio/2004.

No processo de elaboração daquela proposta curricular, por conta de sua natureza coletiva/interativa, era de responsabilidade dos professores representantes o compartilhamento dos fundamentos teóricos e metodológicos da referida proposta com os professores de Geografia lotados, à época, em mais de uma centena de delegacias de ensino do Estado de São Paulo. Compartilhei tais fundamentos, em princípio, com os professores da Delegacia de Amparo e, posteriormente, por força de circunstâncias, com docentes das delegacias de São José do Rio Preto, Mirassol e Monte Aprazível. Como uma proposta curricular, obviamente, não deve ser definitiva, obtinha-se o feedback junto a esses professores, o que levava, via de regra, a ajustes que conduziam a novas versões da proposta.

Vale lembrar que aquelas atividades na CENP eram, com certa frequência, entremeadas de análises grupais sobre o pensamento e a contribuição de Piaget para a educação e o próprio ensino da Geografia, em especial, o direcionado às crianças e adolescentes. Nesses momentos, evidenciava-se a importância da obra de Livia de Oliveira na promoção da pesquisa e difusão das ideias *piagetianas* em terras brasileiras. Como decorrência, entre os colegas de equipe, passou a existir um certo consenso de que seriam fundamentais as leituras de trabalhos de Piaget, quando se busca pesquisar e reproduzir Geografia de forma consciente e responsável.

Minha primeira experiência em docência no Ensino Superior ocorreria, no ano de 1985, na Associação Sul-Mineira de Educação e Cultura – Faculdade de Amparo/SP, ao ministrar a disciplina de Geo-História, para profissionais que atuavam na área da educação, incluindo graduados em História, Geografia e Ciências Sociais. O objetivo geral dessa disciplina era abordar os principais aspectos do ensino interdisciplinar da História e da Geografia, o que incluía sua evolução histórica e tendências globais e específicas. Por conta dessa docência, aliada à minha participação na elaboração da proposta curricular de Geografia da CENP, percebi ser recomendável minha participação no 1º Encontro Nacional de Professores de Prática de Ensino de Geografia, promovido pelo

Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Unesp – Campus de Rio Claro. Foi neste Encontro, ocorrido em março de 1985, que tive o privilégio do primeiro contato, pessoalmente e “ao vivo”, com Livia de Oliveira. Aquele evento significava, para mim, grande oportunidade de inserção no acalorado debate teórico-metodológico da Geografia, naqueles anos, particularmente nas Universidades paulistas. Desde o início do referido Encontro, fluía a percepção de que expressiva parcela dos professores-geógrafos ali presentes se compunha de simpatizantes de uma Geografia que enfocaria, em suas análises, a participação de aspectos imateriais na organização espacial. E, mais uma vez, percebia-se a presença da energia contagiante e mobilizadora de Livia de Oliveira, desta feita, no compromisso de fazer avançar entre geógrafos brasileiros o pensamento de Yi-Fu Tuan, em especial quando se refere à experiência e percepção nas vivências dos homens com o seu meio (Oliveira, 1977).

Ainda que reconhecendo meus minguados conhecimentos sobre o perfil profissional e o conjunto da obra daquele geógrafo sino-estadunidense, minhas impressões iniciais eram de que se tratava de mais um dos pensadores oriundos das ricas culturas e tradições filosóficas orientais a engrossar o caldo dos estudiosos descontentes com os resultados obtidos de análises consideradas reducionistas, que não forneciam uma compreensão plena e profunda da realidade espacial, muito menos da condição humana. No entanto, preferi guardar comigo uma curiosidade: estaria Yi-Fu Tuan dando seu próprio passo na longa caminhada que pode levar aos pretendidos avanços em favor de um paradigma holístico de ciência, que contemple a complexa interação entre aspectos físicos, psicológicos, sociais e ambientais da realidade? Afinal, era de se pensar que não seriam poucos os pensadores que contestam o modo convencional de se fazer ciências, em especial as humanas, através do hegemônico paradigma de Descartes, bem como, de seus correspondentes conceitos basicamente de orientação newtoniana (Capra, 1982).

Cheguei àquele Encontro de Rio Claro embasado e até empolgado com os preceitos da Geografia dita “renovada” visualizados por mim, especialmente, em obras, palestras e seminários com Antônio Carlos Robert de Moraes, Ariovaldo Umbelino de Oliveira, Carlos Walter Porto Gonçalves, João Manuel Cardoso Mello, Manoel F.G. Seabra, Manuel Correia de Andrade, Milton Santos, Octávio Ianni, Ruy Moreira e Wanderley Messias Costa, dentre outros. Com estes geógrafos, assimilei que a constante transformação pela qual passa a organização/produção do espaço somente seria compreendida em sua plenitude caso sua análise venha ocorrer de “forma concreta”, a partir de “situações concretas” (São Paulo, 1991).

Esse meu contato com o pensamento desses geógrafos-pesquisadores ocorreu em momento oportuno, dada a minha insatisfação com a Geografia que se fazia e se ensinava, especialmente nas escolas públicas de Ensino Fundamental e Médio do nosso país. Naquele período, comungava de dúvidas carregadas por muitos professores-geógrafos, dentre elas: qual o papel da Geografia na escola? A quem servem os conteúdos de natureza geográfica e sua forma de ensinar? Quais são a função e o papel da escola na sociedade?

Na busca por respostas, engajei-me no debate sobre a situação do ensino em geral e da Geografia, em particular. É importante lembrar que, no Ensino de Primeiro Grau, a Geografia e a História já haviam sido substituídas pela disciplina de Estudos Sociais, que se complementava com duas outras: a Educação Moral e Cívica (EMC) e a Organização Social e Política do Brasil (OSPB). Sempre admiti a crítica, feita por muitos especialistas contrários à “reforma do ensino” daquele período de exceção, de que a citada mistura de componentes curriculares revelou-se uma estratégia perfeita para a banalização da pesquisa e do ensino dos conhecimentos histórico-geográficos. Assim, entendiam os profissionais da área, que o ensino da Geografia não satisfazia aos alunos e professores e muito menos à sociedade, já que não se prestava aos propósitos de transformação socioambiental. Cenário este que vinha se esboçando há algum tempo e ganhava contornos e nitidez em meados da

década de 1960 e anos 1970, período marcado por extremo autoritarismo vivido em nosso país (São Paulo, 1991).

Naqueles “anos de chumbo”, percebia-se que o professor de Geografia (ou de estudos sociais) era uma das vítimas da conhecida “indústria do livro didático”, pois, muitas vezes, não reunia condições para uma formação dentro de um processo que lhe permitisse construir uma análise crítica de conteúdo programático ou mesmo participar de discussão sobre teorias e métodos da Geografia produzida no âmbito das Universidades. Aceitava-se, sem contestação, tudo que era publicado, num tempo em que a seriedade e a veracidade científicas nem sempre estavam presentes nos livros do mercado editorial. Erros grosseiros de muitas obras eram repassados automaticamente aos discentes pelos docentes, num contínuo círculo vicioso. Enfim, não era nada motivadora a Geografia que se ensinava e se aprendia dado o seu distanciamento das reais necessidades de professores e alunos assim como das demandas socioambientais (São Paulo, 1991). Cada vez mais a ciência do espaço afastava-se das discussões sobre a realidade presente das coletividades, particularmente no que se refere ao seu contexto geoespacial.

Quando me propus a participar do Encontro de Professores em Rio Claro, eu experimentava, naquela época, a sensação de que prevalecia na comunidade geográfica brasileira um pensamento voltado para uma Geografia que ocultava as questões sociais básicas de classes, seus conflitos e contradições e, até mesmo, comprometia-se (conscientemente ou não) com interesses das classes dominantes, que poderiam usá-la como um instrumento ideológico de dominação. Logo nas primeiras palestras daquele Encontro, eram frequentes as afirmativas de alguns expositores de que “a Geografia deve limitar-se a estudar o homem em seu sentido abstrato” ou “cabe à Geografia o estudo do homem enquanto um ser universal”. Para mim, a Ciência Geográfica, vista por este ângulo, parecia ignorar o compromisso para com as carências e contradições socioambientais e econômicas do nosso meio. Nestas condições, não pude furtar-me de indagar a um dos palestrantes (restringindo-me à questão agrária)

se não era chegada a hora da Geografia preocupar-se com as ações de homens concretos da nossa sociedade, aqueles que são os verdadeiros sujeitos da construção do espaço geográfico, tais como os empreendedores do agronegócio, os boias-frias, os grileiros, os latifundiários, os sem-terra, os posseiros, os jagunços, os acampados, os assentados, os atravessadores de mercado e os homens de governo.

Foi quando a professora Livia de Oliveira, chancelada pela sua condição de coordenadora do evento, aproximando-se da mesa onde os palestrantes faziam suas exposições, pede licença e pondera que meu questionamento fazia alusão à “crítica marxista materialista” e que lamentava o fato de o mesmo destoar dos propósitos daquele Encontro. A professora-geógrafa – mencionando Yi-Fu Tuam – reforçou, ainda, que tinha a impressão de que a maioria dos participantes daquele evento estaria propensa a aceitar a ideia de que a Geografia poderia desenvolver estudos do espaço sem, necessariamente, reduzi-lo à sua dimensão material e formal. Evidentemente, em momento algum, tive a intenção de contestar tais argumentos, muito pelo contrário, expressei minha gratidão à professora Livia pela oportunidade de me fazer mirar para este fascinante viés geográfico com seus “fenômenos imateriais”. Mesmo assim, avançando com minha intervenção, ponderei sobre a possibilidade do método dialético, uma vez adotado, permitir que a análise da produção do espaço poderia ser feita, também, de forma crítica, portanto, questionando o presente e investigando as suas contradições (São Paulo, 1991).

No decorrer daquele Encontro, à medida que os expositores se sucediam, dava-me conta de que a efervescência daquelas ricas discussões parecia estar associada, em algum grau, aos contra fluxos existentes entre a Nova Geografia (Teorético-quantitativa) afinada com a Geografia Humanista, ambas defendidas pelos geógrafos-docentes da Unesp de Rio Claro – evidenciada, aí, a força presencial de Livia de Oliveira – e a recém-chegada “Geografia Nova” ou “Geografia Renovada”, com a qual tivemos os primeiros

contatos no encontro da Associação dos Geógrafos Brasileiros ocorrido em Fortaleza, em 1978.

Assim, merece destaque o meu próprio reconhecimento de que o grande legado daquele Encontro – particularmente pela participação proativa de Livia de Oliveira – pode ter sido mais um avanço no descortinar de um cenário que coloca “em revista” algumas das principais tendências geográficas, cada uma dando sua parcela de contribuição ao fortalecimento da ciência do espaço e seu iminente brilho perante a comunidade científica. Naquele evento, as afirmações de Livia de Oliveira, até aquele instante desconhecidas por mim, de que aceitava com naturalidade a existência de muitas geografias foram dignas de minhas anotações. Às vezes, chego a pensar se a própria vivência de Livia de Oliveira com diversificada gama de temas ao orientar – sempre com lucidez, discernimento e empenho – dissertações de Mestrado e teses de Doutorado, sem deixar escapar a essencialidade geográfica, não seria um dos motivos desta geógrafa visualizar uma multiplicidade de geografias. De passagem, essa revelação suavizaria impressões contraídas, por mim, em palestra no Centro Estadual de Educação Tecnológica “Paula Souza” (São Paulo), quando ouvi do ilustre pensador Milton Santos o alerta de que: “A Geografia é uma ciência ameaçada e o geógrafo uma espécie em extinção”.

Ainda assim, tenho lá alguns motivos para supor que a convivência de Livia de Oliveira com essa multiplicidade de tendências geográficas nem sempre se processou de maneira a mais harmoniosa e eu até ousaria em apontar como fator a sua própria paixão e fidelidade, quase que incondicional, à Geografia Humanista. Analogamente – e fundamentado na inconformidade com as contradições, historicamente, evidenciadas no processo de produção/organização do nosso espaço –, entusiasmei-me com o modo de pesquisar e ensinar geografia que prima pela criticidade e clama por engajamento na busca por mudanças socioambientais e econômicas.

Os anos se passavam, desde aquele Encontro, e eu me mantinha, ainda que meio à distância, acompanhando a brilhante trajetória profissional de Livia

de Oliveira, tanto na pesquisa e ensino quanto na extensão universitária. E eis que surge, no início do ano 2000, mais uma oportunidade de estreitar distância e relações com a doutora Livia, desta vez como minha professora de Epistemologia e História da Geografia, no Mestrado da Unesp-Campus de Rio Claro. Inserido na linha de pesquisa em Organização do Espaço, desde o início estive propenso a elaborar uma dissertação, com abordagem ligada à produção do espaço urbano e regional. Essa aspiração ganhou força quando cursei a disciplina Planejamento Urbano e Regional: Estudos de Casos. Cheguei a propor ao professor da disciplina, Dr. Pompeu Figueiredo de Carvalho (Departamento de Planejamento Territorial e Geoprocessamento), que fosse meu orientador, porém seus compromissos com outros orientandos não permitiram. Entretanto, o requisitado professor sugeriu-me contatar o Dr. Geraldo Müller (Linha de Pesquisa Governar e Planejar) do mesmo departamento, com o qual, aliás, eu já havia cursado a disciplina de Internacionalização e Regionalização no Sistema Competitivo Contemporâneo. O professor Müller, ao aceitar minha solicitação, incluiu-me em seu grupo de estudos com dois outros orientandos (Ismail B.N. de Melo e Wilson B. Figueiredo Filho).

Logo de início, o Prof. Müller incumbiu seus três pupilos de “engolirem” a Teoria do Jogo Social, para a qual o economista chileno Carlos Matus propôs diferentes caminhos de utilização que passam, inclusive, pela psiconeurobiologia e pela arte da guerra, articulando várias correntes de pensamento e debatendo com renomados pensadores, dentre eles, Gramsci a Heidegger, Weber, Habermas, Austin, Searle, Toulmin, Wittgenstein, Hannah Arendt, Gadamer e Popper. Com toda essa diversidade de referências, Matus avança com sua “teoria da produção social”, por sua vez, apoiada na “teoria da ação humana” e na “teoria das situações” (Huertas, 1996). Após dois anos de exaustivos estudos, fiz a escolha – juntamente com meu orientador – desse alicerce teórico para minha dissertação, que seria intitulada “Territorialidade e Plano Diretor em São José do Rio Preto” (Azevedo, 2004).

A propósito, minha necessidade de melhor compreender as nuances do planejamento urbano e regional remonta aos anos de 1975-79, nos quais vigorava, em nosso país, o II Plano Nacional de Desenvolvimento-PND. Penso ser oportuno refletir, aqui, sobre alguns aspectos vivenciados por mim, na situação de geógrafo recém-formado, em meados dos anos 1970, e contratado pelo Ministério do Interior para desempenhar algumas tarefas técnicas, tais como: reconhecimento de área, compatibilização de projetos junto a órgãos e supervisão operacional de programas executados por universitários do Projeto Rondon nos Vales Úmidos do Médio Jaguaribe (Ceará) e na Região Geoeconômica de Brasília. Estas obrigações eram inerentes ao Programa de Áreas Integradas do Nordeste e ao Programa Especial de Desenvolvimento da Região Geoeconômica de Brasília, ambos incluídos no II PND.

No reconhecimento de área, levantavam-se problemas e recursos socioeconômicos, junto às fontes primárias e secundárias, nos diversos setores de atividades. Após a tabulação dos dados e o devido diagnóstico, os resultados eram apresentados às lideranças naturais e institucionais, juntamente com uma lista de projetos a serem executados com o objetivo de minimizarem os problemas apurados. Os recursos financeiros e técnicos vinham dos órgãos federais e estaduais após comprovada a viabilidade política dos projetos. Alinhavava-se, assim, o plano de atuação a ser executado nos municípios. Universitários de outras regiões eram recrutados, treinados e agrupados em equipes multiprofissionais, que detalhavam e executavam os projetos durante as férias escolares. Terminadas as operações, técnicos do MINTER faziam a avaliação de resultados a nível das localidades. Relatórios eram encaminhados às prefeituras e demais órgãos envolvidos, a título de prestação de contas. Acreditava-se que, com todas estas etapas executadas de acordo com rigorosos trâmites constantes dos mais recomendados manuais de planejamento, chegasse à eficiência produtiva e eficácia alocativa dos recursos envolvidos.

Entretanto, aos olhos daquelas comunidades atingidas, em várias situações, os resultados revelavam-se decepcionantes.

O acesso à Teoria do Jogo Social e, mais particularmente, aos parâmetros e forma de abordagem do Planejamento Estratégico Situacional (PES) elaborado por Carlos Matus e outros pensadores, levou-me à percepção das limitações daquele sistema de planejamento adotado nas operações do Projeto Rondon. Coloquei-me, assim, diante de duas das principais causas daqueles fracassos: de um lado, a desqualificação dos atores e dos agentes sociais envolvidos naquele jogo econômico, político e social e, de outro, a prática de um sistema de planejamento tradicional, determinista, desenvolvido por tecnocratas, em nível governamental, quase sempre a serviço de empresas e políticos também tradicionais (Huertas, 1996). Razões de natureza análoga a essas impulsionaram-me, com a assistência do Prof. Müller, a desenvolver um case study ligado a São José do Rio Preto. Os governantes deste município paulista sempre sonharam em mantê-lo como “referência nacional” no que tange à política urbana, entretanto, esta tem apresentado sinais da presença de um certo dualismo: dentro do perímetro urbano uma cidade onde o Poder Público municipal atua e, fora dali uma cidade ilegal com toda uma inadequação físico-espacial, social e econômica, que foge ao controle desse poder (Bueno, 2002).

Os trabalhos de minha pesquisa de mestrado desenvolviam-se satisfatoriamente, com grande motivação e perfeita articulação entre os profissionais envolvidos, inclusos os dois outros orientandos, cada um com seus diferentes temas, porém apoiados na Teoria do Jogo Social. Isto permitia frutíferos debates, que contribuía, inclusive, para a elaboração conjunta de artigos, que chegaram a ser publicados em jornais de circulação microrregional. Entretanto, algo de inesperado ocorreria, para a inquietude da nossa equipe de mestrados: nosso orientador, alegando motivos de aposentadoria, subitamente, nos comunica que não poderia continuar nos prestando os serviços de orientação. Um sentimento de orfandade, dada a dificuldade de

acerto com outros orientadores, apossa-se, por algumas semanas, do nosso grupo. Mas, eis que a minha terceira aproximação, de maneira mais incisiva, com Livia de Oliveira estava por acontecer. Numa providencial manhã, essa professora-geógrafa nos informa, a mim e ao Ismail, que havia a possibilidade de ela assumir a orientação das nossas dissertações, mas que havia a necessidade de uma análise de viabilidade. Para tanto, realizou-se uma reunião na qual foram feitos alguns ajustes aos nossos projetos de pesquisa, ao tempo em que se elaborou um cronograma para o prosseguimento dos trabalhos.

A fase sob a orientação de Livia de Oliveira, no Departamento de Geografia, foi bastante dinâmica, produtiva e prazerosa, marcada, não apenas pela seriedade e entusiasmos na realização das pesquisas e elaboração das dissertações, como também por momentos de intensa amizade, cordialidade, afeto e respeito. Foram ricas, também, as trocas de experiências, entre profissionais de áreas afins, efetuadas em simpósios, seminários e outras modalidades de estudos. Graças ao carisma, envolvimento e poder de comunicação de Livia de Oliveira, tive o privilégio de contar, nas bancas para Exame Geral de Qualificação e de Defesa da Dissertação de Mestrado, com a atuação de importantes doutores da Geografia, casos de Juergen Richard Langenbuch, Mirna Lígia Vieira e Lineu Bley, além de receber aconselhamentos de Lucy Marion C.P. Machado e Oswaldo B. Amorim Filho. Foi nessa fase que pude escrever, com Livia de Oliveira o capítulo “Políticas Territoriais e Padrões Urbanos Atuais em São José do Rio Preto” (Azevedo; Oliveira, 2005) incluso na obra *Paisagens Geográficas e Desenvolvimento Territorial*, organizada por Auro A. Mendes e Magda A. Lombardo, assim como dois outros textos: “Intervenção e gestão no território municipal: o caso de São José do Rio Preto” (com apresentação oral em sessão temática no I Seminário Internacional “Desenvolvimento Local na Integração: Estratégias, Instituições e Políticas” – também publicado em livro com o mesmo título do seminário – promovido pelo IGCE/UNESP/Campus de Rio Claro, de 19 a 21/05/2004)

e “Cidade de São José do Rio Preto como polo regional de comércio e prestação de serviços” (com apresentação oral em Exame Geral de Qualificação).

Ainda na fase inicial de elaboração da minha dissertação, era possível perceber as dificuldades que viriam à frente, entretanto, as subestimei. Mesmo assim, os obstáculos foram superados e hoje é enorme a minha satisfação com meu aperfeiçoamento profissional, crescimento como ser humano e melhor compreensão da realidade que me circunda. Como cidadão inserido na esfera de influência do território rio-pretense, procuro engajar-me, ainda que modestamente, na luta da sociedade pela democratização da gestão urbana. Torna-se oportuno o reconhecimento de que resultados satisfatórios jamais seriam alcançados não fossem o incentivo e solidariedade que recebi de muitas pessoas, particularmente, da professora-doutora Livia de Oliveira com sua maternal abnegação na continuidade e conclusão de um trabalho iniciado por outro orientador.

Mesmo que eu me delongasse nos meus agradecimentos à doutora Livia, as palavras seriam, certamente, insuficientes para externar toda a admiração que sinto por essa pessoa fantástica e especial. Esta geógrafa soube respeitar a essência da proposta original do projeto de pesquisa ao aplicar seu reconhecido método de orientação de trabalho científico. Com o extremo rigor que sua função exige, a doutora Livia conduziu-me no caminho da superação de minhas limitações e adversidades. Momentos de desentendimento, de mal-entendidos, puxões de orelha e até mesmo de diálogos mais ásperos, evidentemente, existiram. Entretanto, o equilíbrio sempre era restabelecido, quase que prontamente, afinal sempre tive comigo que o papel de uma professora é muito semelhante ao de uma mãe, que muitas vezes esbraveja, discute e briga com o filho, quando não o coloca de castigo, mas, no fundo de sua alma, o que ela deseja é o crescimento, a realização, a libertação e o bem-estar do filho. E este “filho”, que aqui escreve, soube compreender toda essa intenção, além de ficar eternamente agradecido ao tempo em que pede desculpas por eventuais lições não aprendidas ou expectativas não correspondidas.

Referências

- AZEVEDO, Abílio Moacir de. Territorialidade e Plano Diretor em São José do Rio Preto. Rio Claro: UNESP, 2004.
- AZEVEDO, Abílio Moacir de; OLIVEIRA, Livia de. Políticas territoriais e padrões urbanos atuais em São José do Rio Preto. In: Paisagens geográficas e desenvolvimento territorial. Rio Claro: UNESP, 2005.
- BUENO, José C. de L. Bueno. A expansão física de São José do Rio Preto – 1980 a 2000. Tese (Doutorado) FAU-USP - S.Paulo, 2002.
- CAPRA, Fritjof. O ponto de mutação. São Paulo: Cultrix, 1982
- HUERTAS, Franco. O método PES: entrevista com Matus. São Paulo: FUNDAP, 1996.
- OLIVEIRA, Livia. Contribuição ao Ensino de Geografia. 1967. Tese (Doutorado) – FFCL – UNICAMP, Rio Claro.
- _____. Contribuição dos estudos cognitivos à percepção geográfica. Geografia, Rio Claro: 1977.
- _____. Estudo metodológico e cognitivo do mapa. São Paulo: Instituto de Geografia/USP, 1978.
- SÃO PAULO, (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Proposta Curricular para o ensino de geografia: 1º grau. 6ed. São Paulo: SE/CENP, 1991.

Bibliografia Consultada

- DEL RIO, V. & OLIVEIRA, L (orgs.). Percepção Ambiental: a experiência brasileira. São Paulo: Nobel/UFSCar, 1996.
- GOLDENSTEIN, Léa & Seabra, Manoel F.G. Divisão territorial do trabalho e nova regionalização. Separata da Revista do Departamento de Geografia. São Paulo (1): 21-47, 1982.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Reflexões sobre a Geografia e educação, notas de um debate, São Paulo, 1984. Palestra realizada na CENP em set. 1984. Mimeog.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. Agricultura e indústria no Brasil. Boletim Paulista de Geografia. São Paulo, (58): 5-59, set. 1981.
- SANTOS, Milton. Por uma geografia nova. São Paulo, Hucitec, 1980. (Geografia: Teoria e Realidade)
- SÃO PAULO, (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Subsídios para a implantação do guia curricular de estudos sociais para o 1º grau; 1ª e 2ª séries. São Paulo, SE/CENP, 1982. 124p.
- SEABRA, Manoel F.G. Os fundamentos humanos da organização do espaço. São Paulo, 1980. Palestra realizada na CENP em abr. 1980. Mimeog.
- _____. Os fundamentos naturais da organização do espaço. São Paulo, 1980. Palestra realizada na CENP em abr. 1980. Mimeog

DOSSIÊ

LÍVIA DE OLIVEIRA E O SABER COM SABOR

Tiago Vieira Cavalcante¹⁶

Sapientia: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível (Roland Barthes).

Conheci a professora Lívia de Oliveira em setembro de 2011, em Niterói, durante o II Seminário Nacional sobre Geografia e Fenomenologia. Neste evento, Lívia palestrou sobre o *sabor* e sua relação com a *geografia* a partir do entendimento da paisagem e da cultura, um magnífico assunto que reunia duas de suas maiores paixões.

Participei de todo o evento com grande entusiasmo, sempre circulando nos intervalos das palestras, na tentativa de me aproximar daqueles que eu já lia há tanto tempo. Foi assim que tive a oportunidade de participar do Seminário de Trabalho do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural; reunião em que os membros do referido grupo discutem as suas pesquisas.

Na ocasião, ainda sem trabalho por discutir, disse meu nome, do quão longe vinha, falei do que havia feito no mestrado e, finalmente, do meu sonho para um doutorado... contei sobre Rachel de Queiroz. Todos se apresentaram, falaram de suas pesquisas... No intervalo das discussões, eis que Lívia se aproxima de mim e me pergunta, sem arroudes: “Você já está no doutorado?” Eu, após súbita falta de ar, respondo que não. E assim foi feito o convite: “Você quer fazer o doutorado comigo?” Minha resposta, obviamente, foi um grande sim. E dessa forma começa a minha aventura ao lado de Lívia.

Ainda distantes um do outro, eu no Ceará e Lívia em São Paulo, nos ligamos e trocamos cartas durante todo o ano de 2012, isso mesmo... cartas. Não tantas, mas o suficiente para eu reaprender a ter um pouco mais de cuidado com as palavras, cuidado que, posteriormente, Lívia me faria aumentar geometricamente. Com o tempo o projeto de doutorado tomou forma. Depois

¹⁶ Realizou doutorado em Geografia com a Lívia entre fevereiro/2013 e outubro/2016.

de passar na seleção de doutorado acontecida em novembro de 2012, tomei rumo em direção a Rio Claro. Cheguei à cidade azul no mês de fevereiro de 2013, pouco antes do início das aulas, e, naturalmente, fiz uma visita à minha mais nova orientadora. Conversamos sobre o porvir, das responsabilidades indispensáveis e do seu modo de orientar. No final da conversa, ganhei uma bela xícara de café. Café quente e cheiroso sempre acompanhando de alguma delícia. O primeiro dia de *saber com sabor* gentilmente oferecido por Lívía.

Com o tempo fui percebendo que o saber e o sabor para Lívía são uma coisa só, especialmente, por dois motivos.

Primeiro, porque Lívía está sempre atenta a tudo que a envolve, nessa geografia na qual todos estão imersos. Nas nossas idas e vindas por entre paisagens e lugares de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, não houve uma só vez que ela não tenha apontado para a terra ou para o céu, para os homens ou para as cidades e me ensinado algo de novo... sobre montanhas, árvores, nuvens e também indústrias, estradas, trabalhadores.

Segundo, pelo fato de Lívía ser também uma apaixonada por comidas. Comidas dos mais diversos tipos, origens e lugares... Saboreei ao lado dela, em seu lar ou no lar de seus queridos familiares, frutas, doces, pães, vinhos... comidas maravilhosas, cujos nomes, na maioria das vezes, eu não conhecia. Sabores que me arrastavam para novas geografias, nacionais e estrangeiras... Lívía se alimenta de geografia e por isso a ensina de maneira tão saborosa.

Com Rubem Alves¹⁷, fica bem claro que saber e sabor, em verdade, são palavras que têm em sua origem um significado muito próximo, pois *sapientia* quer dizer conhecimento saboroso. Por isso faz todo o sentido pensarmos no saber saboroso que Lívía me serviu, *sapientia* experimentada por tantos.

No decorrer de todo o doutorado tem sido sempre assim: nas minhas visitas frequentes à morada de Lívía, sempre sou recebido com um largo sorriso e um terno abraço, depois, já em seu escritório, me nutro de geografia e, finalmente, na cozinha, aprendo sabores. Saber com sabor que tem alimentado um sonho e o transformado na tese *Geografia Literária em Rachel de Queiroz*¹⁸.

¹⁷ ALVES, Rubem. Quarta variação: culinária. In: _____. **Variações sobre o prazer:** Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011. p. 133-170

¹⁸ CAVALCANTE, Tiago Vieira. **Geografia Literária em Rachel de Queiroz.** Tese (doutorado em Geografia). Rio Claro: UNESP, 2016.

*DOSSIÊ***A GEOGRAFIA NA TRAVESSIA ENTRE
APRENDIZ E MESTRA****Thiago Rodrigues Gonçalves¹⁹**

A vida tem sido um recolhido de horas ininterruptas em estradas. Um ir-se, sempre a-caminho-de já há algum tempo. Vida migrante, que desde cedo me fez entender a importância daquilo a que o Riobaldo, de Guimarães Rosa (2001), tanto dava importância em seu *Gerais-relato*. Ir e saber apreciar o que a ida traz consigo de aprendizados e belezas, até mais do que a alegria da chegada ou a saudade da partida: saber notar as sutilezas do entre.

A vida acadêmica, então, não podia ser diferente. E, desde o princípio, foi marcada pelas distâncias, pela solidão da estrada, pelos céus estrelados de junho, pelo anseio das novidades. Estudar também é, como tudo, outro momento travessia. Mais um entre. Lá e cá. A ponto de poder dizer, sem exagero, que o real endereço para correspondência deveria ser um determinado quilômetro de uma rodovia. Já velho conhecido.

Foi “travessando” que conheci Livia de Oliveira. Em Niterói (RJ), quando participei, como ouvinte, do primeiro Seminário Nacional de Geografia e Fenomenologia (SEGHUM), na Universidade Federal Fluminense (UFF), no ano de 2010. Ainda novato nessa nova empreitada, o nome de Livia, já conhecido de antigas referências e de conversas com meus professores de graduação, impressionava. Ouvi-la falar, estar na sua presença, junto com outros nomes que me dava a conhecer então, foi um prazer.

¹⁹ Realizou mestrado em Geografia com a Livia entre fev./2012 e out./2014.

Um dos apreços que nutro pela ideia de travessia do Rosa é o de que ela me dá a escusa necessária para uma vida toada em um tempo mais lento do que muito do que me rodeia e que, por consequência, fado ou coincidência (decida-se depois), resulta em uma séria distensão da memória. Um jeito rebuscado de dizer que a memória não é das faculdades aquela de que mais posso me vangloriar. Bachelard (2007) diria do instante intuído e de como, a bem da verdade, o passado é o que somos no presente, ou seja, vivemos o passado intuído no instante presente. Como discordar de Bachelard? Logo, tenho a fundamentação teórica e filosófica para afirmar que, no fundo, minha memória pouco afiada, é a expressão muito particular e experiencial do próprio tempo.

Recorro à Filosofia porque não saberia precisar em uma linha do tempo o momento exato em que Lívia aproximou-se de mim, no caminho entre o lindo casarão da Escola de Arquitetura da UFF onde ocorria o SEGHUM daquele ano e o restaurante que fica em uma praça ali próxima, e me convidou para tentar o mestrado consigo, na Unesp de Rio Claro. Travessias.

O interesse da emérita professora em meu trabalho me fez flutuar alguns centímetros do chão e, tenho certeza, devo ter balbuciado palavras ininteligíveis em resposta, tamanha minha alegria.

O tema do meu trabalho de dissertação certamente conseguiu atrair a atenção de Lívia. Meu desejo era o de trabalhar com música e geografia. Sabia que gostaria de priorizar a música popular. Por influência de Lívia e sua paixão comovente pela cultura caipira paulista, fui me encaminhando para o estudo daquele que viria então a ser meu companheiro por dois anos e meio: o samba paulista.

Ter sido orientado por Lívia de Oliveira no mestrado foi, acima de tudo, um constante aprendizado. O trabalho que resultou desse esforço de pesquisa, aprofundamento e cuidadosa consideração da cultura popular – “O lugar-samba no Bixiga: memória e identidade” – é, sem dúvida, um material de que me orgulho bastante pela sua qualidade como pesquisa e, também, como resgate

de um modo de ser que tem sido ofuscado já há muito por influências diversas. Mas, além disso, ser orientando de Livia me possibilitou aprender a me tornar pesquisador, a caminhar com minhas próprias pernas dentro de um espaço conquanto não completamente novo, certamente pouco explorado, como a academia era, para mim, até então.

A vigilância constante, o conselho na hora certa, a confiança no momento de aceitar minhas sugestões para o trabalho, a delicadeza nos modos e no trato para comigo (que pode surpreender àqueles que por ventura conheçam apenas a professora exigente e firme) e a sabedoria de, por vezes, saber esperar pelo momento certo para a palavra necessária: são ensinamentos incomensuráveis, fruto de uma convivência curta mas intensa, pela qual tenho que ser muito grato.

A vida de estar entre, a-caminho-de, tem dos seus percalços. Claro. Porém, guarda em si, como uma potência, a chance de encontros surpreendentes e recompensadores. A professora Livia de Oliveira é, sem dúvida, um dos meus maiores encontros. Geógrafa apaixonada pela ciência a que tanto se dedica, professora de um sem-número de felizardos como eu, mulher forte e desembaraçada, que conquistou o seu lugar sem nunca precisar pedir permissão a quem quer que fosse. Um exemplo, uma mestra, uma amiga.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A intuição do instante**. (Trad. de Antonio de Pádua Danesi) Campinas: Verus Editora, 2007. 107p.

GONÇALVES, Thiago Rodrigues. **O lugar-samba no Bixiga: memória e identidade**. 2014. 138 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014.

ROSA, Guimarães. **Grande sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 624p.

DOSSIÊ

O CORTEJO DE UM LUGAR COM LÍVIA DE OLIVEIRA

Ivan Fortunato²⁰

Concluí o doutorado em geografia no dia 05 de junho de 2014. Curiosamente, não estudava geografia desde o final do ensino médio, em 2000. Pior. Somente “estudei” geografia porque era uma disciplina que fazia parte do currículo imposto.

Não faz parte deste texto narrar as vicissitudes da vida e os caminhos tortuosos que me levaram ao programa de pós-graduação, na cidade de Rio Claro. Mesmo assim, acho importante destacar que essa ciência não fazia parte de minhas metas acadêmicas. Isso quer dizer que gostar de geografia, então, sequer havia sido cogitado... até o dia em que estive, pela primeira vez, com a professora Lívia de Oliveira.

Não obstante, esse nosso encontro não foi espontâneo, nem mesmo motivado pelas brilhantes ideias geográficas desenvolvidas e apresentadas pela professora Lívia ao longo de sua carreira. Em verdade, somente a procurei quando ficou mais do que evidente que não concluiria o doutorado, pois nada havia avançado na tese, mesmo tendo ingressado no programa dois anos e alguns meses antes.

Assim, foi pelo telefone que nos conhecemos, e logo marcamos para conversar sobre minha tese que, até aquele momento, em abril de 2013, era mera intenção de pesquisa...

A professora Lívia foi a primeira pessoa que ouviu minhas inquietações a respeito de *um lugar na cidade de São Paulo* e não subjugou a intenção de tentar

²⁰ Ocupa a cadeira 37 do IHGGI – Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Itapetininga. Realizou doutorado em Geografia com a Lívia entre abril de 2013 e junho de 2014.

compreender porque o Pateo do Collegio, no Centro Histórico, havia se tornado tão especial para mim.

Depois de escutar atentamente, ela me deu um livro, no qual pude ler seu texto mais recente, que tratava especificamente sobre “O Sentido do Lugar”, praticamente esclarecendo porque aquele local paulistano me era tão caro. E qual não foi minha surpresa ao notar que a professora Lívia também nutria sentimentos pelo mesmo lugar...

Daquele “Pátio do Colégio”, o ponto de partida do passado para o futuro, a vila de Piratininga, se espalhou pelas colinas em busca das várzeas, subindo os espigões, atingindo vales, se cambiando de cores, de estilos, de fachadas, rasgando avenidas e perfurando túneis, com caras novas, se transformando em uma grande metrópole. Porém, continuando um lugar, um aconchego para os migrantes que aqui se instalaram e continuam a procura-lo (Oliveira, 2012, p. 14).

O *lugar na cidade de São Paulo* tornou-se lugar comum entre a professora Lívia e eu, causando conversas semanais sobre sentido, ontologia e ... NAMORO! Namorar os lugares foi uma das mais belas lições aprendidas em nossos encontros, que partiu das ideias registradas no livro de René Dubos (1981) que me foi apresentado com grande alegria, pois eu estava, como a própria professora me disse, “cortejando” aquele emblemático lugar no centro histórico paulistano.

Assim seguimos o trabalho: eu passava uma semana imerso em leituras, cotejando o lido com o vivido com o fotografado, tentando esquadrinhar o sentido do Pateo do Collegio enquanto lugar, seja para São Paulo, seja para minha particular experiência. Daí, tudo isso virava texto, que era revisado, vírgula por vírgula, palavra por palavra, pela professora Lívia. Depois de lido, conversávamos novamente.

Havia duas possibilidades de conversa: sentados em suas belas poltronas no estilo colonial, frente a frente, ou em um banquinho de madeira, ao seu lado, na mesa de estudos. Nesse ritual, sentar nas poltronas significava que havia alcançado êxito, e que estava pronto para avançar. O banquinho, por outro lado,

implicava reiniciar o processo, principalmente porque eu insistia em teorizar sobre geografia, deixando o Pateo de fora, como se ele não participasse da tese. Lembro que entre abril e setembro de 2013, pouco sentei naquele banquinho e logo estava com o trabalho qualificado, tendo o privilégio de ter meu trabalho avaliado pela primeira doutora formada pela Livia, a professora Lucy.

Depois da qualificação, aquele banquinho se tornou minha segunda casa.

A professora Livia disse que havia deixado eu caminhar sozinho, até a qualificação, pois era preciso que eu sentisse que estava avançando. Afinal, a geografia, que não me era uma ciência familiar, já tinha me frustrado por mais de dois anos. Contudo, ela não poderia me deixar concluir o doutorado se eu não fosse capaz de pensar geograficamente. Desde outubro, então, pude vivenciar a paixão da professora Livia pela geografia e a energia que ela desprendia com o meu trabalho, lendo, relendo, corrigindo e, efetivamente, orientando. Nunca ela devolvia minhas páginas sem anotações, rabiscos, ideias para melhorar a escrita...

Com a professora Livia, aprendi a importância de cada palavra, o quanto cada palavra importa para a produção do conhecimento. Junto, líamos e relíamos seu dicionário de sinônimos, sempre em busca de um termo que melhor explicasse o sentido que pretendia dar ao meu texto.

Desse modo, seguimos praticamente todas as semanas de novembro e os primeiros dias de dezembro, retomando logo em meados de janeiro os encontros, quase sempre no banquinho.

Conforme avançava, a professora Livia me contava sobre sua jornada com a geografia e sobre sua vida em São Paulo. Com ela, conheci os trabalhos de Pasquale Petrone (1995) sobre a capital, e como esta cidade se tornou um “cadinho étnico” nas transições da época colonial para a economia cafeeira, depois para a cultura capitalista industrial. Nas buscas para melhor entender o Pateo do Collegio na evolução de São Paulo colonial para metrópole mundial,

encontrei um texto muito explicativo de um João Gualberto de Oliveira... ou o tio da professora Lívia. E essa coincidência muito nos encantou.

Talvez tenha sido dessa forma, lendo, escrevendo, errando, ouvindo, encontrando coincidências e novidades, que descobrimos qual era o sentido daquele *lugar na cidade de São Paulo* para mim, o qual balizou uma procura de anos para entender essa ligação afetiva, emocional, visceral. O sentido era de encantamento. Daí o primeiro capítulo da tese foi nomeado como “o súbito encanto com o lugar”.

Uma vez desvendado esse mistério, o trabalho fluiu. Juntos, com o auxílio de Dardel (2011) e Tuan (1983; 1980), pensamos sobre “lugarizar” um lugar, conceito que, no momento da defesa, a professora Lívia assumiu grande parte da responsabilidade pelo seu registro em minha tese, afirmando que ela tinha experiência, conhecimento e autoridade suficientes para apresentar um novo conceito à geografia.

No registro dessas memórias sobre aprender geografia com a professora Lívia de Oliveira, o ensinamento mais marcante aconteceu no dia da defesa de minha tese, no momento em que fui buscá-la. Sempre pontual, ela já estava na frente de seu prédio, pronta para irmos para a UNESP. Encostei o carro próximo à entrada principal do condomínio, liguei o pisca alerta e descí. Dei a volta no carro e corri para cumprimentá-la com um longo abraço, agradecendo tudo o que ela havia feito por mim nesse ano de intensos encontros geográficos.

Ao abrir a porta do passageiro para que ela pudesse entrar, falei, “deixe-me ajudá-la, professora”. Ela me olhou e perguntou: “por que você sempre me chama de professora?”. Respondi, de imediato, “por respeito” ... Eis que ela me olha e, calmamente, me explica: “se é por respeito, então me chame de Lívia. Eu sou primeiro a Lívia e, depois, professora. Nada mais respeitoso que reconhecer uma pessoa por ela mesma, e não por sua profissão”.

Calei. Desde esse dia, nunca mais a chamei de professora. Ela é a Lívia, de Oliveira. A pessoa que um dia atendeu meu telefonema e me convidou para

fazer parte de sua vida. Com ela, aprendi a pensar geograficamente os lugares da minha vida. Com ela, reconheci a importância do Pateo do Collegio e descobri ser possível cortejar, namorar e amar os lugares.

Hoje, em meados de 2016, descobri que amo duas cidades: São Paulo e Itapetininga, cidade onde tornei professor logo após ter concluído doutorado com a Lívia. Foi aqui em Itapé²¹ que firmei meu compromisso com os lugares e com tudo o que ela me ensinou pois, com muito orgulho, assumi, em junho deste ano, a cadeira 37 do IHGGI, o Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Itapetininga.

Ao final, fica registrado o profundo reconhecimento da presença de Lívia de Oliveira em minha vida, e a sorte de ter tido impulso tão vigoroso em minha carreira. Lívia, para sempre, muito obrigado!

Referências

- DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011, 159 p.
- DUBOS, René. **Namorando a Terra**. Tradução de Maria Cristina Carnevale. São Paulo: Melhoramentos; Universidade de São Paulo, 1981, 150 p.
- FORTUNATO, Ivan. **Pateo do Collegio**: um lugar na cidade de São Paulo. Tese (Doutorado em Geografia) — Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014.
- OLIVEIRA, João Gualberto de. Pátio do colégio nº 1. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, ano 37, v. 187, p. 179-194, 1975.
- OLIVEIRA, L. O sentido de lugar. In: MARANDOLA JUNIOR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Org.) **Qual o espaço do lugar?**: geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 3-16.
- PETRONE, Pasquale. A cidade de São Paulo no século XX. **Revista de História (USP)**, São Paulo, v. 10, n. 21-22, p. 127-170, 1995.
- TUAN, Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Lívia de Oliveira. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1983, 250p.
- TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Lívia de Oliveira. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980, 288p.

²¹ Na tese anotei que os lugares, assim como as pessoas que gostamos, são referidos por um apelido afetuosos.

*DOSSIÊ***TRAJETO CASA-UNIVERSIDADE:
CONTRIBUIÇÕES DE LÍVIA DE OLIVEIRA****Ismail Barra Nova de Melo²²**

Trilhar um caminho pode ser perigoso, principalmente quando não se conhece o terreno no qual se está pisando; porém, quando se está sendo guiado por alguém que já mapeou o percurso e conhece todos os obstáculos e possui sabedoria, tal caminho obscuro passa a ser seguro, o seu trajeto à noite é facilmente transposto como se fosse dia, a ponte estreita sobre o rio torna-se larga, as pedras pelo caminho são como tapetes, cobrindo o chão para a passagem sem sujar os pés, a mata fechada propicia sombra e frescor, e os animais, mesmo os temíveis, são companheiros. No meu trajeto casa universidade, pude contar com alguém que conhecia não só o caminho, mas também aqueles que por ele passavam. Conhecimento que não era só aparência, mas, acima de tudo, essência. Muitos foram os desvios, mas suas mãos firmes estavam lá para que o retorno fosse seguro, por isso, deixo aqui todo o meu agradecimento a minha orientadora Prof^a. Dra. Lívia de Oliveira, que soube, mais que qualquer instrumento de navegação, conduzir-me para o meu objetivo maior. Agradeço pelo seu acolhimento, pela sua paciência, pelos seus ensinamentos e, principalmente, pela sua amizade e generosidade. O meu eterno obrigado (Melo, 2007, p. 5).

Trajetória

O título aqui apresentado já diz, em grade medida, as contribuições que a Dra. Lívia de Oliveira teve em minha trajetória acadêmica. Cabe ressaltar que esta contribuição ainda se faz presente, pois desde o primeiro contato com a Dra. Lívia de Oliveira na disciplina de Epistemologia e História da Geografia, cursada como discente regular do programa de Mestrado da Geografia da UNESP de Rio Claro 2000, até o presente momento, 2016, estamos

²² Coordenador do curso de Geografia da UFSCar/Sorocaba. Realizou mestrado e doutorado com a Lívia entre 2000 e 2007.

trabalhando juntos em pesquisas relacionadas com a percepção ambiental e, mais particularmente, em Cartografia Escolar, como se pode observar pelos diferentes trabalhos apresentados ao longo do texto.

Como se pode observar no título desta apresentação e nos agradecimentos que fiz a ela na minha tese de doutorado, defendida em 2007, este percurso de casa a universidade, mais do que uma metáfora com as representações das crianças que se pede em Cartografia Escolar para colocar o trajeto casa-escola na iniciação cartográfica, representa, sem sombra de dúvidas, a participação efetiva de uma pesquisadora na minha formação acadêmica em todos os aspectos.

O primeiro trajeto representa o percurso de Jaboticabal-SP a Rio Claro-SP, feito todas as semanas de 2000 a 2007, perpassando pelo mestrado e o doutorado sob sua orientação. O segundo trajeto, um pouco maior, é de Jaboticabal-SP a Sorocaba-SP, com a aprovação no concurso público de professor adjunto da UFSCar em 2009. Todo o aprendizado adquirido em anos anteriores foi importante para trilhar este segundo caminho. O terceiro trajeto vai para além das contribuições acadêmicas, trata-se do mais longo dos trajetos, ou seja, da confiança, da solidariedade, da paciência e, acima de tudo, da amizade compartilhada nestes anos todos. Este último trajeto é percorrido com muita alegria e guardado os pontos de referências com sabedoria, pois tive a honra de ter o mapa no qual se encontrava a direção da sua ternura e também a localização precisa da sua imensa sabedoria.

Disciplina Epistemologia e História da Geografia. Ano 2000.

Disciplina cursada no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNESP de Rio Claro. Este foi o meu primeiro contato com a ilustre Dra. Livia de Oliveira. Nesta disciplina pude aprender as diferentes concepções das correntes do pensamento geográfico, passando pela escola alemã de Geografia e os seus principais influentes, bem como pelas escolas francesa e brasileira,

entre outras. Estes conhecimentos me ajudaram a trilhar o meu futuro acadêmico, sustentados nas bases da formação da Geografia. Nesta época ainda não era seu orientando, mas pude saborear de forma impar sua atenção e contribuição para a minha trajetória que se iniciava naquele instante.

Dissertação de mestrado: Espaço municipal: governo e orçamento participativo. Ano 2003. Orientação: Dra. Livia de Oliveira.

A minha dissertação versou sobre o orçamento participativo no contexto do Jogo Social proposto por Matus (1996). O Jogo Social é uma metáfora com o jogo lúdico ou desportivo em que facilita a compreensão da vida em sociedade, mesmo com as enormes diferenças que há entre eles. O Jogo Social conta com atores, enquanto o jogo desportivo com jogadores. Jogador é cada indivíduo participante do jogo desportivo. Ator normalmente refere-se a um grupo, mesmo tendo uma liderança, que possui peso político para as tomadas de decisões. O ator sempre possui um centro de poder na qual ele está vinculado. Existem três grupos de atores: atores econômicos, vinculados as empresas; atores estatais, vinculados aos governos e atores da sociedade civil, vinculados a organizações da sociedade. No Jogo Social, diferente do jogo desportivo, não existe condição inicial igual entre os atores, visto que há acúmulos no decorrer da História a favor dos atores hegemônicos. Os jogadores e atores são e possuem fenoestruturas, que se referem as ações realizadas que podem trazer como resultados acumulações ou perdas. Os objetivos dos jogadores são iguais, mas conflitivos. Para os atores os objetivos são diferentes, mas também são conflitivos. Os jogadores não conseguem alterar as regras do jogo (genoestruturas) por meio de suas ações, por sua vez, os atores podem por meio de suas ações alterar as regras do Jogo Social. No Jogo Social há problemas bem estruturados, relacionados aos processos repetitivos, estes são fáceis de serem resolvidos e a sua solução é baseada no conhecimento técnico-científico. Uma vez encontrada a solução não há criação

de outros problemas e também não há muito que questionar. Já os problemas quase-estruturados, relacionados aos processos criativos, não há solução. Neste caso, segundo Matus (1996), faz intercâmbio de problemas, ou seja, troca-se, na visão de cada ator, os problemas de alto valor por problemas de baixo valor. Os problemas quase-estruturados, diferentemente dos bem estruturados, dependem da visão de cada ator para buscar o melhor enfrentamento, logo, estão vinculados com a dimensão sociopolítica. Outra característica de um problema quase-estrutura está no seu desdobramento, ou seja, qualquer medida adotada para a tentativa de sua solução, acaba gerando outros problemas. A maior parte dos problemas existentes na sociedade atual são problemas quase-estruturados. Concluiu-se neste trabalho que o Orçamento Participativo pode ser uma estratégia de cooperação entre o ator-prefeito e a população. Pelo lado do ator-prefeito o Orçamento Participativo diminuiria as demandas da população, visto que há um filtro dos problemas nos setores geográficos. Outro ponto a favor do ator-prefeito é a adesão da população frente ao seu projeto político, dando-lhe sustentação no cenário local frente a outros atores. A população também é beneficiada visto que sua demanda, mesmo que parcial, também é atendida (Melo, 2003).

Artigo: Levantamento sobre percepção ambiental e tecnologia com professores universitários. Ano 2005.

Este artigo elaborado em conjunto com a Livia de Oliveira foi um trabalho para ser apresentado no Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente, HOMENAGEANDO LÍVIA DE OLIVEIRA, realizado em Londrina, Paraná em 2005.

O objetivo da pesquisa foi identificar como alguns docentes do ensino superior de diferentes áreas do conhecimento percebem o meio ambiente e a tecnologia. Fizeram parte deste levantamento 29 docentes da Faculdade de Educação São Luís de Jaboticabal-SP. Foram 17 (58,62%) das Ciências

Humanas, 05 (17,25%) das Ciências Exatas, 4 (13,79) de Letras e 03 (10,34%) das Ciências Biológicas. Concluiu-se que a maioria dos docentes não percebe o meio ambiente como um todo, ao contrário, predomina uma visão dicotômica separando de um lado a natureza e do outro a sociedade. Outra constatação foi de que a maioria apontou a tecnologia como responsável pela degradação ambiental e não como subordinada ao contexto socioeconômico vigente (Melo & Oliveira, 2005).

Tese de doutorado: Proposição de uma Cartografia Escolar no Ensino Superior. Ano 2007. Orientação Dra. Livia de Oliveira.

A minha tese de doutorado tratou da Cartografia Escolar no Ensino Superior. Desde a pesquisa feita pela Livia de Oliveira (1977) até o ano de 2007, muito já se tinha percorrido na Cartografia Escolar. Prova são os colóquios de Cartografia Escolar que se iniciaram em 1995 em Rio Claro sob a liderança da Livia de Oliveira e da Rosangela Doin de Almeida. Mesmo com estes avanços, Almeida (2001) apontava que ainda havia, naquele momento, dois focos urgentes, um era referente a produção de materiais cartográficos locais e outro era em relação a presença da Cartografia Escolar no ensino superior. Para suprir a lacuna do segundo foco é que nos propusemos a Cartografia Escolar no ensino superior. Inicialmente foi feita uma pesquisa exploratória para verificar a situação da Cartografia nos cursos de licenciatura e bacharelado em Geografia. Constatou-se que pouco ou quase nada havia de diferente entre as ementas das disciplinas de Cartografia nos dois cursos, apontando desta forma, a necessidade de conteúdos da Cartografia Escolar no ensino superior. Pôde-se discutir de forma intensa os diferentes saberes cartográficos, quer dizer, a Cartografia vinculada ao saber acadêmico ou científico, o saber cartográfico a ser ensinado, presente na noosfera e o saber cartográfico ensinado, vinculado as práticas pedagógicas inseridas nas escolas. Estes saberes foram discutidos a luz da teoria da transposição didática proposta por Chevallard (1991). A

Cartografia Escolar figura-se como uma contra-transposição didática. Para discutir a Cartografia Escolar e suas características foi preciso mergulhar nas discussões dos principais autores que realizaram pesquisas com este enfoque. Conclui-se que a Cartografia Escolar prima em levar em consideração o desenvolvimento cognitivo da criança, desta forma, todas as atividades ou produtos devem estar adequados a uma determinada faixa etária, caso contrário, o mapa não cumprirá seu papel. Isso significa dizer que a iniciação cartográfica deve partir de relações espaciais topológicas para se atingir as relações espaciais projetivas e euclidianas por meio de diferentes atividades ao longo da escolaridade. A proposta da Cartografia Escolar no ensino superior teve a preocupação de tornar o futuro professor de Geografia em um pesquisador, desta forma, buscaram-se atividades que permitissem que o formando pudesse ter contato com as diferentes pesquisas realizadas em Cartografia Escolar. Outra preocupação foi o desenvolvimento de atividades cartográficas que permitissem uma ordenação teórica metodológica procurando níveis de desenvolvimento cada vez maiores, ou seja, atividades que respeitavam o desenvolvimento cognitivo dos alunos do ensino básico e que fossem viáveis de serem aplicadas num ambiente com poucos recursos. Todas as atividades tiveram duas vertentes, mas que estavam relacionadas, quer dizer, uma tratava dos aspectos teóricos metodológicos e a outra como cada atividade poderia ser desenvolvida num ambiente escolar. Independentemente da atividade buscou-se partir sempre de uma postura em que o discente fosse o protagonista diante de uma situação problema, desta forma, elimina-se aquela situação apática no processo de ensino e aprendizagem em Geografia. Outro destaque foi a consideração em que a Cartografia sempre foi colocada como linguagem, desta forma, ela deve sempre ser usada como meio no processo de ensino e aprendizagem em Geografia e, portanto, não há um único momento em que se trabalhará com a Cartografia, ao contrário, ela deve estar presente o tempo todo nas diferentes discussões do espaço geográfico (Melo, 2007).

Artigo: Práticas cartográficas e geográficas aplicadas aos escolares do 6º ano. Ano 2011.

Este artigo foi elaborado em conjunto com a Dra. Livia de Oliveira e foi apresentado no EGAL de 2011. O mesmo trabalho foi publicado na Revista Geográfica de América Central Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica II Semestre 2011 pp. 1-16.

Como parte da disciplina Cartografia Escolar, do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, Campus Sorocaba –SP, foi planejada uma prática cartográfica e geográfica. **Objetivos** da pesquisa foi desenvolver um trabalho em conjunto com professor da UFSCar, estudantes do curso de Geografia e professora de Geografia da escola do Ensino Fundamental e desenvolver as práticas cartográficas com alunos do 6º ano de uma Escola Estadual da cidade de Votorantim, SP- Brasil. **Metodologia:** as atividades cartográficas compreendem: 1ª Observar e representar a sala de aula; 2ª Observar e construir uma representação da escola; 3ª Observar e interpretar fotografias e mapa do bairro. As atividades foram aplicadas pelos estudantes do curso de Geografia aos alunos do 6º ano dentro da disciplina de Geografia. Estas atividades abrangem: preparo das fichas e dos materiais; registro das dificuldades encontradas (tanto dos alunos universitários quanto dos alunos do Ensino Fundamental). **Resultados:** análises das representações elaboradas pelos alunos do Ensino Fundamental ao longo das atividades, verificando o ensino e aprendizagem das atividades cartográficas e geográficas e também as dificuldades conceituais, procedimentais e atitudinais dos sujeitos envolvidos (Melo & Oliveira, 2011).

Artigo: Cartografia escolar no ensino superior: alguns resultados. Ano 2013.

Este artigo foi produzido junto com a Dra. Livia de Oliveira e foi apresentado no VIII Colóquio de Cartografia para Crianças e Escolares que ocorreu na Universidade de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais.

A Cartografia Escolar, enquanto componente curricular do curso de Licenciatura em Geografia, foi ofertada pela primeira vez em 2010 na Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, Campus Sorocaba-SP. Até o momento três turmas já cursaram a Cartografia Escolar. O curso de Geografia da UFSCar, Campus Sorocaba-SP, teve seu início em 2009 e em 2012 foi formada a sua primeira turma. A Cartografia Escolar tem a preocupação de formar futuros docentes pesquisadores para que tenham condições de refletir sobre o ensino de Geografia no contexto escolar. Este trabalho tem como objetivo apresentar alguns resultados alcançados no curso de Geografia que estão relacionados diretamente com as pesquisas em Cartografia Escolar. Neste contexto, as discussões da Cartografia no Ensino de Geografia sempre foram pautadas no seu uso como meio, quer dizer, permeando as atividades do processo de ensino e aprendizagem em Geografia em diferentes circunstâncias. Destacam-se as atividades desenvolvidas por cada turma, três trabalhos de conclusão de curso, uma atividade de extensão e três artigos apresentados no Encontro Nacional dos Geógrafos no ano de 2012 realizado em Belo Horizonte. O interesse de estudantes de Geografia, licenciatura, em pesquisar temas relacionados a Cartografia e ensino é importante para a renovação e ampliação dos estudos em Cartografia Escolar e um meio de aproximar a teoria da prática (Melo & Oliveira, 2013).

Projeto de extensão: Atlas Municipal de Mairinque: Geográfico, Histórico, Cultural e Ambiental. Ano 2016.

Este projeto de extensão foi aprovado, com recursos, pela Pró-Reitoria de Extensão- PROEX, da UFSCar-Universidade Federal de São Carlos, sob o número 23112.001381/201577. A professora Dra. Livia de Oliveira faz parte desta atividade que está em fase de desenvolvimento.

A justificativa para a Elaboração do Atlas municipal de Mairinque: geográfico, histórico, cultural e ambiental é que os materiais didáticos: livros e Atlas Geográficos, principalmente, usados no processo de ensino e aprendizagem no ambiente escolar não contemplam os temas do local (município) onde o estudante reside. Isto ocorre porque estes materiais são produzidos por grupos editoriais para atender a demanda nacional, dessa forma, não particularizando o estudo local. Diante deste contexto tem-se como objetivo a elaboração do Atlas Municipal de Mairinque para que este material sirva de apoio didático para a discussão de temas locais de Geografia, História, Cultura e Meio Ambiente. A metodologia deste trabalho deve ocorrer no campo interdisciplinar da Cartografia Escolar com contribuição de especialista da área e professores da rede oficial de ensino e colaboradores. Esse trabalho será norteado pelos princípios da pesquisa-ação em que as atividades do grupo de pesquisadores insiram-se na pesquisa colaborativa, integrando universidade e escola. Público alvo: Professores e alunos do Ensino Fundamental de Mairinque. Dessa forma, propõe-se uma ação maior que envolveria discussão dos referenciais teóricos da Cartografia Escolar e metodologias para a iniciação cartográfica dos educandos que estão em diferentes fases do domínio das relações espaciais: topológicas, projetivas e euclidianas. Com isso, espera-se desenvolver atividades com grupos de docentes separados para que se possa tratar de atividades e discussões para um público específico. Para alcançar tal proposta dividimos as ações nos seguintes itens:

1) Estudo do Atlas Escolar de Mairinque e sua aplicação junto aos alunos da rede oficial de ensino de Mairinque. Nessa primeira fase os estudos e discussões visam claramente um melhor aproveitamento do uso do Atlas Escolar de Mairinque na sala de aula. Para que esta ação seja condizente com as aulas dos docentes deve-se nessa fase planejar, de acordo com a grade curricular existente, o número de aula de Geografia, de História e de Ciências nos dias da semana em que ocorrem, os conteúdos trabalhados nas diferentes séries e a disponibilidade dos docentes.

2) Encontros programados com docentes da rede de ensino de Mairinque com intuito de se realizar a iniciação cartográfica. O uso de multiplicadores nas Unidades Escolares para contribuir com a difusão das oficinas será discutido no momento oportuno. Essa proposta é condizente com a realidade das escolas, já que os docentes contam com uma determinada quantidade de horas semanais para o desenvolvimento de atividades coletivas, conhecido como HTPCS (Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo). Nesse horário poderia ser discutido os referenciais teóricos, bem como as atividades práticas que sirvam de ferramentas para a iniciação cartográficas dos alunos, principalmente do ensino fundamental. Tais atividades devem ser aplicadas pelos professores e devem ser registradas por meio de observações que serão posteriormente discutidas no grupo principal. Com isto espera-se atingir um número maior de docentes da rede de ensino de Mairinque. Essa ação está justificada por meio das colocações de Oliveira (1978, p.15), ao colocar que: Os mapas escolares são reproduções dos mapas geográficos. “O que ocorre é que os pequenos ‘lêem’ os mapas dos grandes, os quais são generalizações da realidade que implicam uma escala, uma projeção e uma simbologia especiais e que não têm significação nenhuma para as crianças”.

3) Encontros programados com docentes da rede de ensino de Mairinque com o intuito de aprimorar a leitura de mapas e outras representações cartográficas. Usando a mesma metodologia do item anterior,

essa ação estaria voltada para docentes que trabalham com alunos que já estão no domínio das relações espaciais euclidianas, ao contrário do anterior que estão nas relações espaciais topológicas, por isso, necessitam de atividades diferenciadas em relação ao primeiro grupo.

Referências

ALMEIDA, R. D. de. **Atlas municipais escolares: integrando universidade e escola por meio de uma pesquisa em colaboração**. 2001a Tese (Livre Docência em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro: UNESP, 2001.

CHEVALLARD, Y. **La transposition didactique**. Grenoble: La Pensé Sauvave Editions, 1991.

MATUS, C. **Adeus, senhor Presidente. Governantes governados**. Tradução de Luís Felipe Rodrigues del Riego. São Paulo: Edições Fundap, 1996.

MELO, I. B. N. de. **Espaço municipal: governo e orçamento participativo**, 2003, 167f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro, 2003.

MELO, I. B. N. de, OLIVEIRA, L. Levantamento sobre percepção ambiental e tecnologia com professores universitários. In: Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente, Homenageando Livia de Oliveira, 2005, Londrina. **Anais...**, Londrina, Universidade Estadual de Londrina, 2005.

_____. Práticas cartográficas e geográficas aplicadas aos escolares do 6º ano. **Revista Geográfica de América Central**. Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica II Semestre 2011, p. 1-16.

_____. Cartografia escolar no ensino superior: alguns resultados. In: VIII Colóquio de Cartografia para crianças e escolares: Para quem e para que Cartografia Escolar: experiência e campos de saberes, 2013, Juiz de Fora. **Anais...** Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013.

MELO, I. B. N. de, **Proposição de uma Cartografia Escolar no Ensino Superior**, 2007, 157f. Tese (Doutorado em Geografia), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro, 2007.

OLIVEIRA, L. **Estudo metodológico e Cognitivo do mapa**, 1977, Tese (Livre Docência) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1977.

_____. **Estudo metodológico e Cognitivo do mapa**. São Paulo: USP, 1978.

MOSAICO

ARQUITETURA E PERCEPÇÃO

ARCHITECTURE AND PERCEPTION

Rosio Fernández Baca Salcedo²³

Submissão: 22/08/2016

Revisão: 30/08/2016

Aceite: 07/09/2016

Resumo: A percepção e a cognição ambiental possibilitam a identificação de necessidades, expectativas, valores, significados e condutas dos usuários em relação ao espaço construído. O presente trabalho aborda as características dos usuários que influem na percepção e a percepção propriamente da arquitetura através dos sentidos da visão, tato, auditiva, olfato, térmica e tátil. Conhecer as necessidades e as expectativas dos usuários sobre os espaços construídos, nos leva a analisar ambientes, propor soluções para melhorar a qualidade desses espaços e elaborar projetos de arquitetura que satisfaçam seus usuários, para que sejam plenamente vivenciados através de todos os sentidos.

Palavras chave: Percepção. Arquitetura. Sentidos. Projeto.

Abstract: The perception and environmental cognition enable the identification of needs, expectations, values, meanings and behaviors of users in relation to the built environment. This paper discusses the characteristics of users who influence the perception and the perception of architecture itself through the senses of sight, touch, hearing, smell, touch and heat. Knowing the needs and user expectations about the built environment, leads us to analyze environments, propose solutions to improve the quality of these spaces and elaborate architectural designs that satisfy its users, in order to be fully experienced through all the senses.

Keywords: Perception. Architecture. Senses. Project.

²³ Professora da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Realizou Mestrado em Geografia com a Livia entre março/1990 e março/1995.

Introdução

Percepção é o ato ou a faculdade de perceber, adquirir conhecimentos pelos sentidos: visão, audição, olfato, tato e gustação. A “percepção sempre estará ligada a um campo sensorial e ficará conseqüentemente subordinada à presença do objeto, que lhe oferece um conhecimento por conotação imediata” (Del Rio; Oliveira, 1996, p. 203). A percepção trata da relação entre o ambiente e seus usuários e dos estímulos provocados por esse ambiente sobre os sentidos de seus usuários.

No entanto, a inteligência pode invocar o objeto em sua ausência, mediante a função simbólica e, quando o objeto está presente, ela o interpreta pelas ligações mediatas, elaboradas graças aos quadros conceituais de que o sujeito dispõe. A cognição é: “o processo mental mediante o qual, a partir do interesse e da necessidade, estruturamos e organizamos nossa interface com a realidade e o mundo, selecionando as informações percebidas, armazenando-as e conferindo-lhes significado” (Del Rio; Oliveira, 1996, p. 203). Também a cognição envolve “a memória dos usuários incluindo suas experiências passadas, valores e conhecimentos” (Reis, 2010).

O significado que é atribuído ao objeto percebido pode ser diferente de pessoa a pessoa, e está em função das características individuais, dos valores, dos símbolos, dos costumes, da cultura, da personalidade, do temperamento, da idade, do sexo, da renda, das classes sociais e procedência, entre outros.

Ainda, com relação à percepção, Tuan (1983) chama a atenção para o fato de que o espaço construído é extremamente variado:

[...] mas são mais variadas as maneiras como as pessoas percebem e avaliam essa superfície. Duas pessoas não veem a mesma realidade. Nem dois grupos sociais fazem exatamente a mesma avaliação do meio ambiente (...). Todos os seres humanos compartilham percepções comuns, um mundo comum, em virtude de possuírem órgãos similares (Tuan, 1983, p. 151).

Valores, símbolos, costumes de um grupo social são variáveis que influem na percepção sobre determinado objeto ou acontecimento, “cada cultura possui seus próprios símbolos de intimidade, amplamente reconhecidos pelas pessoas” (Tuan, 1983, p. 163), tem seus modos de agir e de atribuir significados ao espaço.

Outras variáveis que podem interferir na percepção do espaço são a personalidade e o temperamento do indivíduo. Sobre as causas biológicas que influenciam a personalidade e o temperamento, “a causa profunda da variação na personalidade e no temperamento reside nas glândulas endócrinas; mesmo as chamadas pessoas normais mostram diferenças importantes. As glândulas endócrinas liberam hormônios no sangue, que têm um efeito marcante nas emoções e sensação de bem-estar das pessoas” (Tuan, 1983, p. 53).

A idade também é uma variável que influencia a percepção, havendo diferenças significativas entre as crianças, os jovens, os adultos e os idosos. Com relação à percepção das crianças sobre o espaço construído, uma das maneiras de conhecer suas preferências e suas necessidades, é observando o seu desenho (Luquet, 1927).

O sexo é outra variável. Geralmente, a educação dos filhos se faz por sexo. As diferenças entre homem e mulher fazem com que o conhecimento do espaço seja também diferente: a mulher conhece com mais detalhes o espaço interno, e o homem conhece melhor o espaço externo. Além disto, sobre as diferenças entre a mulher e o homem, Tuan (1980) aponta que:

[...] masculino e feminino não são distinções arbitrárias, as diferenças fisiológicas entre homem e mulher são claramente especificáveis, e pode-se esperar que estas diferenças afetam os modos de responder ao mundo... como o homem tem menos gordura no tecido, é mais sensível ao frio do que a mulher. A pele da mulher é mais delicada, mais suave e provavelmente mais sensível do que a do homem, ela é mais susceptível às sensações táteis (Tuan, 1980, p. 61).

Além disto, as motivações e sistema de valores entre homem e mulher diferenciam as percepções. As diferenças entre as classes socioeconômicas se manifestam em uma percepção diferenciada sobre o espaço. Assim, a pessoa com uma renda baixa pode perceber no espaço os problemas relacionados com suas necessidades básicas como saneamento, falta de oportunidades de trabalho, e outras afins. No entanto, a pessoa com uma renda média ou alta identificará no espaço aqueles problemas relacionados com a poluição ambiental, congestionamento do trânsito, falta de áreas de lazer, entre outras de igual porte (Salcedo; Oliveira, 1997). A procedência da pessoa pode influenciar na percepção do objeto, assim, as pessoas do lugar se relacionam melhor com o seu espaço do que aquelas outras visitantes ou que ali estejam para uma permanência temporária.

Na elaboração dos projetos de arquitetura, a percepção e a cognição ambiental possibilitam a identificação de necessidades, expectativas, valores, significados e condutas dos usuários em relação ao espaço (Moore, 1984).

Percepção da Arquitetura

Dentre os objetos percebidos, a arquitetura desperta, simultaneamente, todos os sentidos, todas as complexidades da percepção. Arquitetura é a que leva em conta o espaço interior. “A bela arquitetura será a arquitetura que tem um espaço interior que nos atrai, nos eleva, nos subjuga espiritualmente; a arquitetura feia será aquela que tem um espaço interior que nos aborrece e nos repele” (Zevi, 1996).

A arquitetura é a arte de criar espaços para abrigar as atividades sociais, econômicas e culturais, condicionadas ao contexto físico-geográfico-arquitetônico, urbano e legal, e com tecnologias adequadas, podendo proporcionar conforto, tranquilidade, seguridade, acessibilidade; beleza e vistas agradáveis, além de permitir uma adequada acomodação e uso do mobiliário,

entre outras condições que permitam, de fato, que o espaço seja plenamente vivenciado (Salcedo, 2009).

Somente a arquitetura permite que o olho deambule livremente por entre os detalhes engenhosos. A arquitetura oferece as sensações táteis da textura, da experiência da luz cambiante com o movimento, o odor e os sons que ressoam no espaço e as relações corporais de escala e proporção. Todas essas sensações se combinam numa experiência complexa que passa a ser articulada e a ser específica, mesmo que sem palavras. O edifício fala dos fenômenos perceptivos através do silêncio (Holl, 2011). O espaço engloba constantemente nosso ser:

Através do volume do espaço nos movemos, percebemos formas, ouvimos sons, sentimos brisas, cheiramos as fragrâncias de um jardim, de uma flor. É uma substância material como a madeira ou a pedra. Sua forma visual, suas dimensões e escala, a qualidade de sua luz – todas essas qualidades dependem de nossa percepção dos limites espaciais definidos pelos elementos da forma. À medida que o espaço começa a ser capturado, encerrado, moldado e organizado pelos elementos da massa, a arquitetura começa a existir (Ching, 2005, p. 92).

As qualidades de um espaço arquitetônico – forma, som, cor, luz, vista, escala, textura, proporção e afins – dependem das propriedades da delimitação desse espaço – formato, superfície, arestas, dimensões, configuração, aberturas. Nossa percepção das qualidades do espaço constitui, frequentemente, uma resposta aos efeitos que são combinados nessas propriedades encontradas e está condicionada pelas experiências anteriores que tivemos, nossas expectativas, bem como nossos interesses pessoais e culturais (Ching, 2005).

A percepção da arquitetura é realizada a partir dos aparatos sensoriais que podem ser classificados em dois grupos:

- 1) Os receptores a distância: diz-se daqueles aos que correspondem o exame dos objetos distantes, como os olhos, os ouvidos e o nariz.
- 2) Os receptores imediatos: são os que se empregam para o exame do mundo estritamente próximo, ou seja, o mundo do tato, das sensações que recebemos por meio da pele, das membranas e dos músculos (Hall, 1973, p. 76).

A pele é um órgão principal do tato e, ao mesmo tempo, sensível ao aumento da perda de calor; ela detecta esse movimento, tanto quando isto se transmite por condução, como quando se recebe por radiação. Portanto, a pele é um receptor imediato e um receptor à distância.

Todos os sentidos, inclusive a vista, são prolongações do sentido do tato, uma vez que são especializações do tecido cutâneo. Nosso contato com o mundo tem lugar na linha limítrofe do *eu*, por meio de partes especializadas de nossa membrana envolvente. O tato é o pai de nossos olhos, orelhas, narizes e bocas, é o sentido que passou a diferenciar-se dos demais, é a mãe dos sentidos (Pallasmaa, 2006).

O sentido do eu favorecido pelas artes e a arquitetura, permite que nos dediquemos plenamente às dimensões mentais do sonho, do desejo, da imaginação, da criatividade. Os edifícios e as cidades proporcionam o horizonte para entendermos e confrontarmos a condição humana existencial:

En lugar de crear simples objetos de seducción visual, la arquitectura relaciona, media y proyecta significados. El significado primordial de un edificio cualquiera está más allá de la arquitectura; vuelve nuestra conciencia hacia el mundo y hacia nuestro propio sentido del yo y del ser. La arquitectura significativa hace que tengamos una experiencia de nosotros mismos como seres corporales y espirituales. De hecho, esta es la gran función de todo arte significativo. En la experiencia del arte tiene lugar un peculiar intercambio; yo le presto mis emociones y asociaciones al espacio y el espacio me presta su aura, que atrae y emancipa mis percepciones e ideas. Una obra de arquitectura no se experimenta como una serie de imágenes retinianas aisladas, sino en su esencia material, colorea y espiritual plenamente integrada. Ofrece formas y superficies placenteras moldeadas por el tacto del ojo y de otros sentidos, pero también incorpora e integra estructuras físicas y mentales otorgando a nuestra experiencia existencial una coherencia y una trascendencia reforzadas (Pallasmaa, 2006).

O espaço de uma boa arquitetura nos faz sentir plenamente como seres existenciais, desperta nossos sentidos, proporcionando percepções visuais, auditivas, do olfato, térmica e tátil.

Percepção visual

O nervo ótico contém, aproximadamente, um número de neurônios dezoito vezes superior ao nervo acústico; é possível, portanto, supor que tal nervo transmita dezoito vezes mais informações. Os olhos podem chegar a ser mil vezes mais eficazes que os ouvidos na captação de informações. O olho, sem nenhum tipo de ajuda, recolhe uma extraordinária quantidade de informações num raio de quase cem metros, conservando uma eficácia plena para a interação humana, até algo mais de um quilômetro e meio (Hall, 1973).

Nas artes plásticas, a percepção visual é entendida como o “conhecimento teórico, descritivo relacionado à forma e suas expressões sensoriais. É uma maneira de analisar mais detalhadamente os atributos, diferenciando os pontos relevantes e não relevantes de uma obra artística”. As pessoas que trabalham com criação, seja um arquiteto, designer gráfico ou artista plástico, precisam entender quais “fatores são determinantes para a legibilidade do que se vê e como usá-los de maneira a conseguir uma comunicação satisfatória do que se quer transmitir” (Lima, 2010).

Os fatores que afetam a percepção visual de um indivíduo são quatro:

O primeiro é quando há uma distorção na percepção sensorial visual. Este é chamado de ilusão ótica porque nos leva a perceber erroneamente uma realidade. A percepção errônea pode variar entre uma pessoa e outra, dependendo de fatores como, por exemplo, a acuidade visual, campimetria, daltonismo, astigmatismo, entre outros. Entender esses fenômenos é útil para compreender as limitações do sentido visual do ser humano e a possibilidade de distorção, seja com relação à forma, cor, dimensões, seja com relação à perspectiva do observado.

[...] O segundo é a percepção associada que ocorre quando os estímulos que correspondem a um sentido determinado também influem nas respostas do outros campos sensoriais. Isso é o que ocorre quando dizemos que “a cor vermelha dá uma sensação de calor, a cor verde a sensação de paz, e o azul de frio”.

O terceiro fator é o efeito de sinestesia. A sinestesia associa estímulos diferentes produzindo modificações na percepção.

O último fator que pode afetar e modificar completamente a percepção do indivíduo são os diferentes tipos de personalidades (Lima, 2010, p. 37-39).

Ressalta-se que a utilização da cor na arquitetura deve ser usada para criar cenários, ambientes harmoniosos com a estética e com a sensibilidade contemporânea e com as sensações espaciais a serem atribuídas ao espaço. A cor pode influenciar na percepção visual da arquitetura. Dentre os fatores que afetam as percepções da cor estão: características de cada cor e as sensações espaciais produzidas, significado da cor atribuída pelas pessoas segundo suas características (cultura, sexo, idade, entre outros) e a forma espacial. A influência da cor em sensações espaciais é estudada por Mazillini (2003) e por Gurgel (2005), entre outros. Sobre as características de cada cor, Gurgel (2005), em seus estudos de cromoterapia e interiores, ressalta que o uso da cor pode influenciar a sensação espacial²⁴. Para Lima (2010, p. 23): “A sensação é um fenômeno

²⁴ Azul: é uma cor da natureza (céus, mares), traz tranquilidade, harmonia, paz e devoção; em tons pastel, aumentam a sensação espacial e ajudam a acalmar; em tons escuros podem induzir a introspecção e deprimir; em tom vivo, é poderoso e transmite paz; já em tons acinzentados podem tornar-se monótonos. Na face Sul deve ser usado com cautela, pois poderá passar uma sensação ainda mais fria do local; já na face Norte, pode representar um aliado importante.

Violeta e roxo: representam sensibilidade, intuição, espiritualidade e sofisticação. Tons escuros podem criar um refúgio e misturados a tons pastel podem criar atmosferas interessantes.

Vermelho: a mais quente e dramática das cores, estimula os sentidos e seduz a mente. Cuidado com uso em demasia de tons fortes, podendo deixar o espaço estressante. Em área de refeições, estimula o apetite, esquenta o ambiente e acelera os sentidos, porém comer com calma é o ideal.

Laranja: a energia física e dinâmica do vermelho, associada à intelectualidade do amarelo, estimula a sociabilização e o apetite. É a cor da criatividade, do divertimento, da alegria e do humor. Em ambientes de estudo, estimulam o raciocínio. Em tons fortes, são versáteis e dão aconchego; em tons suaves, são delicados, esquentam levemente e dão aconchego.

Amarelo: é a cor da infância, alegre, espontânea e divertida. Estimula a criatividade, o intelecto e o poder, além da digestão e comunicação. Interessantes para ambientes de estudo ou leitura e não recomendada para quartos, pois dificulta o sono devido aos estímulos. Por ter alto teor de reflexão de luz, é indicado para ambientes pequenos ou escuros.

Verde: outro tom da natureza (remete à vegetação). É a cor associada ao equilíbrio e à harmonia, sugere honestidade, estabilidade e confiabilidade. Cor da caridade, da compaixão, compartilhamento e esperança. Confortante e antiestresse, estimula o silêncio e pode ser considerada neutra, quanto a temperatura. Tons pastel são indicados para ambientes de relaxamento e não recomendados para áreas de atividades físicas.

Preto: não é considerado cor, mas atua na mente e no físico. É sóbrio, masculino e impessoal. Diminui o tamanho dos objetos e aproxima superfícies absorve a luz e pode deprimir se usado em excesso. Pode ser usado em qualquer composição.

Branco: neutro, simboliza a inocência, fé e pureza e está associado à alegria, à claridade e higiene. Ideal para cozinhas, despensas, banheiros e ambientes de saúde. Aumenta o tamanho

psíquico elementar que resulta da ação de estímulos externos sobre os órgãos dos sentidos”. É o caso dos tons frios – verde e azul que tendem a retrain os objetos e espaços para um plano de fundo, aumentam o tamanho do ambiente, refrescam e dão um ar mais relaxante, enquanto que os tons quentes como o amarelo e vermelho que tendem a vir para o primeiro plano, dão a impressão de um ambiente menor, diminuindo objetos e criando um ar mais aconchegante (Mazzilli, 2010, p. 80). É importante ressaltar que a realidade física da cor se contrapõe ao efeito cromático, dadas as relações entre a natureza da matéria e a luz que incide sobre ela.

Principalmente em ambientes fechados, o uso de cores vivas e combinações de cores complementares ou contrastantes (cores opostas no círculo de Munsell), como o vermelho e o verde, o laranja e o azul, podem provocar fadiga visual, gerando desconforto e estresse em quem utiliza esses ambientes (Mazzilli, 2010) (fig. 1).



Fig. 1: Círculo de Munsell

O uso da cor em ambientes infantis está em função das atividades a serem neles desenvolvidas. Por exemplo, em espaços onde serão realizadas atividades físicas poderia ser utilizada a tríade das cores primárias: vermelho, azul e amarelo, secundárias: laranja, verde e violeta; ou ainda terciárias: vermelho

dos objetos e amplia os espaços, porém se usado em demasia, pode tornar o ambiente monótono. Como o preto, pode ser usado em qualquer composição.

Cinza: associado à sabedoria e à idade, e também à fadiga e ao estresse. Quando usado em grandes áreas, pode tornar o ambiente triste; tons de cinza diferentes num mesmo ambiente dão movimento; compondo com cores vivas, resultados interessantes e dinâmicos são obtidos.

alaranjado, amarelo esverdeado e azul arroxeadado. O espaço onde o bebê vai dormir deveria ser um ambiente silencioso, acolhedor, relaxante, para esta função, as cores mais relaxantes seriam os tons pastel – azuis, verdes – e as cores mais tranquilizantes e refrescantes seriam os tons de lilás (Gurgel, 2005).

Nas salas de aula, para criar um ambiente estimulante, alegre, onde o professor e os alunos se sintam bem, é ideal que as paredes sejam cobertas com as cores palha, amarelo, rosa, pêssego. Na parede que contém o quadro negro – verde esmeralda – é recomendável que sua cor seja mais clara, para evitar grandes choques.

Ainda com relação à cor, as pessoas lhe atribuem um significado em função de suas características: cultura, idade, sexo, entre outros:

O que para uns é tristeza, para outros pode significar prosperidade, elevação do espírito. Para os japoneses, por exemplo, o laranja representa alegria e amor, já para os budistas é símbolo de humildade. Para os hindus, o lilás é sabedoria, elevação de espírito. Na cultura ocidental, o roxo é tristeza, pois está vinculado a cerimônias post-mortem. O luto é simbolizado pelo preto para os ocidentais e pelo branco para os orientais (Gurgel, 2005, p. 253).

Com relação à percepção visual da forma na arquitetura, a teoria da Gestalt “afirma que não se pode ter conhecimento do todo através das partes e, sim, das partes através do todo; que os conjuntos possuem leis próprias e estas regem seus elementos; e que só através da percepção da totalidade é que o cérebro pode, de fato, perceber, decodificar e assimilar uma imagem ou um conceito” (Lima, 2010, p. 69).

A teoria da Gestalt ressalta que o cérebro, quando age no processo da percepção, segue certas leis que facilitam a compreensão das imagens e das ideias. Os princípios da teoria de Gestalt aplicados à forma na arquitetura são: pregnância da forma, proximidade e semelhança, continuidade e fechamento, definindo pregnância como a capacidade de perceber e reconhecer formas. “A forma é uma das características essenciais dos objetos. Refere-se

especificamente aos limites das massas, aos corpos tridimensionais limitados por superfícies bidimensionais e às superfícies por contornos unidimensionais, como por exemplo, as linhas” (Lima, 2010, p. 72).

A simplicidade é a forma como são organizadas as partes constitutivas das unidades que definem claramente o lugar e a função de cada um no conjunto. “O grau de simplicidade afeta a percepção de uma configuração como figura e a rapidez com que ela é percebida. Quanto mais regular, mais rapidamente esta assume um caráter de figura” (Lima, 2010, p. 72), expressando uma composição satisfatória, pois as formas simples e regulares com elementos repetitivos são mais fáceis de ver; enquanto que as formas complexas são mais difíceis de serem decifradas e interpretadas.

O MASP São Paulo cujo Projeto é de Lina Bo Bardi tem a composição de seu edifício sintetizada por três planos: um plano horizontal e dois planos verticais caracterizando a simplicidade em termos perceptivos (fig. 2).

A Igreja Sagrada Família (Projeto de Gaudi), em Barcelona, apresenta uma composição complexa caracterizada por torres verticais e planos horizontais (fig. 3).



Fig. 2. MASP (Museu de Arte de São Paulo).
Fonte: Acervo autor, maio de 2011.



Fig. 3. Igreja Sagrada Família, em
Barcelona (Espanha).
Fonte: Acervo autor, abril de 2009.

O princípio de proximidade e semelhança “tende a integrar em um todo os elementos óticos próximos uns dos outros. Os elementos que estão mais perto de outros numa região tendem a ser percebidos como um grupo” (Lima, 2010, p. 80). Na arquitetura, a repetição ou alternância padronizada de elementos ou motivos na mesma forma ou em forma modificada formais utilizada na composição das fachadas cria um movimento unificador e harmonioso, proporcionando a percepção de cada elemento em relação às outras partes e ao todo de sua composição.

O Palácio de Alhambra, em Granada (Espanha), apresenta na composição uma sequência de arcos padronizados e os arcos centrais com formato diferenciado, localizados nos pavimentos térreo e superior que assinalam a hierarquia dos elementos e as entradas do edifício, além de enfatizar a sua simetria (fig. 4).

O princípio da semelhança é baseado em objetos que tenham a mesma característica visual, seja formato, tamanho, cor, textura, ou orientação. Na arquitetura, a forma dos volumes, a padronização do tamanho das aberturas e sua repetição na organização espacial criam ritmo, unidade e harmonia na composição. O auditório de Tenerife, em Santa Cruz de Tenerife (Espanha), projeto do arquiteto Calatrava, apresenta na sua composição volumes com formatos semelhantes que proporcionam equilíbrio, ritmo e harmonia (fig. 5).



Fig. 4. Alhambra, em Granada (Espanha).
Fonte: Acervo autor, junho de 2009.



Fig. 5. Auditório de Tenerife, em Santa Cruz de Tenerife (Espanha).
Fonte: Acervo autor, novembro de 2016.

O princípio da continuidade descreve a preferência pelos contornos contínuos e sem quebra da imagem, ao invés de outras combinações mais complexas. Toda unidade linear tende a se prolongar na mesma direção e com o mesmo movimento (Lima, 2010, p. 890) Na arquitetura, quando um elemento quebra a continuidade da forma, cria-se um forte foco de atenção ou acento. O Museu de Arte Contemporâneo, em Barcelona (Espanha), projeto do arquiteto Richard Meier, está caracterizado por um volume contínuo que demarca uma direcionalidade reta. Ver fig. 6.

Ainda com relação à percepção visual da forma na arquitetura, podemos acrescentar o princípio do campo visual emitido pelas aberturas dos ambientes do edifício, sejam janelas ou portas. Na arquitetura, a orientação das janelas, varandas, portas deve proporcionar visuais agradáveis como paisagens naturais, paisagens urbanas, jardins, praças, passeios, entre outros. Visuais que proporcionem sensações de relaxamento, tranquilidade, contemplação. As janelas do Palácio de Alhambra em Granada (Espanha) proporcionam vistas panorâmicas da cidade de Granada. Ver fig. 4.



Fig. 6. Museu de Arte Contemporâneo, em Barcelona (Espanha).
Fonte: Acervo autor, junho de 2009.

O princípio de fechamento se refere à situação de quando vemos uma figura ou imagem completa, mesmo quando a informação está incompleta.

A linguagem visual é um dos instrumentos fundamentais no processo de desenho de arquitetura, é constituída por um conjunto de elementos visuais que, associados, podem compor mensagens em diversos níveis de complexidade (Mazzilli, 2003, p. 73). Visual é o “o conjunto de elementos que tornam visível a mensagem, todas aquelas partes que devem ser consideradas e aprofundadas para poderem ser utilizadas com a máxima coerência em relação à informação” (Munari apud Mazzili, 2003, p. 75). O desenho infantil é uma das linguagens essenciais, utilizado como técnica no desenvolvimento de pesquisas sobre o ambiente construído para crianças, sobretudo aquelas que ainda não falam de forma articulada. O desenho é apresentado como preenchedor das lacunas deixadas e revelador de formas de ver o mundo das crianças.

A pesquisa desenvolvida no Centro de Convivência Infantil da UNESP, Campus de Presidente Prudente, “Casinha de Abelha²⁵”, em 2009, mostrou como as crianças percebem o espaço construído da escola e pensam sobre ele. Quando foi solicitado às crianças para desenharem os locais de que mais gostavam, os desenhos expressavam: o parquinho, o escorregador, jogar bola, as flores e se fantasiar. E quando foi solicitado a elas para desenharem os locais de que menos gostavam, os desenhos mostravam a falta de espaço para brincar. Portanto, os desenhos expressam as preferências das crianças por ambientes lúdicos. Figs. 7 e 8.

²⁵ O CCI da UNESP, Chalezinho da Alegria, está instalado dentro do Campus da UNESP de Presidente Prudente. Em 2009 atendia 52 crianças de 0 a 6 anos. O CCI compreende um parquinho infantil e uma edificação térrea de 386,95 m², contendo: 5 salas de atividades, berçário, solário, lactário, sala de enfermagem, trocador, sala de supervisão, banheiro de funcionário, banheiro para crianças, banheiro para a supervisão, cozinha e almoxarifado. Monteiro, Joana Fernandes; Salcedo, Rosio Fernández Baca. Avaliação pós-ocupação, percepção e cognição ambiental no centro de convivência infantil (cci) da UNESP de Presidente Prudente. Relatório Final, PIBIC/CNPq/Unesp. Bauru, 2009.



Fig. 7. Preferências das crianças: jogar bola.
Fonte: Monteiro, 2009.



Fig. 8. Preferências das crianças:
escorregador. Fonte: Monteiro, 2009.

O nervo acústico contém, aproximadamente, um número de neurônios dezoito vezes menor que o nervo ótico, portanto é possível supor que tal nervo transmita menos informações ao indivíduo. Por outro lado, é muito limitada a área espacial que pode cobrir com efetividade o ouvido, na vida corrente, quando não se emprega nenhuma classe de ajuda. Até uma distância de seis metros o ouvido é eficaz. Aos trinta metros, aproximadamente, ainda resulta possível a comunicação oral num único sentido, em proporção, algo mais baixa que à distância de conversação, tanto que o diálogo ou a conversação em ambos os sentidos se altera consideravelmente. Além dessa distância, a audição começa a esfumar-se, perdendo eficácia rapidamente (Hall, 1973).

Percepção auditiva

A audição é a percepção de sons pelos ouvidos. A acústica, a psicologia e a psicoacústica estudam a forma como percebemos os fenômenos sonoros. As principais variáveis do conforto acústico são: entrono (tráfego), a arquitetura, o clima (ventilação, pluviosidade), orientação/implantação, materiais e mobiliário. A aplicação da acústica na arquitetura é importante para a percepção dos fenômenos sonoros como a música, o teatro, entre outros. Um bom exemplo da arquitetura acústica é a Sala São Paulo, ver Fig. 9.

Por outro lado, o ruído definido como um som sem harmonia e que, no geral, tem uma conotação negativa, na arquitetura pode ser amenizado com o uso de materiais convencionais – blocos cerâmicos, bloco de

concreto/concreto celular, bloco de sílico, calcário, madeira, vidro entre outros afins, e não convencionais como lã de vidro, lã de rocha, entre outros, que podem reduzir ou eliminar o ruído.

Percepção olfativa

Segundo Pallasmaa (2006), necessitamos de apenas oito moléculas de uma substância para desencadear um impulso olfativo em uma terminação nervosa, bem como podemos detectar mais de 10.000 odores diferentes. A percepção olfativa engloba discriminação de odores, que diferencia um odor de outro, o efeito de sua combinação e o alcance olfativo. Cada residência possui seu próprio odor, característico daquele lar. Os esquimós aceitam altas concentrações dos odores dentro do iglu, e na casa tradicional japonesa aceita-se o odor do banho. Também há culturas em que a fumaça é sagrada e se fomenta pela residência (Rapoport, 1972).

Ao lembrarmos do cheiro da casa da avó, vêm-nos à memória gratos momentos em família. O cheiro de um café nos lembra das reuniões com os amigos da faculdade. Respirar é uma necessidade básica do homem. Porém, a forma da organização dos cômodos no interior de uma residência, a implantação da residência no lote, a disposição da janela no cômodo, entre outros, podem permitir ou não a captação de odores. O sabor na preparação dos alimentos numa cozinha americana pode espalhar-se pelos cômodos da casa. Segundo a pesquisa desenvolvida em Barcelona (2009), os residentes sentiam-se incomodados com os odores da cozinha americana, espalhados nos ambientes do apartamento. Fig. 10.



Fig. 9. Estação Júlio Prestes: Sala São Paulo. Acervo autor, 2011.



Fig. 10. Piso 3º Habitação de Proteción Oficial Cambó 2, Barcelona, (Espanha): Apartamentos com cozinha americana. Legenda: 1: hall, 2: sala, 3: sala de jantar, 4: dormitório, 5: banheiro, 6: cozinha, 7: corredor, 8: depósito.

Fonte: Acervo autor, 2009.

Percepção térmica

Os nervos externo-receptores, localizados na pele, transmitem as sensações de calor, frio, contato e odor ao sistema nervoso central. A pele é um órgão sensorial por meio da qual percebemos o calor e o frio. Sem a capacidade de percebermos essas sensações térmicas, congelar-nos-íamos no inverno e queimar-nos-íamos no verão (Hall, 1973).

Na arquitetura, é importante a orientação das janelas para ter ambientes com sensações térmicas confortáveis, presença do ar fresco durante o dia ou nas noites calorosas do verão. Em climas tropicais, recomenda-se que as janelas dos dormitórios tenham orientação leste para assimilar os raios solares da manhã e evitar o excessivo calor da tarde.

A pesquisa desenvolvida sobre a qualidade de habitação no Edifício São Paulo – na área central da cidade de São Paulo – com relação ao conforto térmico expressou que a maioria das salas, salas de jantar e dormitórios têm uma boa orientação: Nordeste, Norte e Leste, tornando esses ambientes confortáveis. No entanto, a maioria das janelas das cozinhas está voltada para um corredor e os banheiros possuem apenas dutos, sendo propensos à umidade e exigindo um maior consumo de energia elétrica. Ver Fig. 11.

Entretanto, em regiões de clima frio, recomenda-se que as janelas dos dormitórios tenham orientação oeste para receber a radiação solar da tarde e manter o ambiente quente à noite.

Percepção táctil

O tato é sentido pela pele em todo o corpo, permite reconhecer presença, textura, forma e tamanho, temperatura dos objetos em contato com o corpo. Entre os fatores presentes na percepção tátil estão: a discriminação da forma, seu tamanho e textura; a dor e a temperatura. O tato não é distribuído uniformemente pelo corpo, os dedos da mão possuem sensibilidade maior que as outras partes do corpo, como a para a leitura do Braille; partes do corpo são mais sensíveis ao calor, enquanto outras são mais sensíveis à dor.

Textura é a qualidade visual e táctil de certos materiais; quando temos contato com a sua superfície, podemos perceber suas características: áspera, lisa, rugosa, acetinada, entre outras. A textura que se enxerga visualmente se aprecia e se valoriza quase que exclusivamente por meio do tato, com raras exceções, é a memória das experiências tácteis as quais possibilitam apreciar a textura (Hall, 1973).

A textura é utilizada para que o ambiente possua um maior conforto ambiental, térmico, acústico, iluminação e se encontra presente em ambientes externos e internos como forros, paredes, esquadrias, pisos, móveis, entre outros. Materiais como o mármore, a madeira, a pedra, água, entre outros, propiciam experiências tácteis, atraindo o olhar e a aproximação das pessoas.

Fig. 12.



Fig. 11. Edifício São Paulo (São Paulo): orientação das janelas das unidades de habitação social.

Fonte: Salcedo & Arruda 2012.



Fig. 12. Palácio de Alhambra, em Granada (Espanha): materiais diversos: madeira, pastilha.

Fonte: Acervo autor, junho de 2009.

Poucos arquitetos e projetistas têm prestado atenção à contextura dos materiais e à importância que isto tem na arquitetura. Estas deveriam ser utilizadas na construção, de maneira consciente e com conhecimento de suas implicações psicológicas e sociais futuras.

Considerações finais

Na avaliação pós-ocupação dos espaços construídos, na elaboração de projetos de arquitetura, entre outros, é importante conhecer a percepção dos usuários sobre os espaços construídos. Assim, a partir destas informações é possível analisar os ambientes, propor soluções e melhorar a qualidade desses espaços.

Conhecer as necessidades e as expectativas dos usuários (segundo grupos de idade, cultura, grupos sociais, entre outros) sobre os espaços construídos, nos leva a elaborar projetos que satisfaçam seus usuários. Propor espaços que correspondam às necessidades sociais, econômicas, culturais, ao contexto urbano e físico geográfico; projetar uma arquitetura com formas, tecnologias, materiais, texturas, cores, sons, cheiros, para que sejam plenamente vivenciados através de todos os sentidos, essa é a função da arquitetura.

Referência

- CHING, F. D. K. **Arquitetura: forma, espaço e ordem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FABRICIO, Márcio Minto; ORNSTEIN, Sheila Walbe (orgs.). **Qualidade do Projeto de Edifícios**. São Carlos: RiMa Editora, ANTAC, 2010.
- GURGEL, Miriam. **Projetando Espaços: guia de arquitetura de interiores para áreas residenciais**. São Paulo: Editora SENAC, 2005.
- HALL, E. T. **La dimensión oculta: enfoque antropológico del uso del espacio**. Madrid: Instituto de Estudios de Administración Local, 1973.
- HOLL, Steve. **Cuestiones de percepción. Fenomenología de la arquitectura**. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 2011.
- LIMA, Mariana. **Percepção Visual Aplicada a Arquitetura e Iluminação**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2010. 145p.
- LUQUET, G.H. **Le dessin enfantin**. Paris: Presses Universitaires de France, 1927.
- MAZZILLI, Clíce de Toledo Sanjar. **Arquitetura Lúdica – Criança, Projeto e Linguagem: Estudos de espaços infantis educativos e de lazer**. São Paulo, 2003, Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade de São Paulo.
- MOORE, G.T. **Estudos de Comportamento Ambiental**. In: SNYDER, J. C.; CATANESE, A. **Introdução à arquitetura**. Rio de Janeiro: Campus, 1984.
- PALLASMAA, J. **Los ojos de la piel: la arquitectura de los sentidos**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2006.
- RAPOPORT, Amos. **Vivienda y cultura**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1972.
- REIS, Antônio Tarcísio da Luz. **Edificações e espaços urbanos: percepção, cognição e métodos de avaliação**. In: FABRICIO, Márcio Minto; ORNSTEIN, Sheila Walbe (organizadores). **Qualidade do Projeto de Edifícios**. São Carlos: RiMa Editora, ANTAC, 2010.
- REIS, Antônio Tarcísio da Luz. **Edificações e espaços urbanos: percepção, cognição e métodos de avaliação**. In: RIO, V. del; OLIVEIRA, L. **Percepção ambiental**. São Paulo: Studio Nobel e Editora UFSCar, São Carlos, 1996.
- RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia. **Percepção ambiental**. São Paulo: Studio Nobel e Editora UFSCar, São Carlos, 1996.
- SALCEDO, Rosio Fernández Baca; OLIVEIRA, Livia. **A Percepção do centro Histórico de Cusco, Peru**. **Revista Geografia**, Vol. 22, nº 2, outubro de 1997. Rio Claro, SP: Associação de Geografia Teórica, 1997.
- SALCEDO, Rosio Fernández Baca. **Percepção do Espaço da Arquitetura. Residência De Proteção Oficial - Ciutat Vella - Barcelona (Espanha)**. **Revista OLAM – Ciência & Tecnologia**, Rio Claro, 2009.
- SALCEDO, Rosio Fernández Baca; ARRUDA, Bruno. **Rehabilitation of Buildings in Historic Center São Paulo Building**, São Paulo, Brazil. **PLEA**, 2012. Lima: PUCP, 2012.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**. São Paulo: Difel, 1983.
- _____. **Topofilia**. São Paulo: Difusão Editorial S. A., 1980.
- ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. 5 ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1996.

*MOSAICO***DE RIO EM RIO, MEUS OLHARES SE
ENCANTAM COM A MAGIA DAS ÁGUAS****Livia de Oliveira²⁶**

A beleza da vida é como a beleza de um rio, que chega ao seu destino porque supera todos os obstáculos (Anônimo).

A vila em que nasci, Mairinque, não tinha rio grande nem pequeno. Certa vez estávamos indo a São Paulo e quando já próximo de nosso destino avistei ao longe uma água. Admirada, perguntei: “o que é aquela porção de água, mamãe?”. Ela calmamente me respondeu “é o rio **Tietê**”. Pensei, “mas assim tão grande, tão largo, tão perto, tanta água se movendo”! Eu tinha uns cinco ou seis anos e isso foi na década de 1930, do século passado (séc. XX).

A minha cidade cresceu, urbanizou-se e tornou-se parte da Grande São Paulo. E o rio? O rio... o meu rio da infância se perdeu entre as construções e as pessoas, entre as inundações das várzeas, entre os entulhos jogados e os dejetos lançados, e está morrendo, agonizando, desesperadamente, tentando manter-se vivo.

Porém, não é sobre esse rio morto-vivo que vou tratar aqui. Mas, sim, o rio glorioso histórico e geográfico que marcou as páginas dos bandeirantes, dos imigrantes e dos paulistas. O rio **Tietê** para os indígenas era denominado Anhembi, respeitado, piscoso, navegável, de águas claras, uma bênção de Tupã. Nasce quase na Serra do Mar, em seu rebordo e se dirige para o oeste, caindo em quedas de forma de salto em Itu, sobre as rochas róseas de granito e tem a sua passagem heróica quando corta a *cuesta* de Botucatu, formando um

²⁶ Professora Emérita da Universidade Estadual Paulista (UNESP).

boqueirão (*pervée*), em Anhembi. Mais adiante, já no planalto arenítico basáltico, diante de afloramentos do basalto, forma os saltos de Avanhandava e, por fim, lança suas águas, agora limpas, no caudaloso rio Paraná.

Rios do continente europeu

O que é o rio
o rio é uma ponte entre mundos distintos
é uma estrada deitada sobre o abismo
uma nascente...

Marcos Siscar. **Rio Verdadeiro**, p. 160.

Vou discorrer sobre os rios que conheci e/ou naveguei por este mundo afora e por minha vida já bem vivida.

Começo meu périplo fluvial pela velha Europa, tão visitada, nem sempre tão conhecida e amada.

Península Ibérica

Soneto do amor como um rio
Este amor meu é como um rio; um rio noturno, interminável e
tardio a deslizar macio pelo ermo.
Vinícius de Moraes. **Livro de Sonetos**, p. 11.

Percorrer as terras ibéricas é cruzar rios e montanhas; é se deparar com pontes em arcos medievais; é descortinar terras secas e castanhas ou tapetes verdejantes; é se debruçar sobre um mosaico caleidoscópico de cores, sabores, ruídos, sussurros e cantos. Portugal e Espanha são o nosso lar primeiro, a nossa língua cantante, de onde vieram nossos antepassados.

Cada rio canta uma história, cada curva nos mostra uma nova geografia. Rio e Ibéria se nos apresentam imbricados, no tempo e no espaço.

Ao começar pelo norte, a Galícia, terra das águas e das rias, nas quais o mar entra profundamente no continente, construindo um litoral rendilhado, com chuvas regulares e, em consequência, uma paisagem verde e medieval. Os grãos são armazenados em celeiros construídos sobre pilares de pedra.

Ao entrar em Portugal, fazendo divisa com a Espanha, surge o rio **Minho**, que nasce nas Cadeias Cantábricas, correndo grosseiramente nordeste-sudeste e lançando as suas águas no Oceano Atlântico, em Viana do Castelo.

No Minho

Casitas brancas do Minho

Onde guardam os tesouros

As fadas d'olhos azuis

E lindos cabelos loiros

Florbela Espanca. **Trocando Olhares**, p. 19.

Em direção ao sul vão aparecendo os rios que nascem na Meseta Central, da Espanha, e correm para o Atlântico português.

O rio **Douro**, com 927 km de extensão, que na Espanha é denominado *Duero*, forma uma bacia hidrográfica. É a região por excelência dos vinhedos dourados, formosos, cujos pomos se transformam em bebidas dos deuses, o tão cantado vinho do Porto. São vários os afluentes como o **Tâmega** e o **Corgo**, rótulos de vinhos renomados. Constituem terraços a perder de vista, cobertos de parreiras.

Ao chegar na cidade do Porto, antes de sua foz, o rio encaixa profundamente o seu leito em suas vertentes. Daí, a cidade se esparrama pela pequena várzea e subindo as íngremes ladeiras, exigindo duas pontes para cruzá-lo: no nível do rio e no alto da ribanceira. Desde há muito, tonéis de vinho desciam pelas barcaças com velas latinas quadradas; hoje o líquido divino é transportado por vinhodutos até as adegas. Restaram as barcas ao longo do rio, para passeios turísticos.

A seguir aparece o rio **Mondongo**, com seu afluente **Dão** (vinho famoso), que nasce na Serra da Estrela e desemboca em Figueira da Foz, banhando a cidade de Coimbra, onde se encontra a renomada e ilustre Universidade de Coimbra.

Coimbra

*Coimbra é uma lição
De sonho e tradição
O lente é uma canção
E a lua a faculdade
O livro é uma mulher
Só passa quem sonbar
E aprende-se a dizer saudade.*

*Coimbra do choupal
ainda é capital
do amor em Portugal, ainda
Coimbra onde uma vez
com lágrimas se fez
a história dessa Inês tão linda.*

O rio **Tejo** (*Tage, Tajo*), um dos mais importantes e históricos da península, nasce na Meseta Central, corta grande parte da Espanha e cruza Portugal, desaguando em Lisboa, no Oceano Atlântico. Na capital portuguesa, o rio chega ao mar como um estuário, formando uma grande e profunda ria, para cruzá-lo há uma imensa ponte de metal, com dois andares, junto à cidade e, pouco mais a montante, outra ponte com cerca de 12 km, chamada Vasco da Gama. Em sua planície, crescem as cidades Vila Franca de Xira, na foz, e Lezíria e Coruche e, mais no interior, a cidade de Santarém, com seus palácios e casario.

Em território espanhol, agora chamado de rio **Tajo**, banha a cidade medieval de Toledo, que se desenvolveu na parte convexa de um grande meandro. Toledo, famosa pelo seu aço, cerâmica, rendas, igrejas e arquitetura medieval, mesclando o gótico, o árabe e o judeu.

O rio **Guadiana** também nasce na Meseta Espanhola, banha a linda cidade de Badajoz, na Espanha, penetra em terras lusas e lança suas águas no Golfo de Cádiz, seguindo uma direção norte-sul.

Os três rios principais de Andaluzia são: **Guadalquivir, Dauro e Genil**. O primeiro é histórico e geográfico, nascendo das neves da Serra Morena, olhando os laranjais e os olivais nas suas encostas e banhando a cidade senhorial de Sevilha. Os outros dois procedem da Serra Nevada, são telúricos, misteriosos, sinuosos e banham a cidade de Granada, de Federico Garcia Lorca.

Baladilha de los Três Rios

*El rio Guadalquivir
Va entre naranjos y olivos
Los dos rios de Granada
Bajan de la nieve al trigo.
¡ay, amor
Que sé fué y no vivo!*

...

*Guadalquivir, alta torre
Y viento em los naranjales
Dauro y Genil torrecillas
Muertas sobre los estanques
¡ay, amor
Que sé fué por el aire!*

Frederico Garcia Lorca, **Obras Completas**, p. 223-224.

Por fim, o rio **Ebro** nasce nos Pirineus ao norte e corre para o sul, atravessando o leste espanhol, desaguando ao sul de Barcelona, no mar Mediterrâneo. É o rio genuinamente da Espanha e da Catalunha.

Rios da França e da Inglaterra

O rio Sena é uma linda loira de olhos azuis sorridentes.

Mistinguett, cantora francesa.

O rio **Sena** é o ponto de referência de Paris. As distâncias são consideradas a partir dele: a margem direita (*rive droite*) e a margem esquerda (*rive gauche*). É um rio cheio de vida e de história, por ele trafegam inúmeras linhas de barcos, repletos de turistas, de dia e de noite, sendo o mais famoso *bâteaux mouche*. Paris nasceu na *Île de la Cité*, uma ilha em forma de barco, e cruzam-lhe inúmeras e famosas pontes: *Neuf* (que quer dizer nova, mas, é a mais velha), *des Invalides*, *de Grunelle* e *Concorde*, dando à cidade um aspecto de magia e encanto. Na margem direita, ergue-se a *Notre Dame* de Paris, igreja gótica, imponente, com seus vitrais coloridos, com sua história medieval e moderna como que vigiando as águas do rio, com os olhos do corcunda. Às agulhas finas furando o céu se ergue a *Sainte Chapelle*, dourada, de arquitetura gótica radiante com os vitrais, mais parecendo um caleidoscópio. A margem esquerda, no *Cais du*

Quartier Latin, dá entrada para o Bairro Latino, onde se encontra a vetusta Universidade de Sorbonne, com suas livrarias, escolas, estudantes... Como a língua falada pelos universitários era o latim, daí o nome do tão decantado *Quartier*, onde moraram filósofos, sábios, artistas, poetas e boêmios.

O rio **Sena** nasce no Platô de Langres, no leste da França e deságua no mar da Mancha, após percorrer 776 km, correndo na direção sudeste-noroeste. Atravessa a pitoresca região da Champanhe, com suas parreiras e adegas conhecidas mundialmente, tal como a *Veuve Clicquot* e a *Moët-Chandon*. A partir da cidade de Paris até o porto do Havre, é um rio navegável, escoadouro de mercadorias.

Outro rio tão conhecido e famoso é o rio **Loire** (*Loira*), o mais longo da França com 1200 km de trajeto, nascendo no Monte *Gerbié-de-Jon*, no maciço central, a 1400 m de altitude, sendo de início com um caudal impetuoso. A partir de Orleans, apresenta a direção leste-oeste, desaguando em forma de estuário no Oceano Atlântico. Este rio banha as cidades de Tours e Nantes e é ao longo do seu plácido e arenoso vale que estende o rosário dos palácios suntuosos e históricos, de reis e nobres franceses, como: *Chambord*, *Villandry*, *Blois*, *Langeais*, *Chenonceaux* e *Chammont*. Um mais majestoso e deslumbrante que outro.

O rio **Garonne** (*Garona*) tem como nascente, os Pirineus e sua foz, um estuário profundo e longo, chamado Gironda, nas águas do Atlântico. Aí se localiza a cidade de Bordeaux e no seu vale crescem os vinhedos dos mais famosos e deliciosos vinhos da França e do mundo. Ainda, conheci o rio **Ródano** (*Rhône*) que se inicia no lago Lemano, em Genebra (Suíça), e demanda para o sul, banhando a grande cidade industrial de Lyon, famosa no passado como o entreposto e a distribuição da seda, e vai terminar no golfo de Leão, no Mediterrâneo.

Na Inglaterra, é o rio **Tamisa** (*Thames*) que caracteriza a metrópole de Londres, com edifícios históricos e emblemáticos, como a abadia de

Westminster, o Parlamento, a Torre e a Ponte de Londres, esta levadiça e aquela a tenebrosa prisão, para os que esperavam o cadafalso. À montante vários palácios ao longo do rio, antes distantes, hoje englobados pela cidade. O palácio de Greenwich atualmente sedia o museu geográfico, onde foi instituído o Meridiano Inicial. Lá está a linha transversal ao Equador, dividindo o globo terrestre em hemisfério oriental e ocidental, leste e oeste. Mais para o interior surge a imponente Hampton Court, Mansão de Thomas More, depois de Henrique VIII, com seu jardim florido, com a relva verde, pontilhada de árvores seculares, como cedro, faia, carvalho, olmo e a mais antiga parreira, que até hoje produz bagos sumarentos de uva; ela cresce numa estufa e é bem assistida por agrônomos e jardineiros. Hoje, este palácio é um museu e muito visitado por turistas. Podem-se ouvir sussurros de Ana de Bolena, rindo e cantando.

Este rio atingiu um ponto extremo de poluição, mas foi despoluído e atualmente é desfrutado pelos londrinos, para regatas e piqueniques em suas margens.

Rios da Itália

Conheci três rios italianos: **Pó**, **Arno** e **Tibre**.

Ao norte, o rio **Pó** procede dos Alpes e constitui uma extensa planície fértil, populosa e rica, cortando a cidade industrial de Turim e desaguando no mar Adriático, em forma de delta. Vi de perto as águas do **Pó**, em Mantova. Nessa cidade, da primeira vez que estive na Itália, ficamos hospedados em casa de familiares de minhas amigas D. Romilda e Maria Betina. Fomos conhecer o tão encantado palácio ducal dos Gonzaga, onde se desenrola a ópera Rigoletto, de Rossini.

No centro da península itálica, entrei em contato com os dois outros rios **Arno** e **Tibre**.

O rio **Arno** vem dos Apeninos e termina no Mediterrâneo, no mar da Ligúria. Banha cidades medievais e renascentistas, destacando-se Pisa, a da torre

inclinada, toda de mármore de Carrara, e a terra de Galileu e Florença, a capital da Toscana, também berço dos Médici, de Dante Alighieri, de Maquiavel e famosa pela sua escola de pintura e escultura. Talvez seja uma das cidades mais lindas, pitorescas e coloridas do mundo, onde se encontram o *Palazzo de Offici*, o *Palazzo Vecchio*, onde estão as telas de Botticelli (Primavera e o Nascimento de Vênus) e a estátua de Davi, obra de Michelangelo, com suas catedrais e praças. Outros aspectos típicos são as ruas estreitas e tortuosas, calçamento irregular de pedra, sem calçadas, casas germinadas, com pontes em arco. A ponte mais conhecida e interessante é a Pontevecchia, que é como uma rua, ladeada de casas comerciais, lojinhas, joalherias de ouro, prata e pedras preciosas. Um verdadeiro bazar variegado de pontos de encontro, de compras e trocas, de turistas de todas as partes do mundo. Florença, com o rio **Arno**, é qualquer coisa inesquecível, cheia de encanto, de sabores, de cores e de ruídos de línguas entoadas, quase cantadas e sussurradas. Os doces e os sorvetes (*gelatti*) são deliciosos, divinos, cheirosos e multicores. Todos deveriam conhecer a *Firenze*, centro da Toscana italiana.

O rio **Tibre** (*Tevere*) também nasce nos Apeninos e, depois de banhar a cidade de Roma, deságua no Mar Tirreno, no Mediterrâneo, onde em sua foz se encontra o porto de Ostia Antica, porta aquática de entrada para a cidade eterna.

Roma surgiu e cresceu na margem esquerda do **Tibre** sobre as sete colinas: *Campitoliaro*, *Quirinale*, *Viminale*, *Equilino*, *Celio*, *Aventino* e *Palatino*. Sobre uma das ilhas do rio, se ergue o castelo Sant'Angelo, uma cidadela medieval, que já foi prisão e residência de papas em anos conturbados. O Vaticano se localiza à margem direita. Como o **Sena** em Paris, o **Tibre** é cruzado por inúmeras, imponentes e gloriosas pontes.

Lagos da Suíça

Com a presença dos Alpes, no território suíço pontilham inúmeros lagos de águas límpidas, azuis, verdes, rutilantes e de várias formas. São consequência do tectonismo da área e do degelo das neves e das geleiras, durante os períodos da primavera e verão. Encontrei lagos alongados como **Neuchatel, Leman e Zurique**; lago estrelado como o **dos Quatro Cantões** e a turística cidade de Lucerna se espelhando em águas e guardados pelo Monte Pilatos (2.120 m).

Rios da Alemanha e da Áustria

O rio **Reno** (*Rhein*) é o mais cantado, histórico e geográfico da antiga Germânia. Sempre foi um limite a ser alcançado pelas tropas romanas e um território a ser defendido pelas hordas bárbaras, que aí viveram. O **Reno** nasce de torrentes alpinas Suíças, atravessa o lago Constança, cruza toda a Alemanha com um percurso de 1.320 km e vai desaguar em terras da Holanda, no mar do Norte. Todavia, o rio foi uma via de comunicação e de transporte de mercadorias e passageiros, desempenhando um papel econômico e cultural; até hoje, são transportados produtos vários, indo e vindo do e ao porto, como Amsterdã e Roterdan, atingidos por um ou por outro canal de desembocadura. Os rios **Reno, Danúbio e Ródano** são interligados por canais, construindo um verdadeiro sistema navegável europeu.

Mas, a beleza e o deslumbramento das águas do **Reno**, além das cantadas nas óperas de Wagner e nos acordes musicais de Beethoven, está no trecho entre Coblença e Colônia. Nesse percurso, o rio **Reno**, em sua passagem heróica, corta profundamente, encaixando-se no Maciço Xixtoso Renano, seguindo uma fossa tectônica. Ao navegar pelo rio **Reno**, embarcando em Coblença, tomei conhecimento da lenda germânica da Loreley. Esta sereia, personagem feminina, que do alto do penhasco, com seu canto mavioso e mágico, atraía os barqueiros do **Reno**, provocando naufrágios. A lenda também

conta que aí foi enterrado o ouro do **Reno**, no estreito do cânion, onde, ao se gritar alto, o seu eco responde LO-RE-LEY. Em suas vertentes íngremes, vicejam vinhedos que recebem insolações variadas e produzem, conseqüentemente, uvas maturadas e douradas em diferentes alturas. São os famosos vinhos brancos frutados como “o leite da mulher amada” (*Liebfraumilch*).

O rio **Danúbio** (*Donau*) tem suas nascentes na Floresta Negra (Alemanha) e sua foz no Mar Negro, em forma de delta, na Romênia. Em seus 2.850 km cruza vários países: Alemanha, Áustria, Eslováquia, Hungria, Sérvia, Bulgária, Ucrânia e Romênia. Banha inúmeras cidades e capitais: Lenz, Viena, Bratislava, Budapeste, Belgrado. O rio **Danúbio**, em seu desfiladeiro entre os Cárpatos e os Balcãs, tem suas Portas de Ferro, isto é, sua paisagem heróica.

O compositor austríaco Johann Strauss glorificou e cantou em sua famosa e eterna valsa vienense denominada “O Belo Danúbio Azul”.

Danúbio Azul
De prata e safira
Tu beijas os pés
De Viena ao passar

O rio não é azul, como cantam os versos, é mais bege-verdolengo, mas suas águas são calmas, tranquilas e em suas margens crescem uma vegetação ciliar, o que ajuda a conservar o seu leito. O rio **Danúbio** sempre foi cenário de lutas, de anseios de suas populações ribeirinhas, e da grandeza de seus nobres com castelos, catedrais, fortalezas em seu longo curso fluvial. Fiz uma excursão entre Viena e Bratislava para sentir a emoção de navegar em suas águas mágicas, cheias de mistério em minha mente, que sempre sonhei com o Danúbio Azul, quando dançava a valsa.

Rios da Ucrânia e da Rússia

O rio **Dnieper** (*Dnipro*) corre de norte-sul, nascendo no Planalto de Valdai e termina no Mar Negro. Procede das terras russas, cruza a Bielorrussa e a Ucrânia. A bela cidade de Kiev se estende às margens do grande rio. Uma cidade verde, com alamedas e avenidas largas, arborizadas, que mais se assemelham a parques, pontuada com palácios e igrejas ortodoxas ricamente revestidas com ouro, com paredes cobertas de ícones lindíssimos de santos e de madonas; o cheiro de incenso enfumaça o interior e as velas se derretem em profusão. Kiev é uma urbe orgulhosa de suas tradições: danças folclóricas, canções ao som de balalaicas, bordados em cruz, ovos de Páscoa multicores e sabores de sua cozinha milenar.

Naveguei nas águas tranquilas do Dnieper, de Kiev até a grande eclusa da imensa represa hidroelétrica. Foi uma emoção sentir o marulhar das ondas do rio.

Na Rússia, conheci diversos rios. O mais lindo e emblemático foi o rio **Neva** (*Nievá*), que nasce no lago Ladoga e termina no golfo da Finlândia, no mar Báltico. Devido a sua localização geográfica tão setentrional, as suas águas fluviais permanecem congeladas vários meses. Este rio histórico cruza São Petersburgo (que já foi Petrogrado e Leningrado), a cidade dos czares, dos palácios dourados, das pontes monumentais, das catedrais ortodoxas e da antiga e fantasmagórica fortaleza-prisão de São Pedro e São Paulo, que é banhada, diretamente pelas águas do rio. A cidade, como o nome indica, foi a capital do império russo fundada por Pedro, o Grande, com seus canais, jardins de imensa beleza, monumentos e grandes avenidas. Abriga o museu Hermitage, com um acervo fabuloso e o Teatro Kirov, famoso pela escola de balé. Por estar localizada na altura do paralelo de 60° de latitude norte, pudemos vivenciar “as noites brancas, nos dias de estro, quando as almas se abrem” nas palavras de Dostoievski, isto é, quando a luz do dia permanece quase contínua, praticamente o sol não se põe e transmite algo festivo e inusitado nas pessoas.

Permaneceremos na “noite branca” até o sol se levantar. Aproveitamos, também para observar, com hora marcada, as pontes levadiças se erguerem para que entrem e saiam os navios que demandam o porto, muito procurado, pois apenas nos meses de verão é que funcionam os ancoradouros. São Petersburgo foi construída em terra pantanosa, em território conquistado pelos russos dos suecos, em uma foz de um rio que permita à Rússia se abrir para o mundo.

Rio **Moscova** (*Móika*) é um afluente do Neva e é a corrente fluvial que banha a cidade de Moscou, que foi erguida sobre uma extensa curva do rio. Nesse meandro, as vertentes fluviais são descontínuas e a fortaleza (Kremlin) foi construída nas partes mais altas, como defesa de incursões de tribos provindas da grande estepe russa. O conjunto arquitetônico que rodeia a imensa praça vermelha, inclui, além do Kremlin, a igreja de São Basílio, com suas torres ortodoxas coloridas, o grande magazine “Berioska”, o edifício vermelho do Ministério de Defesa. Tomamos, Elisa Mendes e eu, um barco para viajarmos pelas águas do **Moscova**. Foi emocionante observar o perfil da cidade a partir do rio. São cenas únicas, inesquecíveis e eternas.

Já na Sibéria, conhecemos o rio **Irkutsk**, que deságua no lago **Baikal**, com águas verdes carregadas de sedimento, frias e caudalosas.

Lago Baikal

Este lago exige uma referência pela beleza, imensidão e profundidade. São dois lagos ligados por um estreito, de formas alongadas, produto do tectonismo. É considerado o lago mais profundo, de cor azul cintilante, cheio de ondas e de barcos. Atracamos em um trapiche e saímos para passear pela vila de pescadores cada um para seu lado. Encontrei um menino de uns 10 anos e passeamos juntos. Ele me mostrou sua casa, a escola e outros edifícios: eu falando português e ele russo, e nos entendemos muito bem. Para mim foi um encantamento, momentos mágicos me encontrar tão longe, no coração da Sibéria e com aquele garoto loiro, simpático e tão simples.

Rios do continente asiático

O que é o rio
o rio é o abismo sertão da própria vereda
refletindo o avesso dos campos e matas
perturba o sossego da natureza.

Marco Siscar. **Rio Verdadeiro**. p. 160.

Passemos, agora, para outro continente: o asiático, onde, apesar de imenso, só conheci alguns poucos rios.

Rios da Índia

Rio **Srinagar** é o curso d'água mais importante da Caxemira, norte da Índia. A cidade ancestral, com os palácios para veraneio dos reis mogols, com comércio borbulhante, e entreposto entre a planície do Penjab e a Cordilheira do Himalaia. De início, a cidade toda se debruçava para o rio: as casas senhoriais, os empórios, as pousadas e com o movimento dos barcos para lá e para cá. Hoje, com a ferrovia e a rodovia, a cidade deu às costas para o seu rio e voltou-se para outras terras. Nas margens do rio **Srinagar**, avistamos as plantações de açafrão, com suas flores amarelas vivas, se estendendo a perder de vista.

O rio **Ganges**, sagrado, imponente e austero, nasce nos contrafortes himalaios, constrói uma fértil planície e se lança na baía de Bengala, no oceano Índico, em forma de delta, com uma miríade de canais intrincados. A metrópole de Calcutá se localiza num dos canais do imenso rio. Em Benares, nas escadarias às margens do **Ganges**, é onde as pessoas se banham purificando seus corpos e suas almas. É uma multidão multicolor de roupas, de peles, de cabelos, jovens e velhos, ricos e pobres, todos entram nas águas sagradas.

A cidade de Calcutá é a metrópole oriental da Índia. É um formigueiro de gente. Mas, o que chama atenção é que essa multidão é silenciosa, tranquila, simpática. Não se sente apinhamento apesar do aglomerado de pessoas. A rua

é pública no sentido lato da palavra, faz-se de tudo na rua: come-se, faz-se barba e cabelo, costura-se, vende-se e compra-se de tudo, passeia-se, faz-se as necessidades por ali mesmo, diverte-se etc. etc.

Rio da Tailândia

Rio **Chao Phraya**, que corta a cidade de Bancoc e deságua no golfo de Sião, no mar Índico. Este rio é único, pois nele se dá as trocas de mercadorias de dentro dos barcos. São frutas, peixes, flores, cerâmicas, tecidos, água, verduras e legumes, que são comercializados entre as diversas embarcações. Sem sair do rio vende-se e compra-se de tudo. É uma feira aquática, linda e pitoresca de se ver e apreciar.

Rios do continente africano

O rio é um leito ele dorme estendido
na planície que lhe dá descanso
ele dorme em um sepulcro é seu sepulcro
a terra gasta que o guarda manso.

Marcos Siscar. **Rio Verdadeiro**, p. 136.

No continente africano, conheci apenas dois rios, apesar da África ser tão extensa e com grandes bacias hidrográficas.

O rio **Senegal** é um curso d'água curto e banha a cidade de Dacar, capital do país homônimo ao rio. É um rio perene, que vem do interior e que permitiu as incursões à procura de escravos.

O outro é o rio **Orange**, que percorre valentemente as areias do Calaari, conseguindo chegar até o Atlântico. Na realidade, eu vi esse rio, nitidamente, do avião. Foi uma visão completa e cartográfica de um rio cortando a Namíbia.

Rios dos continentes americano

O rio é um curso ele rola escondido
sob si guarda o culto seu empuxo
sua margem de terra branca não se sabe
se é marca de passagem ou do seu vulto.

Marcos Siscar. **Rio Verdadeiro**, p. 136.

Estou entrando no continente americano e vou caminhar do norte para o sul. Estas terras são conhecidas e foram percorridas com muito amor e carinho em toda minha vida de geógrafa e de viajante.

Rios e Lagos da América do Norte

Grandes Lagos

Os lagos **Superior, Michigan, Huron, Erie e Ontário** são um mundo de água azul cintilante que se localizam entre o Canadá e os Estados Unidos. Pode-se sair de Duluth, em Minnesota, no lago **Superior** e atingir o Oceano Atlântico, saindo por Quebec, no Canadá. Por aí é que os franceses penetraram no coração das terras norte-americanas, atingindo as colônias inglesas em sua retaguarda. Sempre foi uma ligação do interior com o exterior, pois os lagos permitem uma navegação lacustre de grande cabotagem. Os índios sempre lançaram mão dessa via de comunicação e seus nomes são todos indígenas, com exceção do **Superior**. Às margens do lago **Ontário**, se desenvolve a grande cidade de Toronto, de fala inglesa. Entre o lago **Erie** e **Ontário** se localiza o rio **Niágara**, com a sua famosa catarata. Estive no inverno para vê-la, parcialmente congelada, com suas estalactites penduradas brilhantes e irisadas sob os raios do sol. Depois, visitei no verão para apreciá-la em toda sua majestade e imponência.

Ao lado do lago **Michigan**, encontra-se a grande metrópole do meio oeste americano, a cidade de Chicago: imponente, progressista, industrial e centro universitário famoso pelos economistas que aí se graduaram, constituindo a Escola de Chicago.

Rio do Canadá

O rio **São Lourenço** nasce no lago Ontário e toma da direção nordeste, desaguando no Canadá, no oceano Atlântico, sendo sua foz um estuário profundo. Às margens, os franceses construíram um forte para defender a entrada e a saída pelo **São Lourenço**, fundando aí a cidade de Quebec.

O rio **São Lourenço** é navegável e de águas perenes, em suas margens foi construída a cidade de Montreal (inglesa) ou Mont Real (francesa), uma aglomeração bilíngue. Bem no meio do leito, encontra-se a ilha de Notre Dame, famosa pelo circuito da Fórmula Um e por ter abrigado a importante Feira de Montreal em 1967.

Rios dos Estados Unidos

Talvez um dos mais nobres, mais extensos e cheio de história e de geografia seja o rio **Mississipi**, juntamente com o rio **Missouri**.

Estive nas nascentes do rio **Mississipi**, no pequeno lago de **Ithaca**, em Minnesota. Assim, ele nasce em terras estadunidenses e constrói uma imensa planície, correndo em direção norte-sul, indo desaguar no golfo do México, em forma de delta, o famoso “pés de ganso” (goose-feet), com inúmeros canais e terras planas e pantanosas. Antes do seu término, se defronta a mais pitoresca e original cidade dos Estados Unidos: Nova Orleans, fundada pelos franceses, berço do jazz de Dixieland. Após a catástrofe da passagem do Katrina, a parte histórica e jazzística foi destruída. O bairro mais visitado era o Quartier Latin, procurado pela cozinha crioula, o “cajou”, com temperos e aromas, com camarões e peixes, ao som de um banjo dolente, triste e alegre. É a cidade que teve um bonde chamado Desejo (*street car named Desire*), perpetuado na peça do mesmo nome, de Tennessee Williams. Nova Orleans, no estado do Luisiana, fora comprada pelo presidente Andrew Jackson, do rei da França. Com isso, os Estados Unidos preservaram o rio do começo ao fim.

O rio atravessa vários estados e banha diversas capitais. Desde Minnesota, ao norte, dividindo as cidades gêmeas (*Twin cities*) Mineápolis e Saint

Paul, até o sul na Louisiana, passando pela capital Baton Rouge. Cruza, também, os estados de Wisconsin, Illinois, Kansas (a cidade de St Louis, portal da entrada para o Grande Oeste), Tennessee (capital Memphis) e Mississippi. Principalmente, ao longo deste estado, no trecho sul do grande rio é que se encontram as mansões dos fazendeiros de algodão, as *plantations*, com seus estilos “*pré-belle*” (antes da Guerra Civil), com as colunas altas, brancas, extensos gramados com frondosos carvalhos, olmos e faias. A cidade de Natchez, junto ao rio, conserva ainda os casarões alvos, com jardins floridos, coloridos, perfumados, de várias cores liláses, brancos, rosadas de arbustos como o rododentro.

O rio **Mississippi** é o rio de Mark Twain, com suas estórias, seus personagens “Tom Sawyer” e “Huckle Berry Finn”, que ficavam a ver os navios com rodas de propulsão passarem, movidos a vapor e sonhando com terras desconhecidas e aventureiras.

O rio **Missouri** nasce nas Rochosas, corre em terras altas, é caudaloso e não navegável e termina no Mississippi, em Saint Louis. Conheci o rio em Des Moines, capital do estado de Iowa. Outro afluente do **Mississippi** é o rio **Vermelho** (*Red River*), que atravessei a vau, perto de Santa Fé, no Estado do Novo México. É o rio por excelência dos cenários dos filmes de faroeste.

O rio **Colorado** corre desde a nascente até a foz nas Montanhas Rochosas, desaguando no Golfo da Califórnia. Este rio revela o mapa geológico da Terra, com a erosão regressiva construindo o *Grand Canyon*. Aqui, exige uma nota. Saímos de Los Angeles, cruzando o estado de Nevada, viajamos durante a noite, calculando chegar de manhã para ver o nascer do sol. Foi um dos espetáculos que ficou indelével em minha memória: no alto das vertentes havia neve, pois estávamos em fevereiro, e o sol aparecendo aos poucos iluminando as camadas coloridas, refletindo no branco da neve formando um caleidoscópio multicolor de vermelho, amarelo, lilás, azul, um arco-íris e de sons de pássaros acordando e saudando o astro-rei. Fiquei muda, extasiada e sentindo toda aquela

beleza, grandiosa, imponente e eterna, sentindo-me pequena diante do imponderável.

O rio **Grande** procede das Rochosas e termina no Golfo do México fazendo parte da fronteira líquida entre os Estados Unidos e México. É um rio relativamente de pouca profundidade, podendo ser atravessado em muitos pontos a vau. Tem águas barrentas e pouca vegetação em suas margens.

Ainda nos Estados Unidos, na costa leste, conheci dois rios. O rio **Hudson** que nasce no lago George, corre para o sul, em uma grande falha entre os Montes Adirondack e Montes Verdes (Green Mounts) e numa linha reta até desembocar no Atlântico, banhando a “Big Apple” Nova Iorque. Ao norte, no encontro entre o lago e o rio se ergue o forte Ticonderoga, que ora era francês, ora inglês. A localização deste histórico baluarte é estratégica, permitindo descortinar um horizonte amplo e quase indefensável. Foi palco das aventuras do “Último dos Moicanos”. Ao longo do rio **Hudson**, encontra-se a capital do estado de Nova Iorque, Albany, e mansões luxuosas. A família do presidente Roosevelt possui uma rica propriedade, da qual se tem uma visão deslumbrante do rio Hudson.

Também conheci o rio **Potomac**, que se origina nos Aleganis e cruza airosamente embelezando a cidade de Washington, capital dos Estados Unidos. São célebres as pontes majestosas, os passeios (a *promenade*) ao longo das margens do rio. Do alto de uma colina, se ergue a *plantation* de George Washington, de onde descortina um panorama deslumbrante. O rio vai terminar na profunda e extensa baía de Chease Peake, no Atlântico.

Rios e Lagos da América do Sul

Lagos Andinos

Os lagos dos Andes, do sul do Chile e da Argentina, são um espetáculo à parte. São de uma beleza ímpar, de águas transparentes, frias, uns verdes outros azuis.

Vou enumerá-los. No Chile: **Ranco**, **Villarrica** (emoldurado por vulcão), **Llanquihue**, **Puyehue**, **Osorno**, engastado ao lado do vulcão, e o **Esmeralda**, com suas águas verdes esmeraldinas. Já na Argentina, conheci o **Nahuel Huapi**, em Llao Llao, grande e de uma beleza turística que atrai muitos visitantes.

E, por último, mas o mais notável, o lago **Titicaca**, entre Peru e Bolívia, localizado a 3.800 m de altitude, o mais alto do planeta. Suas águas são azuis e guardam a história lendária dos Incas, pois de uma ilha do lago é que surgiu o casal Manco Capac e Mama Ocllo, filhos do Sol, para povoarem a terra do Império do Tahuantinsuyo.

O rio **Madalena**, da Colômbia, tem sido personagem constante dos romances de Gabriel Garcia Marquez “[...] até que o navio saiu da baía, meteu-se por canais invisíveis e pântanos salpicados de luzes ondulantes de pescadores, e resfolegou afinal a plenos pulmões no livre ar do rio grande da Madalena” (O amor nos Tempos do Cólera, p. 404).

Em sua foz, em Barranquilla, o rio “à direita, turvo e parcimonioso, o estuário do rio Grande da Madalena se espriava até o lado do mundo”. Em canções também é lembrada a cidade: “*Lá vai el cayman, se vai para Barranquilla*”. Ou a cidade de Santa Marta, às suas margens: “*Santa Marta tiene tren, pero no tiene transvia*”. Essas músicas eu já ouvia há muitos anos, cantada pelos colombianos que encontramos em Washington DC, na década de 1950.

O rio **Ucayali**, em Machu Pichu, Peru, que há pouco tempo transbordou inundando toda a sua planície, levando casas e plantações em suas correntezas. É um rio tipicamente andino.

Todos os rios do Chile nascem na Cordilheira dos Andes e correm do leste para o oeste. São rios de regime nival e de geleira, perenes, curtos, daí serem caudalosos e sazonários.

O rio **Loa** é o único curso d’água que consegue chegar até o mar, atravessando as terras secas desérticas do Atacama.

O rio **Mapocho** corta a cidade de Santiago. O seu afluente famoso o rio **Maipo**, que em seu cânion (*cajon*) crescem os vinhedos dourados de várias cepas produzindo vários tipos de vinhos deliciosos.

O rio **Aconcagua** desce do pico de mesmo nome e suas nascentes são provenientes do degelo e da fusão das neves da Cordilheira dos Andes. Rio encaichoerado, apresenta-se com um leito muito amplo, que em certos pontos atinge até 5 km, em seu vale fértil, mas carrega pedras de tamanhos diversos, desde seixos até blocos enormes. Com a fusão das neves, na primavera, e do degelo, no verão, os canais do rio aumentam grandemente de volume. Suas águas são verdes, frias e trazem muito sedimento em suspensão. Termina no Pacífico, numa desembocadura larga, mas rasa. A “Estrada do Caracol”, que transpõe os Andes, acompanha este rio tão chileno e tão andino.

O rio **Bio Bio** é o mais extenso caudal chileno, com 380 km, e banha a cidade de Concepción, no sul.

Os Rios do Brasil

Poemas da amiga
Os rios, oh doce amiga, estes rios
Cheios de vistas, pousadas de ingazeiros e morretes,
Pelo Capibaribe irás ao Recife,
Pelo Tietê a São Paulo, no Potengi a Natal,
Pelo Tejo a Lisboa e pelo Sena a Paris...

Os rios, oh minha doce amiga, na beira dos rios
É a terra de povoação em que cidades se agacham
E de noite, que nem feras de pelo brilhante, vão beber...

Mario de Andrade. **Poesias Completas**. p. 208.

Rios das Bacias Secundárias

Vou começar pelos rios secundários que não integram nenhuma das três grandes bacias sul-americanas: Amazônica, Platina e São Franciscana. Mas são rios históricos, geográficos, políticos, de beleza ímpar e com muita personalidade.

Apresentarei acompanhando o litoral brasileiro do norte para o sul, também chamados de rios do Leste ou bacias secundárias.

O rio **Parnaíba**, que corre de sul-norte, nasce no Planalto Central e tem a foz em forma de delta, com muitas dunas. Faz divisa entre Piauí e Maranhão.

Em Pernambuco conheci os rios **Capibaribe** e **Beberibe**, que nascem na Serra da Borborema.

O **Capibaribe** é o rio de Cabral de Melo Neto, em seus poemas e no auto da “Morte e Vida Severina”. É um rio Severino, novidadeira e recifense:

*O Capibaribe no Recife
De todos é o jornal mais leve
Tem várias edições por dia
Tantas quanto a maré decidir*

Também, conheci o rio **Jaboatão**, aqui no bairro de Candeias, onde mora meu sobrinho David e sua família. A desembocadura do rio forma a Barra do Jangada. Um rio pequeno com uma foz grande, larga.

No estado da Bahia conheço dois rios: o das Contas e o Cachoeira. O **rio das Contas** foi tema da tese de doutorado de minha orientanda Jaqueline, que estudou, pesquisou e amou o rio e suas belezas.

Também foi cantado em versos:

O rio de Contas

*A origem do rio de Contas
É na chapada Diamantina
Bem ali, na Serra do Tombo
Que vem suas águas puras e cristalinas
Que vem desaguando no seco sertão
E deslizando esta dádiva divina*

...

*Depois de cortar várias léguas
Em Itacaré vem parar
Corta o município de leste a oeste
Com beleza sem igual
Na cidade faz sua foz
Onde suas águas se encontram com o mar.*

Otília Nogueira - **Itacaré, cancionero histórico geográfico de sua gente**, p. 171 e 179.

O **rio das Contas**, conheci suas nascentes quando perambulei pela Chapada Diamantina e depois meus olhares foram em Itacaré, em seu encontro com o mar. Andei de canoa, observando as plantações de cacau, conversando com quilombolas e almoçando uma peixada em suas margens.

O rio **Cachoeira**, avistei do avião desde longe, fui acompanhando as águas das corredeiras, correndo para se lançar no mar. É o rio de Itabuna, de Ilhéus e da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). É o rio de Jorge Amado. “A relação do itabunense com o rio cachoeira tem sido topofílica e topofóbica, de vida e de morte”, citação de Lurdes Bertol Rocha (O centro da cidade Itabuna, p. 68). Ainda sobre o rio, a poeta Waldelice Pinheiro assim cantou:

*Rio torto, / rio magro, / rio triste
Parece que chora, / sente dor...
Parece que fala em lamentos
Dos afogados que engoliu
Das flores que já levou.
O remorso, cachoeira, / te entortou*

Jornal Agora (28/07/2006, p. 6)

Em Minas Gerais e Espírito Santo, cruzei várias vezes com o rio **Doce**, em Colatina e Valadares. É o rio do escoamento dos minérios de Minas. Rio da economia da região.

O rio **Paraíba do Sul** é paulista e fluminense, nasce em São Paulo, no reverso da escarpa da Serra do Mar, apresenta um cotovelo mudando de direção para leste. O Vale do Paraíba em terras paulistas corre num *graben* entre as Serras do Mar e da Mantiqueira. Foi em suas águas que pescadores encontraram a imagem de Nossa Senhora da Conceição, depois denominada Aparecida e hoje padroeira do Brasil. Penetra no Estado do Rio de Janeiro e no vale fluminense, onde se desenvolveu a região cafeeira, o ouro do café e onde se encontra um

rosário de mansões, bem conservadas, ricas em tradição e majestosas em seu acervo. A cidade de Conservatória é, hoje, ponto de atração turística para visitação desses casarões e também em Vassouras, onde viveram os barões do café.

O rio **Ribeira** do Iguape de povoamento colonial, é um rio genuinamente paulista, com sua planície e com inúmeros afluentes. Na cidade de Registro, se torna grande, plácido e imponente. O nome da cidade se deu porque era aí onde os portugueses faziam a coleta do imposto do ouro, garimpado nos rios da bacia. Depois a Baixada de Iguape recebeu contingente considerável de imigrantes japoneses, que trouxeram consigo as mudas de chá. Nas encostas, as plantações da *Thea sinensis* se estendem por vários morros, enquanto nas várzeas se desenvolve os cultivos da banana nanica, que é exportada pelo porto de Santos, principalmente para Argentina e Uruguai. Na foz do Ribeira, se ergue a cidade antiga e colonial de Iguape, com sua catedral, para onde demandam romarias para adorar O Bom Jesus de Iguape.

Nesta região do Ribeira, lecionei Geografia por seis anos em Pedro de Toledo. Eu costumava ir com os alunos da antiga 1ª série ginásial (hoje 5ª do Ensino Fundamental) para termos uma aula prática sobre rio.

O rio do **Azeite** passava perto da escola. Íamos preparados para os alunos para aprenderem *in loco* o que são: margem (direita e esquerda), leito, montante, jusante, talvegue, mata ciliar, corrente, medir a profundidade em vários pontos, medir a largura, etc., etc. Foram tempos vividos geograficamente com os meus queridos alunos ginásianos.

Em Santa Catarina dois rios foram conhecidos: o rio **Itajaí** e o rio **Tubarão**.

O rio **Itajaí**, com sua bacia hidrográfica formada pelos rios **Itajaí Mirim**, **Itajaí Guaçú** e outros. Rios todos selvagens e indomáveis, apesar da colonização alemã que se instalou aí. A cidade de Blumenau, tão teotona com suas fábricas de cristal, de louças, de tecidos e com sua catedral moderna e

majestosa, tem sofrido inúmeras enchentes e até deslizamentos de morros e correnteza levando casas, plantações e criações. Mas, é uma região linda, com as casas típicas, com flores coloridas nos jardins bem cuidados, com cortinas rendadas nas janelas e o que não escrever sobre as comidas, as tortas, os pães, os *apfestrudel* deliciosos e tão saborosos. É um outro Brasil, loiro, mas também brasileiro.

O rio **Tubarão** é onde se localiza a bacia carbonífera do Brasil. É uma paisagem diferente, negra devido ao carvão e à sua extração a céu aberto.

No Rio Grande do Sul é o rio **Jacuí**, que corre de oeste para leste, nascendo nos contrafortes da Serra Geral e desaguardo em seu estuário, o rio **Guaíba**, em Porto Alegre. Antes passando pela cidade de Santa Maria, famosa pela sua Universidade, ocupa um lugar de entreposto nessa situação geográfica privilegiada.

Rios da Bacia do Prata

Os três grandes rios que formam a bacia são Paraná, Paraguai e Uruguai.

O principal, mais volumoso e mais extenso é o rio **Paraná**, que se forma de confluência dos rios **Grande** (divisa de São Paulo com Minas) e o **Paranaíba** (divisa entre Minas/Goiás e Minas/Mato Grosso). No rio **Grande**, se encontra o salto dos Marimbondos, que se precipita sobre rochas imponentes e, no rio **Paranaíba**, existia uma das maravilhas do planeta, o canal de São Simão, uma queda ímpar, majestosa e imponente, que se repetia em vários quilômetros. Infelizmente, foi coberto pelas águas da represa de Furnas. Antes de abrirem as comportas para dar início à represa, estive visitando; havia andorinhas em profusão, passarinhos, outros animais e flores. Assim, também, no rio **Paraná**, foram cobertas as Sete Quedas ou o Salto de Guaíra, para constituir o lago artificial de Itaipu. Estive visitando alguns dias antes que fosse recoberta pelas águas. Também eram maravilhas da nossa terra, que submetemos à ganância econômica e energética de planejamentos de nossos governantes.

Voltando ao rio **Paraná**, ainda em território brasileiro, faz divisa entre os Estados de São Paulo/Mato Grosso, Paraná/Mato Grosso e Paraná/ Paraguai. O rio **Paraná**, de águas barrentas e caudalosas, recebe rios da margem esquerda: rios **Tietê**, **Paranapanema**, **Tibagi** e **Iguaçu**. O **Paranapanema** faz divisa entre São Paulo e Paraná. E o **Tibagi** é um rio inteiramente paranaense.

O rio **Tietê** exige mais algumas palavras, pois constitui uma sub-bacia hidrográfica do Grande Paraná. E dentro da bacia do Tietê, a sub-sub-bacia do rio **Piracicaba**, que é formado pela confluência dos rios **Atibainha** e **Jaguariúna**. O rio **Piracicaba** corta a cidade com o seu próprio nome e, com uma linda cachoeira, atrai pescadores, turistas e frequentadores dos restaurantes de beira rio, especializados em peixes variados.

Aqui, perto de Rio Claro, onde eu moro, corre o rio **Corumbataí**, afluente do Piracicaba, e o **Ribeirão Claro**, por sua vez, lança suas águas no Corumbataí. Estes rios, ribeirões, córregos e riachos menores, todos engrossam indiretamente o grande rio **Paraná**.

O rio **Iguaçu** merece uma nota mais longa, pois nascendo no planalto Curitibano, corre de leste para oeste, faz divisa entre Paraná e Santa Catarina e Brasil e Argentina, brinda os nossos olhos e sentimentos com suas renomadas cataratas, antes de se lançar no rio Paraná. Estas quedas, que foram salvas da façanha energética, são um deslumbramento e um festival de águas, sons e cores. Já estive me deliciando desse encantamento várias vezes. A primeira foi na década de 50, quando só se chegava de avião. As outras vezes, já fui de carro pela famosa Rodovia 270, que liga Foz do Iguaçu ao porto de Paranaguá, escoadora dos grãos e riquezas do estado do Paraná.

O rio **Paraguai** vem desde o norte do Mato Grosso, nasce na Serra dos Parecis e termina no rio Paraná. É o rio que espraia formando o Pantanal Matogrossense, um dos lugares mais lindos e de ecossistema rico em cursos de água, peixes, anfíbios, répteis, aves, é um mundo à parte. Tem inspirado poetas e

escritores, cineastas e pintores e extasiado os seus visitantes. Nem sei como descrever toda essa maravilha.

O rio **Bonito** nasce na Serra da Bodoquena, afluente do rio **Miranda**, é uma coisa sem palavras para se descrever. As águas verdes, transparentes, límpidas, frias, cheia de peixes prateados, rutilantes, as corredeiras do rio trazem emoção na prática do turismo de aventura.

Depois que deixa o território brasileiro, o rio **Paraguai** banha a cidade de Assunção, capital do Paraguai, com suas canções de guaranias, com seus bordados de nhanduti, sua harpa paraguaia, é qualquer de beleza e de enlevo.

O rio **Uruguai** é produto da confluência dos rios Canoinhas e Negrinho, em terras entre Paraná e Santa Catarina, nascendo no planalto Meridional, segue de leste para oeste e, ao fazer divisa entre Brasil e Argentina, toma a direção norte-sul, separando as cidades Uruguaiana (Brasil) e Paso de Los Libres (Argentina). Mais adiante, o rio vai separar Argentina do Uruguai.

Antes do rio Paraná construir o seu delta, recebe o rio **Uruguai** e a partir daí e após o delta interior é que se forma o imenso e largo estuário do rio da **Prata** (*Plata*). É esse estuário que separa Argentina do Uruguai. O nome do rio vem da época colonial, quando escoava de contrabando a prata vinda de Potosi, na Bolívia.

Rios da Bacia do São Francisco

Rio São Francisco o marroeiro dos matos
Partiu levando o rebanho pro norte
Ao aboio das águas lentamente
A barça que ruma pra Joazeiro
Desce ritmada pelos golpes dos remeiros
Na proa, o olhar distante a olhar
Matraca o dançador

Mario de Andrade, **Obras Completas**, p. 129.

O rio **São Francisco**, genuinamente brasileiro, nasce na Serra da Canastra, Minas Gerais, corre por terras mineiras, baianas, serve de divisa entre Bahia e Pernambuco e entre Alagoas e Sergipe e lança suas águas no Oceano Atlântico. É o velho “**rio do Chico**”, carinhosamente, tratado com muita intimidade e muito respeito. Ao longo de seu percurso, se alinham diversas localidades: Januária, Bom Jesus da Lapa (em Minas), separa as cidades gêmeas de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) que são ligadas por uma ponte, também Penedo (AL) e Própria (SE) são cidades separadas pelo rio.

Depois de construída a ponte da BR 101 sobre o rio, essas cidades regrediram, ficaram à margem do desenvolvimento. A direção do **Chico** é sul-norte, depois de seu famoso cotovelo, inflete de oeste para leste, onde se precipita nas **Quedas de Paulo Afonso**, marco pela imponência e beleza.

Os principais afluentes e os mais históricos são os rios **das Mortes, das Almas** e o **Urucuia**.

Os rios das Mortes e das Almas foram cenários das Guerras dos Emboabas, na busca das esmeraldas por Fernão Dias Leme, nas andanças das bandeiras e das monções, dos desbravadores saídos do planalto do Piratininga.

O rio **Urucuia** é o rio reseano, das veredas e dos sertões. É o palco dos personagens de Guimarães Rosa, que povoam com suas falas, seus pensares, suas vidas, é a terra do Miguilim, Riobaldo, Diadorim, Sorôco, Manuelzão, Brejeirinha, Nhorinhá, Maria Mutema e outros.

*Bela é a lua, lualã, que se torna a
Sair das nuvens, mais redonda recortada.
Viemos pelo Urucuia. Rio meu amor
É o Urucuia*

*Agora, por aqui, o senhor já viu.
Rio é só o São Francisco, o rio do Chico.
O resto pequeno é **vereda**.
E algum **ribeirão***

Guimarães Rosa, **Grande Sertão Veredas**, (p. 89 e 90).

As veredas marcam as paisagens do cerrado, com suas águas claras, azuis e os leques dos buritizais.

Rios da Bacia do Amazonas

O rio **Amazonas**, o rio-mar, um mundo de água, de ilhas, de igapós, igarapés, furos, canais, correndo em uma planície imensa, por entremeio da floresta equatorial, densa, exuberante, em um bioma singular e de uma biodiversidade única. Nasce nos Andes peruanos com o nome de **Ucayali**, depois se transforma em rio **Solimões** quando encontra as águas do rio **Negro** é que assume o nome famoso internacionalmente de Rio **Amazonas**.

Percorri de navio esse rio de proporções inacreditáveis, desde a sua foz até a cidade de Manaus. Em Belém, a cidade das mangueiras, das chuvas de horas certas, do Teatro da Paz, do Mercado do Ver o Peso, das tigelas de açaí, dos peixes assados, dos sorvetes de frutas. Daí fui até a ilha de Marajó para ver e dançar o Catimbó, andar de búfalo e de barco durante a noite toda para atingir a cidade de Soure.

O navio Funchal, ao sair de Belém, cruzou o estreito de Óbidos e assistimos um pôr-do-sol de cores chamejantes, púrpuras e douradas, vimos revoadas de pássaros, peixes pulando na água e botos cor-de-rosa cantando e nos acompanhando. Chegamos a Paritins, uma ilha amazônica, as paragens dos bois Garantido (cor vermelha) e Caprichoso (de cor azul).

As folias do Boi são um espetáculo inesquecível de cores, de músicas, de danças, do desfile dos blocos fantasiados, luxuosamente. A história é cantada e recitada: a mulher grávida sente desejo de comer a língua do boi querido do patrão; seu marido mata o boi, o dono o persegue e mata-o; aparecem os índios e o pajé que conseguem ressuscitá-lo e este perdoa a todos.

Manaus, cidade equatorial, edificada às margens do rio **Negro**, margem esquerda, um pouco a montante da sua foz. Suas águas são límpidas, mas seu

fundo é negro, daí o seu nome. O rio **Negro** ao desembocar no Amazonas não consegue misturar suas águas e correm um ao lado do outro, por quilômetros, um negro e o outro barrento. É o espetáculo do encontro das águas.

O rio **Acre** é afluente da margem direita como tributário do rio **Purus**, e conheci na cidade de Rio Branco, capital do Acre. Quando estive, estava na sua estiagem, lá no fundo do seu leito.

Outro rio que conheci foi o rio **Branco**, afluente da margem esquerda do Amazonas. Suas águas são brancas, transparentes como atestam o seu nome e banha a cidade de Boa Vista, capital de Roraima.

Por fim, o meu rio de predileção, de amor e de encanto: o rio **Tapajós**, afluente da margem direita do Amazonas. É formado pela confluência dos rios Teles Pires e Cristal. O rio **Cristal** eu andei de barco, quando estive em Alta Floresta, no Mato Grosso. É um rio calmo, sinuoso, piscoso e ainda selvagem.

Como o rio **Tietê** foi o primeiro rio que conheci, o rio **Tapajós** é o rio pelo qual me apaixonei perdidamente. Foi uma paixão à primeira vista. Suas águas azuis esverdeadas, transparentes, calmas, profundas transmitem magia, sonho e encanto. A cidade de Santarém se esparrama ao longo do rio **Amazonas** e junto à foz do rio **Tapajós**. Os dois rios repetem o encontro das águas barrentas, beges do **Amazonas** e as verdes do **Tapajós**, e caminham juntos sem se misturarem por vários quilômetros. É do avião que se tem a visão clara e nítida desse encontro, quase amoroso. Um pouco à jusante, encontra-se a localidade de Alter do Chão, para onde se destinam os turistas. A razão são as praias de areias brancas, de águas transparentes e mornas do rio Tapajós. É uma paisagem de sonho e fantasia. Certa vez, vi um navio transatlântico na desembocadura, despejando botes lotados de turistas extasiados com toda a beleza e originalidade.

Cheguei ao fim de meu périplo de rio em rio, extasiando-me com as águas e amando cada curva que se apresentava aos meus olhos abertos, deslumbrados e cansados, de tanta água correndo, cantando, saltando em redemoinho, frias, quentes, barrentas, translúcidas, coroadas com florestas densas, com campos

agrestes, com trigais, vinhedos, canaviais, laranjais, enfim o nosso planeta Terra diante desta Geografia Humanista, apaixonantemente aquática.

*O rio se arrasta veste sua realidade
de água em contínuo movimento
(pescadores cor de barro perfuram a flor
do rio com a força de seus remos
traçam em seu trajeto inclinados sobre a proa
a perspectiva do reflexo das águas)
O filho do rio contempla a imobilidade
Aspirando à sua realidade de pedra
Diálogo amoroso entre animal e mineral*

Marcos Siscar. **Rio Verdadeiro**, p. 164.